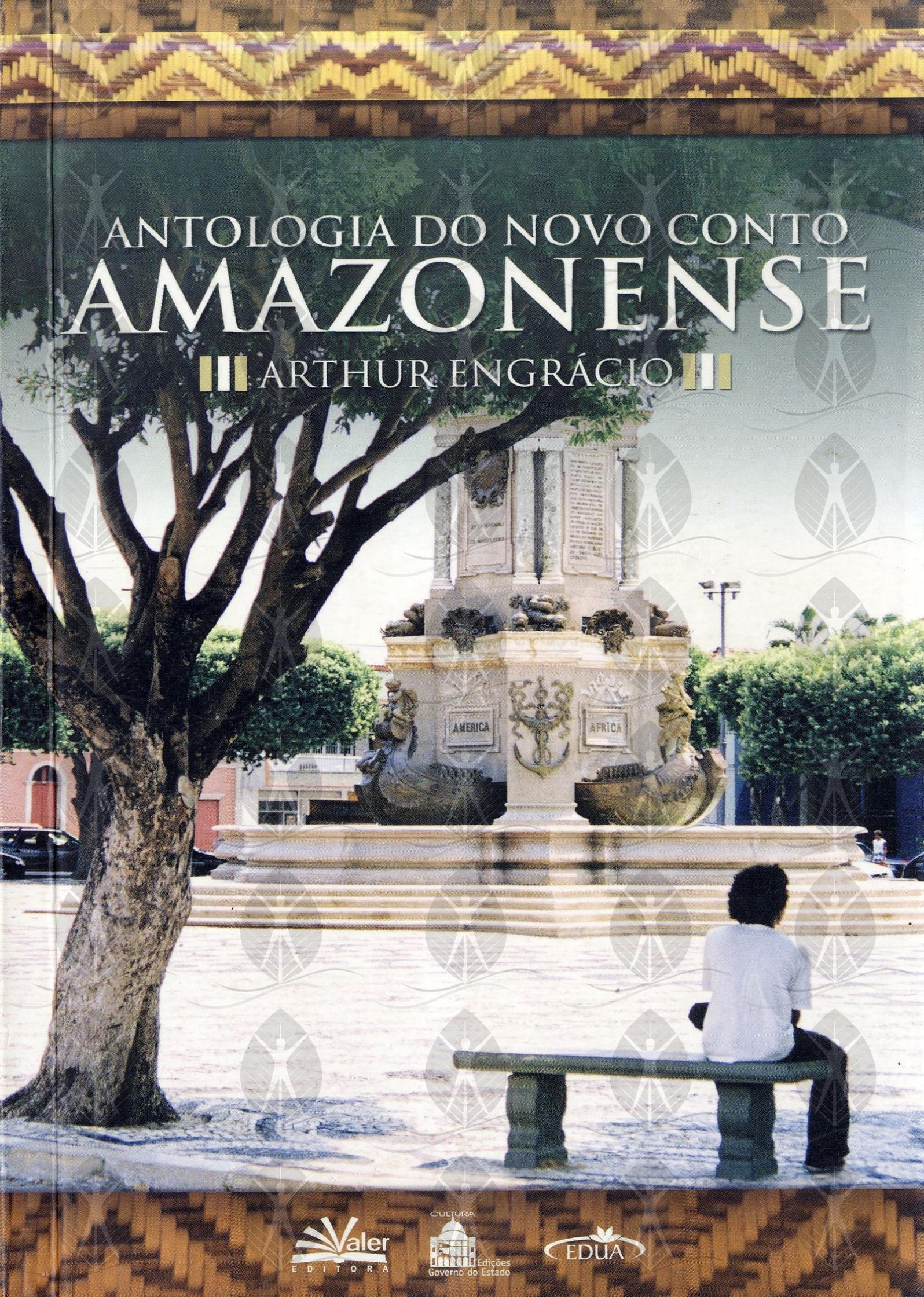


ANTOLOGIA DO NOVO CONTO AMAZONENSE

||| ARTHUR ENGRÁCIO |||



A *Antologia do Novo Conto Amazonense* representa, em prosa, o correspondente à *Pequena antologia Madrugada*, em poesia, no panorama da moderna literatura praticada no Amazonas. A antologia de poesia, com seleção, prefácio e notas de Jorge Tufic, apareceu em 1958, constituindo a primeira manifestação coletiva do esforço criador dos jovens reunidos no Clube da Madrugada. A seleta de prosa, esta que hoje surge em segunda edição, originalmente organizada com apresentação, notas biográficas e seleção de Arthur Engrácio, saiu em 1971, 13 anos depois da de poesia, a demonstrar, quem sabe, que o tempo de maturação do ficcionista prosador foi mais demorado que o do poeta no processo de renovação das letras amazonenses. Até porque há nomes que se encontram arrolados nas duas coletâneas, casos de Alencar e Silva, Antísthenes Pinto, Guimarães de Paula, Jorge Tufic e L. Ruas.

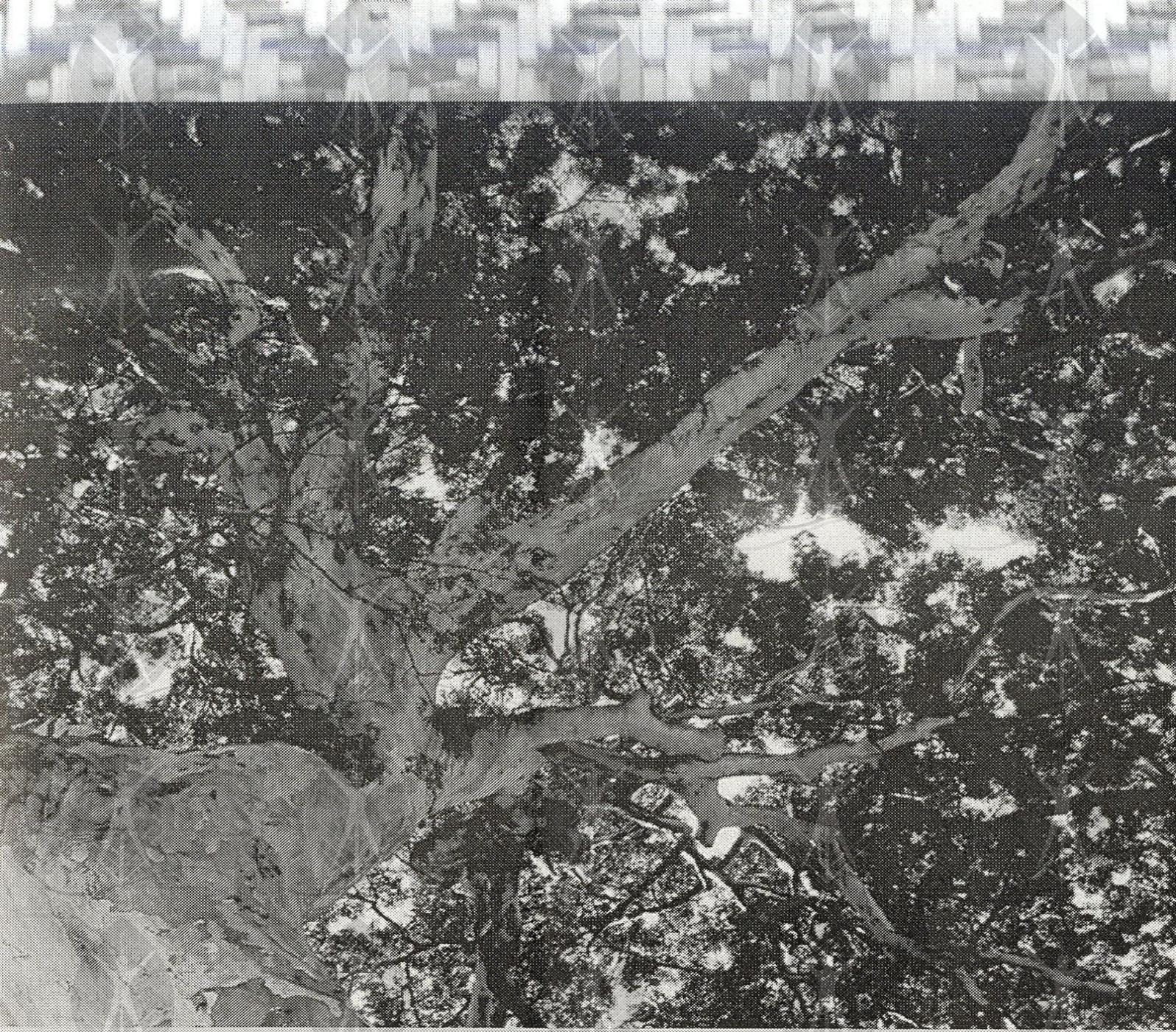
Observa-se, ainda, que, entre os autores aqui reunidos, muitos vingaram como contistas e um tanto deles ficou restrito aos trabalhos enfiados neste livro. Outros, como se observa em Alencar e Silva, Ernesto Penafort, Guimarães de Paula, Jorge Tufic e L. Ruas exerceram a prosa de ficção de forma bissexta, se compararmos com a intensa atividade que os distinguiram na construção de uma obra volumosa e expressiva no âmbito da poesia.

Há o sucedido com Aluísio Sampaio, dedicado às atividades do jornalismo literário, à crítica e ao ensaio. Aluísio foi raptado pelo anseio que orientou a sua juventude na organização e administração das promoções do Clube da Madrugada.

Foi ele quem editou a página literária que o Clube manteve em *O Jornal* por mais de 10 (dez) anos. A sua profissão de escritor ficou reduzida aos projetos que, enfim, não se sabe se permaneceram iniciados em textos deixados no seu acervo pessoal após a sua morte. Igualmente acontecendo com Ernesto Pinho Filho, aplicado aos estudos amazônicos, e Luiz de Miranda Corrêa, consagrado às funções de administrador público de órgãos de cultura, produtor cultural e aos estudos sociais, à história e a interpretação da Amazônia.

Entre eles o mais notório é o exemplo de Antísthenes Pinto. Paralelamente aos inúmeros livros de poemas, o poeta de *Sombra e asfalto* trouxe à luz uma considerável contribuição no terreno do romance, da novela e do conto.

Verifica-se, ainda, o caso excepcional de Astrid Cabral. Ao se revelar como uma das mais altas vozes da poesia brasileira contemporânea, destacou-se essa notável poeta e professora de Literatura, com o seu livro de estréia, um só livro de contos, único em toda a sua produção, intitulado *Alameda* (1963). Vê-se Benjamin Sanches que se projetou, com um livro único também, *O Outro e outros contos* (1963), convertendo-se em um dos mais expressivos do movimento de renovação da prosa de ficção brasileira. E de Carlos Gomes, consumando, na rudeza dos textos com que cuida das mazelas humanas, as virtudes do humor, como que no intuito de amainar o drama das situações que aborda, em *Mundo mundo vasto mundo* (1966).



C O L E C A O

RESGATE

COORDENAÇÃO: TENÓRIO TELLES





Governador do Estado do Amazonas
Eduardo Braga

Vice-Governador
Omar Aziz

Secretário de Estado da Cultura
Robério dos Santos Pereira Braga

Secretária-Executiva
Delzinda Barcelos

Coordenador de Edições
Antonio Auzier

CO-EDIÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Reitor
Hidembergue Ordozgoith da Frota

Editor
Renan Freitas Pinto

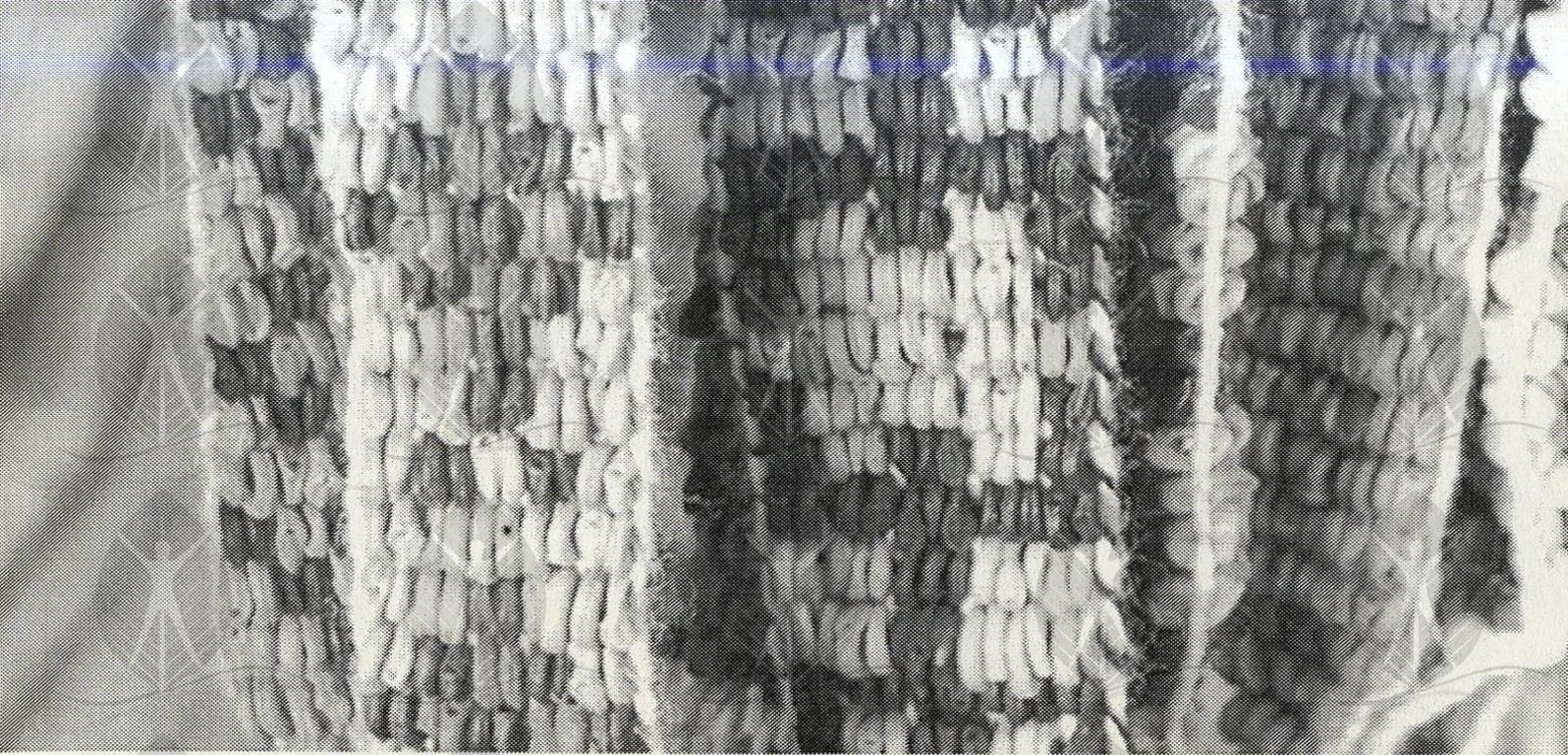
UNINORTE

Presidente
Waldery Areosa

Reitora
Maria Erclia Tribuzy

Esta obra foi realizada em co-edição pela Editora Valer,
Governo do Estado do Amazonas, Edua
e UniNorte, com o patrocínio da Fundação Rede
Amazônica e Rymo da Amazônia.





ANTOLOGIA DO NOVO CONTO AMAZONENSE

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

DEPARTAMENTO DE LITERATURA

PROGRAMA MANIA DE LER

Organizador

**Valer**
EDITORA

**Edições**
Governo do Estado

**EDUA**

Copyright © (desta edição) Editora Valer, 2005

Editor | Isaac Maciel

Coordenação Editorial | Tenório Telles

Projeto Gráfico | Lo-Amami Santos e Wilson Prata

Revisão | Marcos Sena
Sergio Luiz Pereira

Fotos da capa e do miolo | Paulo Pereira
Edimar Barros
Sérgio Fonseca
Wilson Prata

Ficha Catalográfica | Ycaro Verçosa

E58a Engrácio, Arthur.

Antologia do novo conto amazonense. / Arthur Engrácio (org.).
Organização: Tenório Telles. 2ª edição. – Manaus: Editora Valer / Governo
do Estado do Amazonas / Edua / UniNorte, 2005.

152 p.

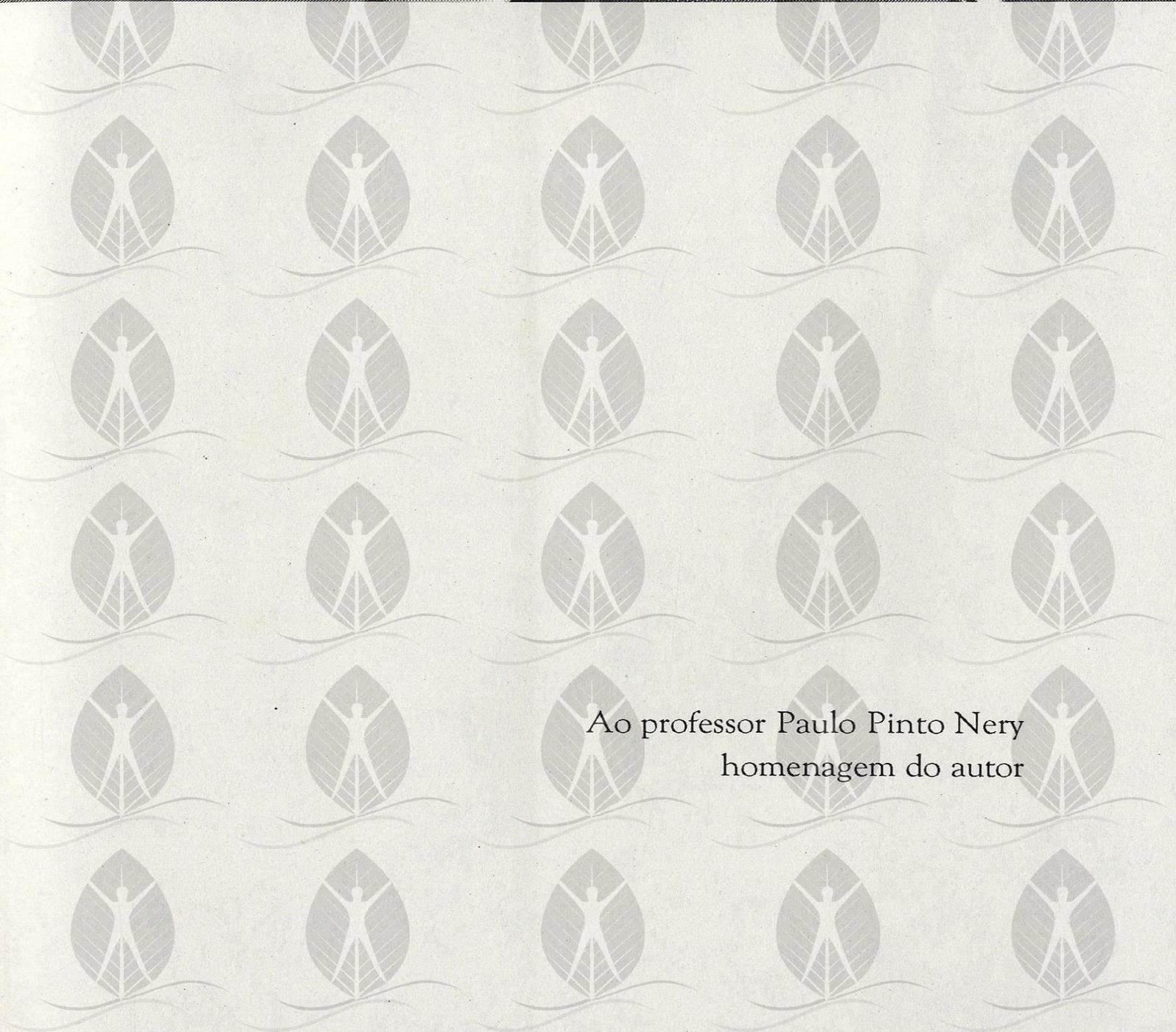
ISBN 85-7512-164-2

1. Literatura brasileira (Amazonas) – Conto. 2. Antologia Literária I. Título.

CDU 82-34(082-2)(811.3)

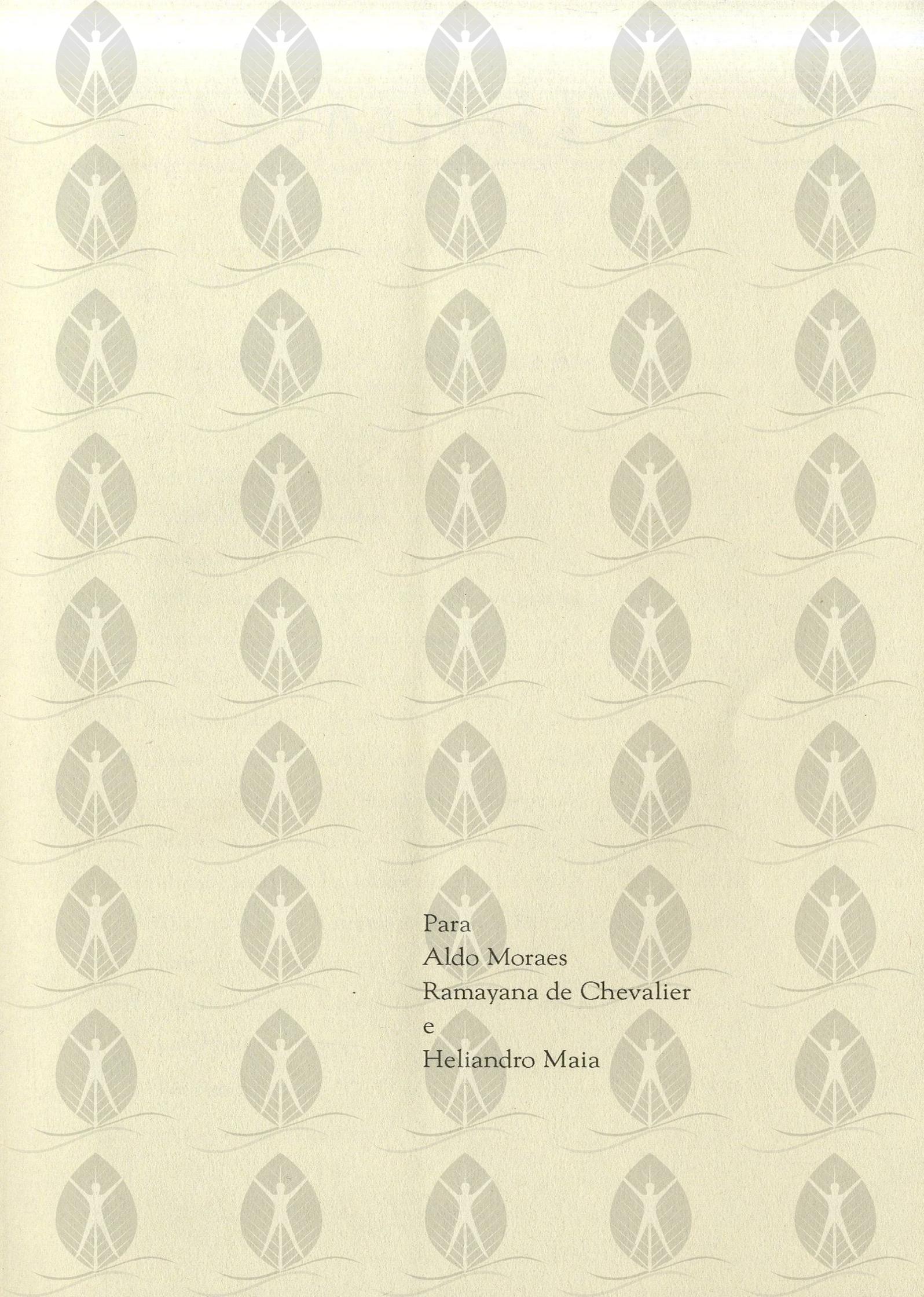
Editora Valer
Rua Ramos Ferreira, 1195
69010-120, Manaus-AM
Fone: (0xx92) 633-6565
E-mail: editora@valer.com.br
www.valer.com.br

Editora da Universidade Federal do
Amazonas
Rua Monsenhor Coutinho, 724 – Centro
69010-110, Manaus-AM
Telefax: (0xx92) 231-1139
E-mail: edua@fua.br



Ao professor Paulo Pinto Nery
homenagem do autor





Para
Aldo Moraes
Ramayana de Chevalier
e
Heliandro Maia

SUMÁRIO

Clube da Madrugada – 50 anos de História	13
Apresentação	15

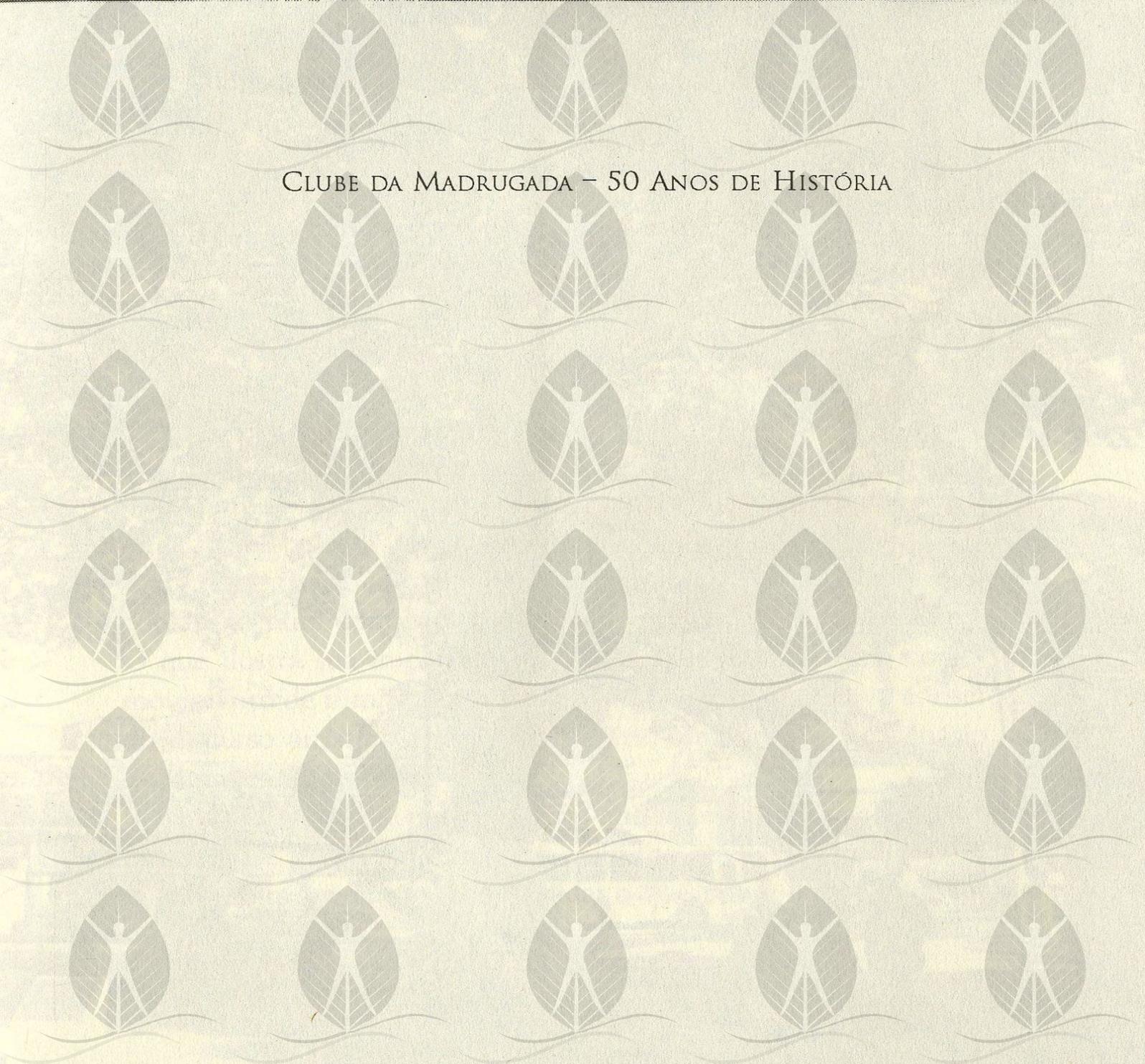
ANTOLOGIA DO NOVO CONTO AMAZONENSE

1. Alencar e Silva – A Jaula	21
2. Astrid Cabral – A Agonia da rosa	27
3. Antísthenes Pinto – Muro de faces	33
4. Aluísio Sampaio – O Espelho em frente	39
5. Arthur Engrácio – Áspero chão de Santa Rita	47
6. Benjamin Sanches – Touro Guarujá	57
7. Carlos Gomes – Rosa de carne	65
8. Erasmo Linhares – Beribéri	71
9. Ernesto Penafort – Os Peixes da chuva	79
10. Ernesto Pinho Filho – Conosco os ingênuos: aleluia! aleluia! ..	85
11. Francisco Vasconcelos – O Menino e a lei	95
12. Guimarães de Paula – Lapa, 1953	101
13. Getúlio Alho – Noturno da Praça de São Sebastião	107
14. Jorge Tufic – Janela azul	113
15. Luiz de Miranda Corrêa – O Kyrie de Itaporanga	119
16. Luiz Ruas – A Morta	125
17. Péricles Sanches – Tia Ema	131
Arthur Engrácio – Vida e Literatura	115

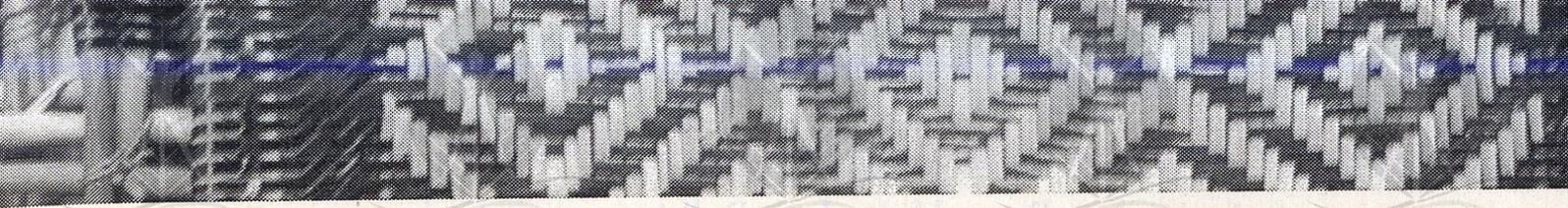




CLUBE DA MADRUGADA – 50 ANOS DE HISTÓRIA







CLUBE DA MADRUGADA – 50 ANOS DE HISTÓRIA

A literatura é um dos frutos da civilização. O escritor é o cronista do seu tempo, a quem cabe a tarefa de registrar, através de seus escritos, os anseios e inconstância da condição humana. Instrumento do criador, a linguagem nasceu do desejo de evocar o espanto e o fascínio do ser humano diante do mundo – sua magia, cores, formas e beleza.

O legado dos intelectuais e artistas que escreveram a História do Clube da Madrugada é uma evidência da missão que cabe aos criadores e dos compromissos que têm com a vida, com a arte e com a depuração espiritual do ser humano. O Clube nasceu da inquietação de seus jovens fundadores diante da realidade provinciana que os sufocava e do desejo de renovação da mentalidade cultural e transformação das condições de vida da sociedade.

Movidos por um forte anseio de liberdade, os artistas e intelectuais que lançaram as bases do movimento viviam uma ânsia de mudança na cultura e na vida. Objetivavam realizar uma arte identificada com a realidade regional, retratando os habitantes desse vasto mundo verde em suas medidas, desmistificando-os e enfocando-os de forma crítica.

Esse desejo de atualização cultural e renovação das artes se constituiu num dos objetivos fundamentais do Clube da Madrugada. O que ilustra sua importância e seu significado histórico como um movimento de ilimitada amplitude cultural, que objetivava a inserção do discurso artístico e do fazer literário amazonense no cenário do Modernismo brasileiro.

Influenciados pelo espírito que moveu os idealizadores da Semana de Arte Moderna, os clubistas desejavam o novo e um diálogo, sem mediação, com a vida, o que talvez explique o fato de

terem transformado a Praça Heliodoro Balbi no cenário de suas ações, tendo como ponto de encontro o Café do Pina, e o Mulateiro como porto e palco de eventos e celebrações culturais – símbolo do movimento Madrugada e metáfora do papel que a arte e os artistas têm a cumprir no mundo.

A verdade é que não fomos mais os mesmos depois do Clube, o movimento marcou definitivamente nosso modo de olhar e nos pensar diante da realidade. A vida cultural no Amazonas se fraturou em dois momentos: antes e depois do movimento Madrugada. Pelo seu alcance e conseqüências foi a experiência cultural mais significativa em termos artísticos da História do Amazonas. Ao mesmo tempo em que afirmou a possibilidade de consolidação de uma tradição do conhecimento e artística entre nós.

Este gesto editorial, traduzido na reedição das obras dos autores representativos do Clube da Madrugada, é um tributo que a editora Valer e seus parceiros, em especial a Secretaria de Cultura, prestam à luta desses artistas que trabalharam pela reinvenção e renovação da nossa mentalidade artística, como também do modo de nos pensar no mundo. Objetiva resgatar e fixar essa memória, compartilhando-a com as novas gerações. É uma homenagem pelos 50 anos de História.

O impulso que nos move é o mesmo que motivou aqueles jovens a criar, na madrugada do dia 22 de novembro de 1954, o Clube da Madrugada, que se tornou dia e floresceu nas cores de seus pintores, na inquietude de seus intelectuais e nos versos de seus poetas. Fez-se. E suas obras ficam como testemunho de nossa sensibilidade e presença no mundo, do que poderíamos ter sido. É um tributo à ousadia desses artistas e um presente ao povo do Amazonas – especialmente aos que amam as palavras e a beleza.

Os Editores

APRESENTAÇÃO

Elson Farias*

A *Antologia do novo conto amazonense* representa, em prosa, o correspondente à *Pequena antologia Madrugada*, em poesia, no panorama da moderna literatura praticada no Amazonas. A antologia de poesia, com seleção, prefácio e notas de Jorge Tufic, apareceu em 1958, constituindo a primeira manifestação coletiva do esforço criador dos jovens reunidos no Clube da Madrugada. A seleta de prosa, esta que hoje surge em segunda edição, originalmente organizada com apresentação, notas biográficas e seleção de Arthur Engrácio, saiu em 1971, 13 anos depois da de poesia, a demonstrar, quem sabe, que o tempo de maturação do ficcionista prosador foi mais demorado que o do poeta no processo de renovação das letras amazonenses. Até porque há nomes que se encontram arrolados nas duas coletâneas, casos de Alencar e Silva, Antísthenes Pinto, Guimarães de Paula, Jorge Tufic e L. Ruas.

Observa-se, ainda, que, entre os autores aqui reunidos muitos vingaram como contistas e um tanto deles ficou restrito aos trabalhos enfeixados neste livro. Outros, como se observa em Alencar e Silva, Ernesto Penafort, Guimarães de Paula, Jorge Tufic e L. Ruas exerceram a prosa de ficção de forma bissexta, se compararmos com a intensa atividade que os distinguiram na construção de uma obra volumosa e expressiva no âmbito da poesia.

Há o sucedido com Aluísio Sampaio, dedicado às atividades do jornalismo literário, à crítica e ao ensaio. Aluísio foi raptado pelo anseio que orientou a sua juventude na organização e administração das promoções do Clube da Madrugada. Foi ele quem editou a página

* Elson Farias é poeta e ficcionista, autor de *Barro verde*, *Ciclo das águas*, *Romanceiro* e da série *Aventuras do Zéze na floresta amazônica*. É membro da Academia Amazonense de Letras.

literária que o Clube manteve em *O Jornal* por mais de 10 (dez) anos. A sua profissão de escritor ficou reduzida aos projetos que, enfim, não se sabe se permaneceram iniciados em textos deixados no seu acervo pessoal após a sua morte. Igualmente acontecendo com Ernesto Pinho Filho, aplicado aos estudos amazônicos, e Luiz de Miranda Corrêa, consagrado às funções de administrador público de órgãos de cultura, produtor cultural e aos estudos sociais, à história e à interpretação da Amazônia.

Entre eles, o mais notório é o exemplo de Antísthenes Pinto. Paralelamente aos inúmeros livros de poesia, o poeta de *Sombra e asfalto* trouxe à luz uma considerável contribuição no terreno do romance, da novela e do conto.

Verifica-se, ainda, o caso excepcional de Astrid Cabral. Ao se revelar como uma das mais altas vozes da poesia brasileira contemporânea, destacou-se essa notável poeta e professora de Literatura, com o seu livro de estréia, um só livro de contos, único em toda a sua produção, intitulado *Alameda* (1963). Vê-se Benjamin Sanches que se projetou, com um livro único também, *O outro e outros contos* (1963), convertendo-se em um dos mais expressivos do movimento de renovação da prosa de ficção brasileira. E de Carlos Gomes, consumando, na rudeza dos textos com que cuida das mazelas humanas, as virtudes do humor, como que no intuito de amainar o drama das situações que aborda, em *Mundo mundo vasto mundo* (1966).

Dedicados exclusivamente ao conto e a outras formas de manifestação da prosa de ficção ficaram, em toda a sua trajetória de escritores, Erasmo Linhares, Francisco Vasconcelos, Getúlio Alho, Péricles Sanches e o próprio Arthur Engrácio, organizador da coletânea. Engrácio foi um incansável trabalhador da prosa. Ao desaparecer, em pleno fulgor de sua atividade criadora, deixou publicada uma obra significativa em contos, romances, crônicas e ensaios de crítica literária.

Conforme deve acontecer com as antologias, esta reunião de contos concentra o que havia de mais significativo no trabalho dos autores arrolados em 1971. Traz a lume, na sua maioria, a preocupação

daqueles jovens com a análise do mundo interior, os conflitos íntimos, na linha de introspecção que dominou uma larga faixa de ficcionistas brasileiros no período, a abordagem dos universos levantados nos ambientes urbanos por onde andaram aqueles jovens autores. “A Jaula” (Alencar e Silva), “A Agonia da rosa” (Astrid Cabral), “Muro de faces” (Antísthenes Pinto), “O Espelho em frente” (Aluísio Sampaio), “Touro Guarujá” (Benjamin Sanches), “Os Peixes da chuva” (Ernesto Penafort), “Conosco os ingênuos: aleluia! aleluia!” (Ernesto Pinho Filho), “Lapa, 1953” (Guimarães de Paula), “Noturno da Praça de São Sebastião” (Getúlio Alho), “Janela azul” (Jorge Tufic), “A Morta” (L. Ruas) e “Tia Ema” (Péricles Sanches).

Envolvidos pelas preocupações de ordem metafísica, vinculados a especulações de natureza psicológica, havia uns poucos, entre aqueles jovens autores, que revelavam, em seus contos, a preocupação com questões sociais. Mas, em verdade, ao fim e ao cabo, todos os madrugadores se inquietavam com as questões sociais, embora pouco se consiga detectar dessas preocupações em seus contos. O problema social era um fenômeno unânime verificado na postura ideológica de todos eles, não conseguindo, apesar disso, cristalizar-se em termos de expressão literária. Nessa linha, de forma clara e mais evidente, está apenas “Beribéri”, de Erasmo Linhares, e “O Menino e a lei”, de Francisco Vasconcelos.

Do ponto de vista do conteúdo ambiental as narrativas prendem-se a situações e personagens circunscritos ao meio urbano, divorciadas, portanto, do mundo amazônico dos rios e da floresta. Exceção de Arthur Engrácio no “Áspero chão de Santa Rita”, que reconstrói o universo da beira do rio, os pequenos e grandes dramas do homem dos lagos e igarapés. Narra, num texto repleto de metáforas, como neste trecho: “*A mata nesse tempo já era uma negridão só. Os carapanãs, minúsculos zíngaros endiabrados, surdinando-surdinando iam afinando os violinos para logo mais atacar na orquestra regida pelo Sapo-Boi. Milhares de outros insetos saiam dos seus esconderijos e começavam os seus trabalhos de azucrinação. O coronel, demonstrando fadiga, fez sinal para que parassem*”.

De Carlos Gomes que, no seu “Rosa de carne”, mostra o drama de uma família vinda do interior para aventurar a vida na cidade. *Família pobre com a graça de Deus, mas honrada. Eram-no, realmente. Tinham vindo de um interior distante, os trastes alienaram lá mesmo, para custearem os primeiros meses na cidade. O chefe esperava conseguir emprego, não conseguiu. Viviam de vender balas de cupuaçu, o marido às vezes pegava biscates, a mulher também lavava roupa pra fora.*

E de Luiz de Miranda Corrêa com o seu “Kyrie de Itaporanga”, que situa o meio urbano dos acontecidos às margens do rio, numa cidade amazônica, portanto. Conta o conto: *Pouco a pouco a canoa se aproximava do barranco escarpado, apresentando sinais de seca das grandes. A lama grossa anunciava arraias e os garotos evitavam o lodaçal com respeito. Encarapitada no alto da margem, Itaporanga acordava para mais um dia sem futuro (...).*

Por serem todos escritores muito jovens, na maturidade alguns deles tomaram rumos diferentes. Antísthenes Pinto, após um longo período passado numa comunidade plantada às margens do rio, em contacto próximo com o movimento das águas e dos trabalhadores do mato, converteu-se em um dos seus intérpretes. Em sua obra romanesca deixou livros como *Terra firme* (1970) e *Várzea dos afogados* (1982), totalmente dedicados ao registro das vidas e dos dramas do homem do rio. Arthur Engrácio, que veio do interior, das barrancas do rio Madeira, prosseguiu numa obra dedicada a interpretar o dia a dia da sua gente.

Enfim, esta antologia revela a diversidade, a pluralidade, as várias tendências dos mais ativos atores do Movimento Madrugada. Exemplo de trabalho sério e consciente de quem desejava mudar, embora por caminhos múltiplos, mas sempre nos rumos da renovação das atividades artísticas e de comportamento em relação ao mundo. Este livro constitui um documento importante e a sua reedição é mais um gol de placa realizado pela Valer, editora amazonense de tantas aventuras, vitórias e lutas.

ANTOLOGIA DO NOVO CONTO AMAZONENSE



ALENCAR E SILVA

Nascido em Fonte Boa, Amazonas, a 21 de setembro de 1930, Alencar e Silva, aos 22 anos de idade publicou seu primeiro livro, *Painéis*, uma coletânea de poemas de inspiração simbolista-parnasiana, que lhe valeu logo a admiração do público e da crítica, que viu no jovem estreante a revelação de um autêntico poeta.

Já fez jornalismo, é cronista muito apreciado e ensaísta. Teve participação ativa no movimento Madrugada, ao qual se deve a renovação dos padrões artísticos e literários, no Amazonas. Em 1965 publica seu segundo livro, também de poemas, intitulado *Lunamarga*, obra que lhe assegura, de forma definitiva, lugar de destaque entre os melhores poetas brasileiros da sua geração.

Como ficcionista, Joaquim de Alencar e Silva há limitado sua atividade entre o conto e a novela, tendo já quase concluído, neste último gênero, o livro *O vale dos passageiros*. No campo da ensaística, possui diversos trabalhos – alguns já publicados na imprensa – sobre a nova poesia amazonense, que espera lançar, enfeixados em livro, até o fim deste ano. Está incluído nas seguintes antologias: *Lira Amazônica – Antologia*, de Anísio Mello; *Seleção Literária do Amazonas*, de José dos Santos Lins; *Pequena Antologia Madrugada*, de Jorge Tufic e *Antologia da Cultura Amazônica*, de Carlos Rocque.

É membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, do Clube da Madrugada e da União Brasileira de Escritores, seção do Amazonas, integrando, atualmente, a direção das duas primeiras entidades.

A JAULA

Agora estava ali, estirado sobre a cama infecta, o suor em bagas secando e escorrendo em estranha sensação de alívio pelo corpo seco, fera pensante. Em pouco seria a claridade, a libertação, a jaula despedaçada. A velha escada não rangeria mais sob seus pés e para sempre suas mãos deixariam de avançar, trêmulas e aflitas, pelo corrimão, na obscuridade perpétua em que vivem mergulhados escada e corredor. De que cor seriam as paredes? Difícil imaginar que ali tivesse penetrado algum dia um pouco de luz. Talvez antes de coberta a casa. Mas, antes, não havia a casa. Só depois de coberta é que casa é casa. De cal pura, na melhor das hipóteses, seria a pintura. Instalação elétrica jamais existira. Lembrava-se de que, a princípio, adquirira uma lanterna de pilhas – que a vista não distinguia além dos dois ou três degraus iniciais. Mas não se interessara então pela cor das paredes. Amarelo, o círculo de luz, subindo ou descendo, projetava apenas sobre a escada. Sujíssima já nesse tempo e certamente jamais varrida. A Velha, como ele referia mentalmente a proprietária, exalava de si abominável mau cheiro de sarro e coisa suja abafada, que acabara por empestar de todo o ambiente, tornando-o irrespirável. Mas, no fundo, perdoava a Velha e transferira todo o seu ódio para o monstro que construía aquela coisa, monstruoso caixão de pedra erguido sobre a casaria familiar. A própria fachada mais se assemelhava a um flanco de presídio. Além da porta, nada mais: a parede erguia-se lisa numa tonalidade suja indefinível. E, dentro, o ar parecia jamais renovar-se. Quando fora para ali? Lembrava-se de uns breves dias de espanto na cidade grande. O mar não lhe causara qualquer impressão, senão um certo desapontamento. Por que o mar não seria doce? Já não lhe bastava aquele travo constante na garganta? Pra que mais mar? No primeiro

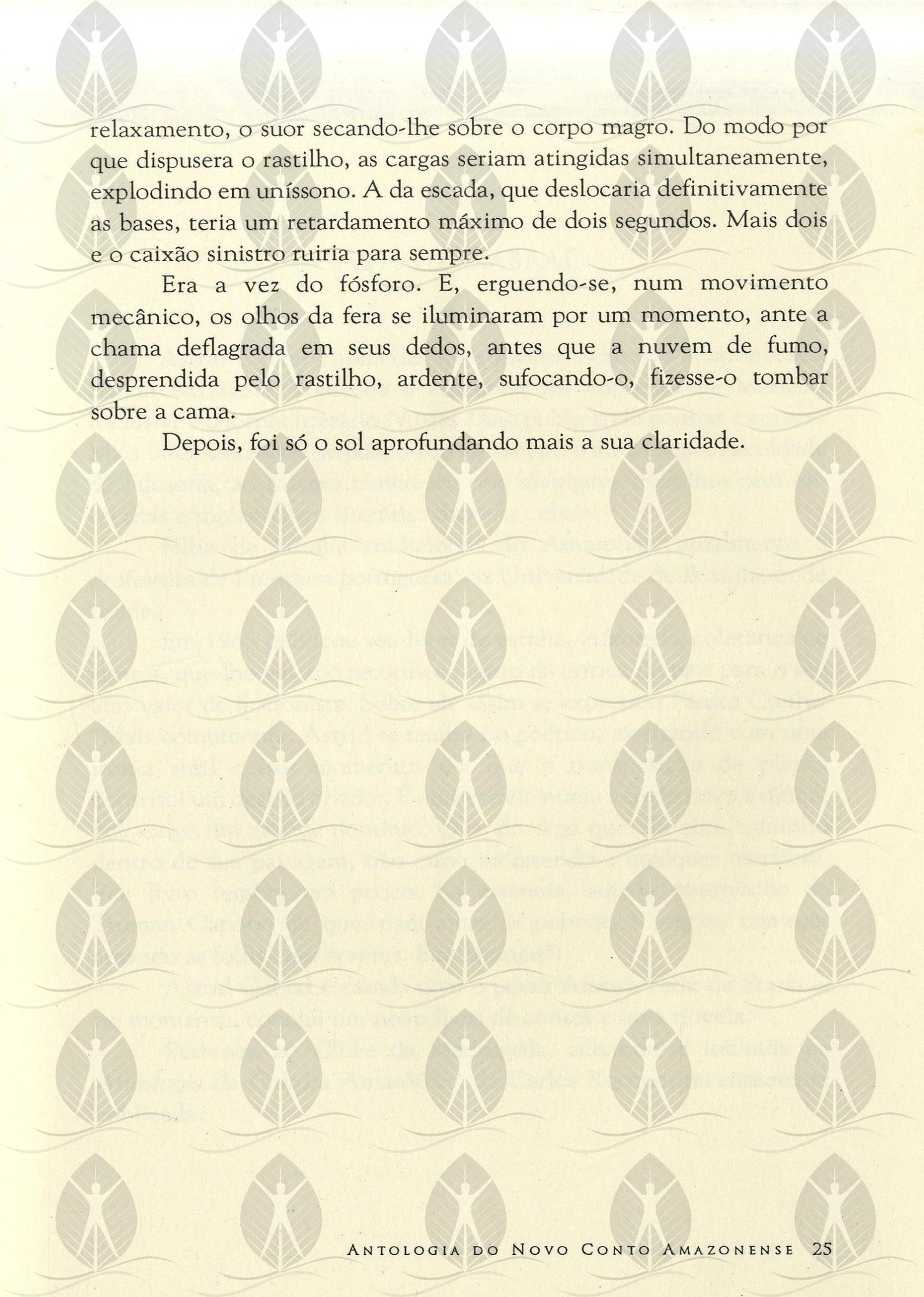
dia, deixara a porta e a janela de seu quarto abertas, na esperança de que um pouco de ar esbatesse o mau cheiro. Terrível engano. Não pudera dormir. A fedentina impregnara-se nos lençóis e parecia mover-se em ondas no ar parado do cubículo. Não dormira nem pudera permanecer ali. Andara a noite toda pela redondeza, como um bicho que se visse expulso de sua toca. Não tivesse pago adiantado e lá não voltaria. Mas, sem dinheiro, para onde ir? Percorrera dezenas de pensões. Todas superiores às suas minguadas posses. E o último dinheiro havia entregue à Velha. Mal clareava o dia, pusera em prática o único recurso à mão, entornando creolina, do quarto à porta da rua. De pouco adiantara o expediente. Pior: servira apenas para “abrandar” o processo de aceitação do fato consumado, acabando por habituar-se à atmosfera repugnante. Quanto tempo faria? Dez anos? Um século? Só sabia que transcorreria o tempo justo para que um homem se desvincule de tudo e de si próprio e em seu lugar bóie a fera com sua fria lucidez.

* * *

Tudo estava feito. Só lhe cabia agora esperar. E, estranho, pela primeira vez, a espera lhe parecia doce e proveitosa. Com uma quase ternura, seus olhos acompanhavam volutuosamente os pequenos saltos do ponteiro. “Em breve” – pensava, enquanto seus lábios se arregaçavam num esgar animal – “o sol se despejará neste buraco”.

Teria tempo para apreciar a claridade precipitando-se em cachoeira sobre os escombros? Só essa possibilidade tonteava-o, reacendendo-lhe nos olhos a paixão das feras. O espetáculo lhe purgaria de todas as misérias. As sombras que se alojavam nos diversos cubículos do cortiço tentariam, de certo, uma fuga impossível, como ratos espantados. Mas, tombariam todos fulminados. Afinal de contas, concluía, sem nenhuma pena, eram todos como ele animais enjaulados. Só que não lhes ocorrera despedaçar a jaula.

Conferir, já conferira tudo. Tudo certo. Matematicamente certo. Por isso que, possuído dessa certeza, permitira-se um último



relaxamento, o suor secando-lhe sobre o corpo magro. Do modo por que dispusera o rastilho, as cargas seriam atingidas simultaneamente, explodindo em unísono. A da escada, que deslocaria definitivamente as bases, teria um retardamento máximo de dois segundos. Mais dois e o caixão sinistro ruiria para sempre.

Era a vez do fósforo. E, erguendo-se, num movimento mecânico, os olhos da fera se iluminaram por um momento, ante a chama deflagrada em seus dedos, antes que a nuvem de fumo, despreendida pelo rastilho, ardente, sufocando-o, fizesse-o tombar sobre a cama.

Depois, foi só o sol aprofundando mais a sua claridade.

ASTRID CABRAL

Astrid Cabral é uma das mais jovens escritoras amazonenses. Ainda estudante, começou a colaborar na imprensa de Manaus, inclusive no jornal literário *Nossos Dias*, publicando poesias e contos. Mais tarde transferiu-se para o Rio de Janeiro e ali cursou a Faculdade de Filosofia, ao mesmo tempo em que divulgava trabalhos seus em revistas e suplementos literários daquela cidade.

Filha de família tradicional do Amazonas, atualmente é professora de literatura portuguesa, na Universidade de Brasília, onde reside.

Em 1963 publicou seu livro de estréia, *Alameda*, coletânea de contos, que lhe valeu o reconhecimento da crítica do país para o seu alto valor de ficcionista. Sobre ele assim se expressou Fausto Cunha: “Mais comumente, Astrid se realiza no poético, matizando com uma ironia sutil certos momentos em que a transposição de planos constitui um desafio criador. É uma estréia numa vereda nova e difícil, que exige um grande domínio. Quando digo que ela abre caminho dentro de sua paisagem, não estou recorrendo a qualquer metáfora. Seu livro lembra um pouco, na essência, aquela observação de Truman Capote, de que, para amar as pessoas, é preciso começar amando as folhas das árvores. E as laranjas”.

Astrid Cabral é casada com o poeta Afonso Felix de Souza e, no momento, conclui um novo livro de contos e uma novela.

Pertence ao Clube da Madrugada, achando-se incluída na *Antologia da Cultura Amazônica*, de Carlos Rocque, recentemente publicada.

A AGONIA DA ROSA

Sua carnação começava a tomar ares de papel crepom – a mesma secura, a cútis engelhada. Constatou com certo despreendimento – “Estou parecida com as rosas de couro que se estatelam durinhas, compenetradas de sua elegância nas *vitrines* dos *magazins*”. Ora que destino, esse percurso da novidade enaltecida de altos preços à liquidação mais humilhante! E fora do quadrado de vidro, dentro das caixas de celofane plástico arrumadas em pilhas, que as aguardava? O desdém de uma gorducha que sorria experimentando uns botões na gola: – “Não me assenta, fico sufocada”. Ou apenas alguns passeios no peito de outra dama, quando necessário fosse complementar a *toilette*. No mais, encarcerada numa gaveta entre naftalinas vigilantes, sempre na defensiva das traças. Não, essas suas irmãs de mentira, nascidas de tesouras e ferrinhos eram de fato muito tolas, idiotas, podia afirmar. Duravam mais, é certo, mas para quê? se a vida postiça não lhes permitia gozar a carícia de um chuvisco, o sol brincando de esconde-esconde em seus corpos, ou ainda o embalo do vento alvoroçando folhas e vergando hastes.

Pontos de vista, pensou, mas logo um novo pensamento deixou-a sem conclusão. Por que seria ela uma rosa legítima, nascida da terra, do mesmo chão que gerara as avós de suas avós, enfim toda a dinastia das rosas cor de sangue, e não simplesmente uma rosa improvisada, feita à sua semelhança como uma sombra?

Era tão difícil como descobrir porque não era girassol ou camélia. Durante algum tempo julgara que a resposta certa estava no espaço, nas fronteiras entre os canteiros. Quem brotasse no cercado à direita (não podia de nenhum modo esquecer o jardim em que nascera) seria seguramente girassol, enquanto que à esquerda só desabrochavam touceiras de junquinhos. Esta foi sua concepção até

àquela tardezinha quando ali a seu lado, deparou com um botão de junquilha adolescente, as pétalas cerradas, medrosas talvez do próprio ar, o ar de junho que era frio e bastante enevoadado. Então compreendeu que os canteiros não significavam grande coisa e quem sabe, má coisa desde que impunham uma solidão obrigatória, e o isolamento das outras flores, o que havia de pior. Além disso lembrar o que vira pelos campos, ao atravessar num vagão de trem, o povoado com destino ao mercado de flores da cidade próxima?! Era invejável como cresciam os amores-perfeitos e as hortênsias, livremente vizinhos um do outro.

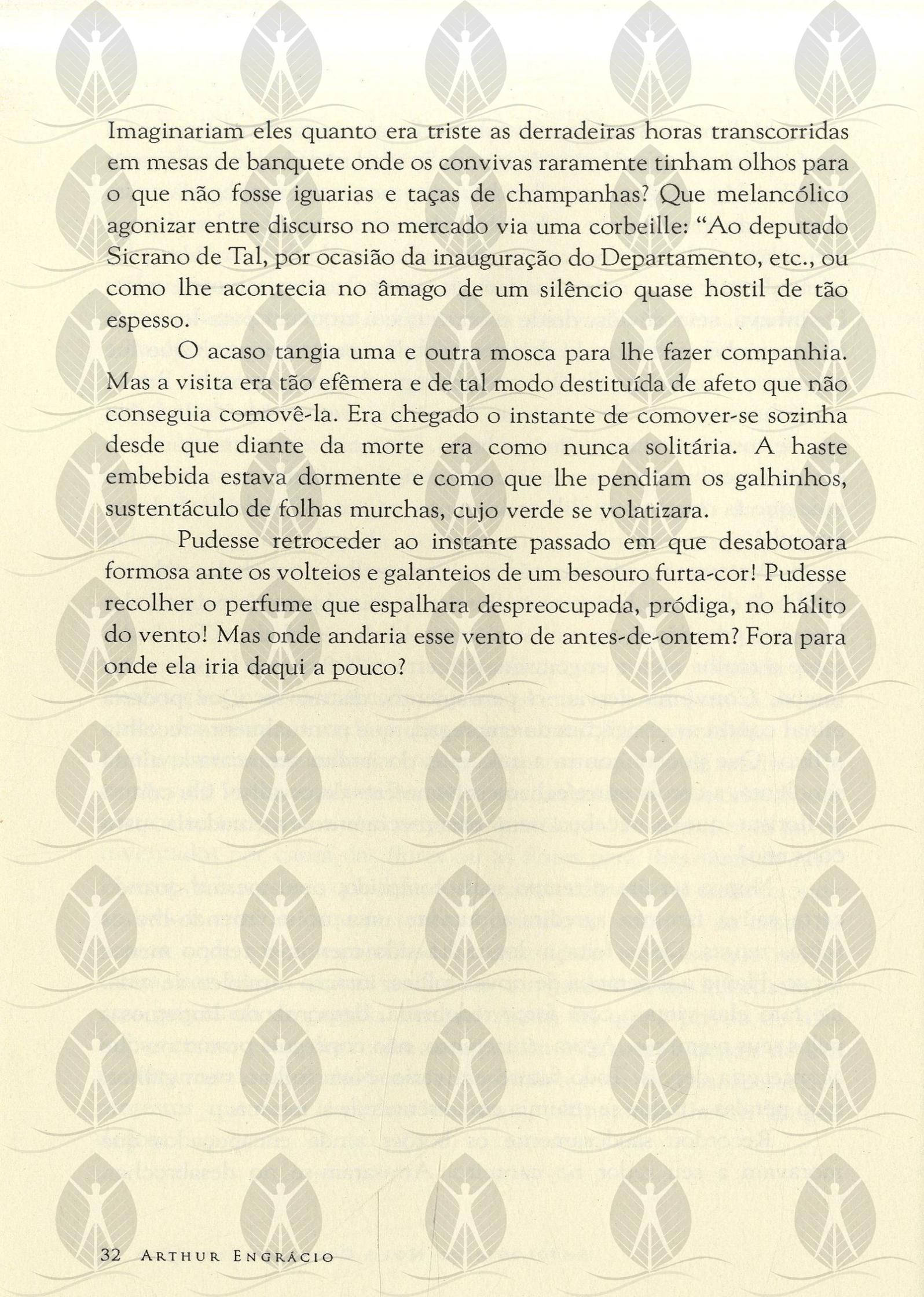
Voltavam as perguntas. Por que não nascera ali no campo, onde era mais simples respirar e continuar sem que mão nenhuma viesse colhê-la? Continuar sem sobressaltos, sem medo da própria beleza, sempre cobiçada pelos homens. Antes tranqüilamente aguardar, sem lancinantes talhos e arames impiedosos, a velhice mansa quase impressentida que anestesia toda amargura do fim. Não fora rosa de plantação e morreria onde nascera adubando a mesma terra que perfumara. Rosa de floricultura, e estava rotulada para exportação, para o mercado. Quem plantaria rosas para o deleite único dos olhos, amando-as por elas mesmas? Em torno delas, havia infalivelmente segundas intenções. A mania esquisita de servirem de cartões de visita requintados, de serem reduzidas a acessório. Neste particular, intrigava-a uma pequena questão: – “Teriam sido os jarros inventados por causa das flores ou as flores para lhes fazerem jus?” Parecia de bom senso que delas fosse a antecedência, no entanto onde andava o critério daquela senhora quando ao retirá-la da cesta de juncos onde viera, espartilhada e entaniçada em pose que nunca tivera, condenara-a com mais duas companheiras de infortúnio, a uma porcelana de gargalo estreito? Assim foi que a privou de suas folhas como quem depenasse uma pomba inocente, e depois de lhe encurtar o talo repetidas vezes, comprimiu-a entre as duas, apesar dos protestos que seus espinhos emitiram, alfinetando-lhe os longos dedos.

Melhor sorte coubera às palmas-de-santa-rita, mergulhadas em confortável e ampla floreira de cristal. Se o sol não chegasse a aquecê-las, havia água até quase às bordas, pelo menos o dia chegaria cedo, transpondo paredes de vidro delgadas como aquelas. Lembrar a escuridão em que se afogava, apenas a cabeça exposta ao ar, salva para a luz... Pensar que a morte rondava de mais perto se a tratavam mal... Definhava, sem dúvida, desde o corte que a trouxera para longe do chão, seu berço e morada de terra. O talho era a gangrena que lhe minava o corpo sugando-lhe o viço, segundo atrás segundo. Breve, adivinhava, estaria decomposta. As pétalas, retorcidas, desbotadas, não se sustentariam por muitas horas. Destacar-se iam mansamente sem que nenhuma brisa soprasse, pois frágil, fragílima, era a sobra de vida que as retinha, equilibrando-as por mágica no extremo da haste fatigada.

Antevia as pétalas, não mais vermelhas, enroladas sobre a toalha de damasco. Estivesse na floreira de cristal junto às palmas, elas boiariam provisórias canoinhas n'água toldada, sem frescor. Tombadas sobre a toalha alva e engomada, de certo não ficariam lá por muito tempo. Convinha desviar o pensamento, distrair-se. Que poderia afinal contra as obrigações da empregada que pontualmente recolhia o lixo? Que pudera contra a mão que, do jardim arrancara-a, ainda sonolenta, a corola entrefechada sob confetes de orvalho? Ou contra o florista que a recebeu sem enternecimento, mercadoria para consumo?

Nunca sentira o tempo mais comprido, nem mesmo quando certa saúva faminta agredira-a durante uma noite, roendo-lhe as folhas tenras. Dessa feita a dor tinha sido menor, o tempo menos longo. Havia a esperança de novas folhas, intacto o núcleo de vida. De fato elas vieram com força redobrada, despontando impetuosas pelos seus membros. Agora, entretanto, não conseguia pensar no que aconteceria depois. Todo futuro era vazio. Nem folhas, nem galhos, nem pétalas – o que se resumia em ausência de si mesma.

Recordou saudosamente os botões ainda encapuçados que moravam a seu redor no canteiro. Atrasaram-se no desabrochar.



Imaginariam eles quanto era triste as derradeiras horas transcorridas em mesas de banquete onde os convivas raramente tinham olhos para o que não fosse iguarias e taças de champanhas? Que melancólico agonizar entre discurso no mercado via uma corbeille: “Ao deputado Sicrano de Tal, por ocasião da inauguração do Departamento, etc., ou como lhe acontecia no âmago de um silêncio quase hostil de tão espesso.

O acaso tangia uma e outra mosca para lhe fazer companhia. Mas a visita era tão efêmera e de tal modo destituída de afeto que não conseguia comovê-la. Era chegado o instante de comover-se sozinha desde que diante da morte era como nunca solitária. A haste embebida estava dormente e como que lhe pendiam os galhinhos, sustentáculo de folhas murchas, cujo verde se volatizara.

Pudesse retroceder ao instante passado em que desabotoara formosa ante os volteios e galanteios de um besouro furta-cor! Pudesse recolher o perfume que espalhara despreocupada, pródiga, no hálito do vento! Mas onde andaria esse vento de antes-de-ontem? Fora para onde ela iria daqui a pouco?

ANTÍSTHENES PINTO

Antísthenes Pinto nasceu em Manaus, Amazonas, a 28 de novembro de 1929. Iniciou-se no jornalismo em sua cidade natal, transferindo-se depois para a imprensa do sul, onde trabalhou em diversos jornais, inclusive a *Tribuna da Imprensa* e o *Jornal do Brasil*.

Sua estréia, em livro, ocorreu em 1957, com *Sombra e asfalto* (poesia), que o colocou logo em plano destacado no quadro da literatura amazonense. Seis anos depois, em 1963, publica sua segunda coletânea de poemas, *Ossuário*, que teve, ainda desta vez, a melhor acolhida da crítica.

Fazendo uma pausa na poesia, Antísthenes de Oliveira Pinto volta-se para a ficção lançando, em 1967, a novela *Chavascal*, obra de temática amazônica, que situa o autor, segundo alguns críticos, entre os renovadores da linguagem regionalista, em termos de literatura.

Tem prontas para publicar as seguintes obras *Terra firme* (romance), Prêmio Governo do Estado do Amazonas, de 1968; *Angústia numeral* (poesia), *O anjo avançado* (teatro) e *A solidão e os anjos* (romance).

É um dos mais férteis escritores amazonenses e possui trabalhos inseridos nas seguintes antologias: *Antologia da Novíssima Poesia Brasileira* (série II), de Walmyr Ayala; *Lira Amazônica – Antologia*, de Anísio Mello; *Pequena Antologia Madrugada*, de Jorge Tufic e *Antologia da Cultura Amazônica*, de Carlos Rocque.

Pertence ao Clube da Madrugada e à União Brasileira de Escritores.

MURO DE FACES

Vira um pouco pra lá, se eu cair vai haver um estrondo estúpido, queres que eu esmague o Toninho? O corpo de Sandoval escolhe a posição habitual: de bruços. O escuro tapa toda a sordidez do quarto. Um odor podre desprende-se das paredes, das tábuas, ganha corpo entre o seu e o da mulher. Um túmulo, o quarto. Ela me repele, me odeia, vejo nitidamente em seus olhos. Ele não tem mais jeito, é um joguete do vício, acaba me deixando, mais dia menos dia. Hoje Sandoval só me inspira piedade, e saber que o amei com tanta ternura. Preciso encontrar um meio de afastá-lo de minha vida. Desde que a situação desandou Rosa passou a me olhar com outros olhos. Será que?... Não é possível, não creio, sou mesmo um cretino. Mas a vida, bom, ela é diferente, será? Agora é tratar de esquecê-lo completamente, preciso fazer de Toninho um homem, um homem nem que eu tenha que me rebentar contra o mundo.

Rosa reza sem acreditar em nada. Fala com o santo (pronuncia-lhe o nome sem que ninguém possa captá-lo) como se estivesse conversando com uma pessoa de sua intimidade. Pede-lhe forças para suportar, sem transparecer a ninguém, a vida de misérias, onde o próprio sol chega-lhe triste como um pássaro machucado.

Respira assanhando a nuca do filho. Ela dorme. Vou ao bar tomar uma dose, senão a maldita tremedeira não me larga. Muda de posição para ver se de fato a mulher dorme. É, sim, vou sair. Desce, Tateando, até o chão. Veste-se, ganha o corredor bolorento. O vento bate-lhe à carranca, friíssimo. Sandoval saía habitualmente do quarto no meio da noite. Seus pés vencem fáceis a escuridão. Chega à porta. Aquela casa horrenda e imensa pertencera a algum figurão do Império. Hoje, uma “cabeça-de-porco”, todos os quartos numerados à mão, uma casa de cômodos, temida por todo o bairro. Nela a polícia

havia registrado uma pilha de crimes, desde a morte do octogenário pederasta, até o recente assassinato da mãe pelo filho. Moradoras sem qualificação. Frutos da latrina, como dizia a velha Palmira do quarto 6. Duas horas. O tráfego parado, ninguém pelas calçadas. Na esquina a luz cor de gema derramava-se até o meio da rua. Vinha do bar cujo nome Sandoval conhecia, mas não tinha nenhum interesse em guardá-lo. Lá muitas vezes bebera até perder por completo os sentidos. E quando acordava, estava sempre na cama, ao lado da mulher e do filho. Quem é que me leva para casa? Não me lembro absolutamente de andar com estes pés. É algo sobrenatural, disse tenho certeza. Quando eu morrer o meu corpo sairá da catacumba para andar banzando pelas ruas, bebendo cachaça à toa? Estou perdendo o juízo, onde já se viu um morto andando, bebendo?

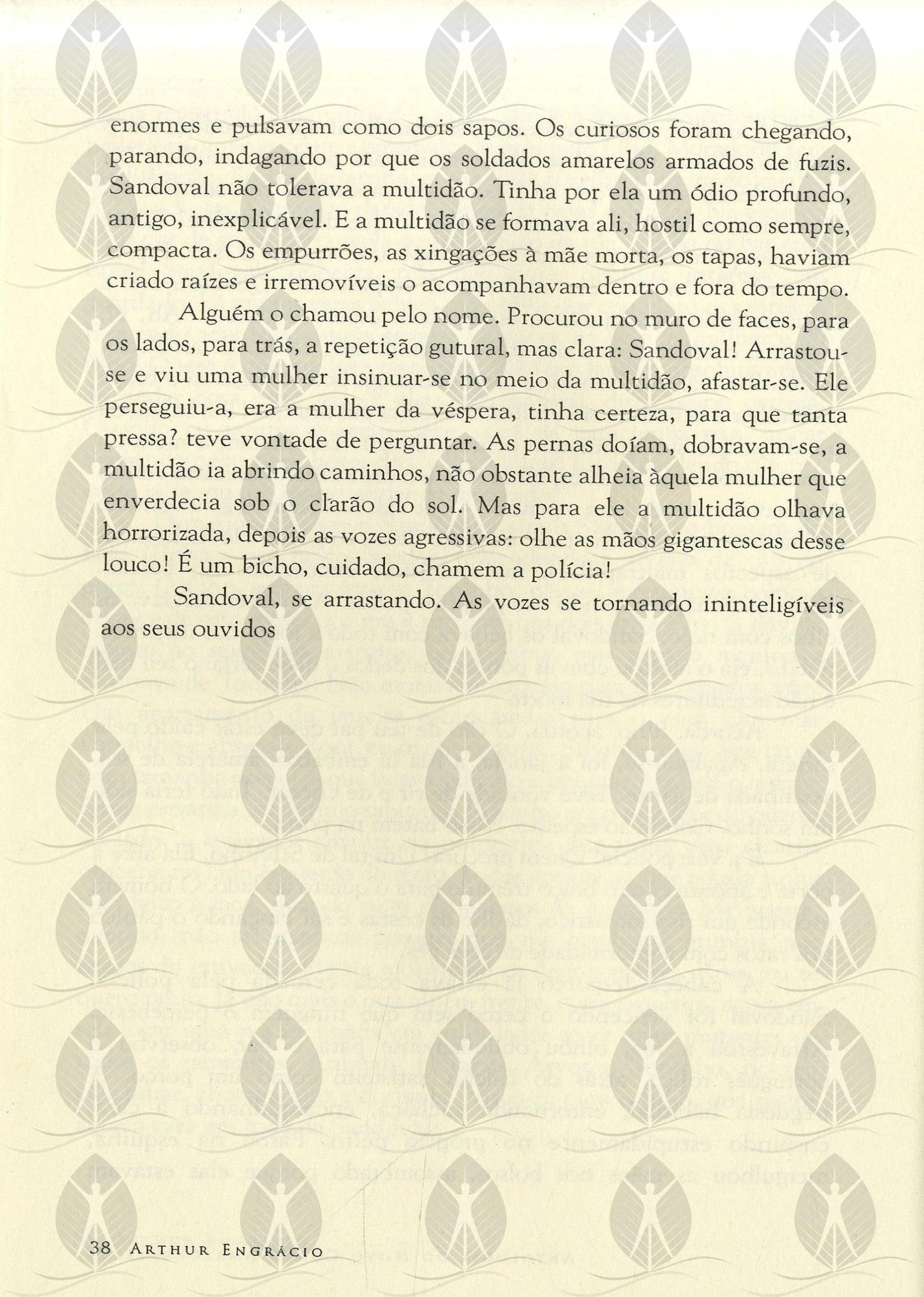
O marido não era o Sandoval e sim o Silvinho, o homem do lado. Tinha-a nos braços suados, rescendendo a víveres de cais do porto. O filho, embora fosse o Toninho, não se apresentava como a criança de oito meses que era e sim com uns dois anos e havia dúvida quanto ao sexo: ora menino, ora menina, mas mesmo menina a chamava de Toninho. Não moravam naquela casa de cômodos, não. Um apartamento de janelas escancaradas para o mar. Um mar vermelho e absurdo. Rosa, eu te quero tanto. Silvinho dizia esse tanto com tamanha preguiça que ficava ridículo e imundo. Mas ela o queria, forma estranha, no íntimo sabia que Silvinho era o morador do quarto ao lado, o estivador amante da nordestina que tinha uma cicatriz obscena no lado esquerdo do rosto. Todos contavam que aquilo tinha sido feito à faca, quando num dos acessos de maconha. Me aperta, querido, não sei explicar porque, mas me machuca! grunhia nos braços do estivador. Ele ria mostrando os dentes podres. Rosa, eu te quero tanto. Já não mais o mar ali em frente, coisa esquisita, agora em seu lugar uma rua inclinada em cujos lados só se viam mutantes de todos os tamanhos. Animais. Homens. Árvores. Toninho, no seu calcanhar, chorava alto e cortante. Virou-se para o filho, que susto! aquela cara era toda de Sandoval.

A mulher parada no meio-fio. Sandoval aproximou-se, ela o encarou, altiva. Chegou-se ainda mais para perto da mulher. Ela sorriu, desses sorrisos que só à noite são capazes de nos sensibilizar. Não tenho mais jeito para essas coisas. O que devo dizer-lhe? Talvez não seja quem estou pensando. Que ingênuo, vou até lá, sim. Espera alguém? O ônibus, ela respondeu, impassível. Quebrou-me a argumentação – matutou –, eu também espero o ônibus. Ah, é?, espalhou o hálito de um riso triste no rosto dele. Longe de amolecer, voltou-lhe o ânimo, sentiu-se forte como um boxer. Segurou o braço da mulher e beijou-a com violência. Aceita um drinque? Ela balançou a cabeça que sim, ganharam o rumo do bar. Escolheram a mesa do canto, mãos entre as mãos, olhar reto em cada olhar. Pareciam velhos conhecidos. Ainda bem – pensava – que elas nos põem logo à vontade e o fazem com tamanho tato, eu gosto disto, eu gosto. Havia homens de aspectos maltrapilhos, macambúzios, encostados no balcão. Bebiam cachaça cuspendo nos próprios peitos. A mulher desviava os olhos com nojo, Sandoval os beijava com toda a força dos instintos. Súbito, ela o afastou com as pontas dos dedos e disse séria: o teu mal é não acreditares na tua morte.

Acorda, filho, acorda. O cão de teu pai deve estar caído pela sarjeta. Apalpou-se, foi à janela, a rua lá embaixo, amarela de sol, assanhada de gente. Teve vontade de rir e de chorar. Tudo teria sido um sonho. Correu ao espelho. Nisso batem na porta.

E a voz: polícia! Quem procura? Um tal de Silvinho. Ela abre a porta e aponta com o braço trêmulo para o quarto ao lado. O homem esconde um riso sarcástico, dá-lhe as costas e sai lançando o pânico nos ratos com a enormidade de seus pés.

A cabeça-de-porco já estava toda cercada pela polícia. Sandoval foi vencendo o cerco sem que ninguém o percebesse. Atravessou a rua, olhou obliquamente para o bar, observou o português roliço, atrás do balcão, satisfeito como um porco. A freguesia habitual, entornando cachaça, encarquilhando a cara, cuspendo estupidamente no próprio peito. Parou na esquina, mergulhou as mãos nos bolsos, assombrado porque elas estavam



enormes e pulsavam como dois sapos. Os curiosos foram chegando, parando, indagando por que os soldados amarelos armados de fuzis. Sandoval não tolerava a multidão. Tinha por ela um ódio profundo, antigo, inexplicável. E a multidão se formava ali, hostil como sempre, compacta. Os empurrões, as xingações à mãe morta, os tapas, haviam criado raízes e irremovíveis o acompanhavam dentro e fora do tempo.

Alguém o chamou pelo nome. Procurou no muro de faces, para os lados, para trás, a repetição gutural, mas clara: Sandoval! Arrastou-se e viu uma mulher insinuar-se no meio da multidão, afastar-se. Ele perseguiu-a, era a mulher da véspera, tinha certeza, para que tanta pressa? teve vontade de perguntar. As pernas doíam, dobravam-se, a multidão ia abrindo caminhos, não obstante alheia àquela mulher que enverdecia sob o clarão do sol. Mas para ele a multidão olhava horrorizada, depois as vozes agressivas: olhe as mãos gigantesas desse louco! É um bicho, cuidado, chamem a polícia!

Sandoval, se arrastando. As vozes se tornando ininteligíveis aos seus ouvidos

ALUÍSIO SAMPAIO

Formado em Direito, militando por muitos anos na imprensa amazonense, onde sempre ocupou a função de secretário – começando justamente por onde outros terminam –, Aluísio Sampaio só na maturidade iria dedicar-se, com visível interesse, à Literatura, tornando-se, em pouco tempo, entre nós, um estudioso apaixonado e consciente dos seus problemas.

Foi, por quase dez anos, presidente do Clube da Madrugada, entidade literária que implantou no Amazonas os princípios da Semana de Arte Moderna, de 22, devendo-se a ele a restauração e reabilitação no consenso público, desse órgão, numa fase de aguda crise por que passou.

Aluísio Sampaio Barbosa nasceu em Borba, Amazonas, a 25 de outubro de 1929. Iniciou-se na vida literária como crítico, passando depois para a ficção, gênero que domina com segurança, já havendo produzido diversos contos e uma novela (esta ainda por concluir), intitulada *Nós, os bêbados*. Foi um dos diretores da revista *Floresta*, publicação bimensal editada em Manaus, de muito boa aceitação, mas (infelizmente) de duração efêmera.

O trabalho deste autor aqui apresentado nestá na linha experimental – com todas as suas inovações técnicas e estilísticas – e, através da sua leitura, podemos concluir tratar-se de um ficcionista de pulso, talentoso, capaz de ir muito longe nessa nova área da contística que escolheu para trabalhar.

É membro do Clube da Madrugada e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

O ESPELHO EM FRENTE

Sei perfeitamente que a ninguém os sentidos podem enganar. Mas tudo se me afigura espantoso e irreal. Quando transpôs a porta, quase todos o olhavam com estranha curiosidade. Percebeu, então, que no recinto era o único de paletó e gravata. Seria este um traje proibido? Ou tê-lo-iam tomado por alguma pessoa indesejável?

Contudo, ali estava, entre desconhecidos, em local diferente dos que costumava freqüentar. Afastara-se demasiadamente da cidade – o percurso não podia calcular, embora o soubesse de muita distância – e, por fim, dera com este bar, de cuja estrada, bem próximo, se avistava em velho cais.

Até aquele instante, não havia trocado uma só palavra, nem mesmo com as mulheres que, assediando os fregueses, constantemente passeavam pelo salão. Os olhares, sempre mais desconfiados senão hostis, continuavam acompanhando-o para onde quer que se dirigisse.

De qualquer maneira, resolveu sentar-se à primeira mesa desocupada. A bebida lhe faria bem e talvez tudo aquilo não passasse – cansado e deprimido como se encontrava – de uma errônea e estúpida impressão, tanto mais que a intensa umidade daquele fim de tarde ainda lhe congelava até as pontas dos pés.

Quando pediu ao garçom a quinta dose e outras rodelas de limão, passou com cautela a inspecionar melhor o ambiente. E foi então que viu, pela primeira vez, a mulher de vestido preto, ornada de um colar dourado, conversando muito alegre com o cliente da mesa número nove. Um árabe, com toda certeza, de espesso bigode, grossas sobrancelhas, que lhe apalpava os quadris, de onde, um pouco abaixo, a saia comprida fendia-se, deixando à mostra maior ou menor parte de suas pernas e coxas, dependendo dos movimentos que

executava. Sim, é verdade, várias mesas estão numeradas. Sem dúvida, as mais bem localizadas e pelas quais se paga mais caro. A minha, por sinal, é a de número três.

Por trás do balcão, que tem à sua frente redondos bancos giratórios, existem outras mesas. Estas, em número reduzido, devido ao pequeno espaço, de cuja área se necessita ainda de uma boa parte livre para atender à movimentação dos empregados. Por isso, foram dispostas regularmente ao longo da parede lateral, a que fica exatamente à direita de quem se situa de frente para a pista de dança. Um grande espelho de formato retangular, guarnecido de moldura prateada, faz contraste com a parede de fundo. Em sua superfície, onde se vêem anúncios com letras abertas em tinta vermelha, encontram-se também alguns cartazes e fotografias, espaçados um do outro, com figuras alusivas à vida do próprio bar. Veja, por exemplo, o primeiro, a contar da esquerda para a direita, na fileira dos que estão afixados ao alto e que tem a parte de cima colada, aproximadamente três centímetros, no lado superior da moldura, pois bem – esse pode ser o retrato da mulher vestida de preto com seu colar dourado em volta do pescoço. Observa-se que não faz nenhuma pose. Pelo contrário, parece caminhar naturalmente por entre as mesas do salão. Mas, de todos, o que mais sobressai é o do centro, situado na mesma fileira, no qual a incidência de uma viva claridade permite ver os próprios frequentadores do bar.

Há um personagem, de aparência triste, que se veste de paletó e gravata, talvez o único a usar essa indumentária. Igualmente, se distingue um marinheiro (aqui perto, me informaram, existe um cais) que, no momento, agita nervosamente os braços musculosos. Ao seu lado, um bêbado vomitou, salpicando-lhe os pés com os resíduos do vômito. Mas o garçom e o “leão-de-chácara” já se aproximam e, com certeza, o conduzirão para fora, pedindo desculpas ao marinheiro que, em meio ao rebuliço, visivelmente enfurecido, exhibe agora a mulher tatuada na pele alva do antebraço. A calma, porém, volta a envolver a atmosfera do bar, ao cabo da cena desagradável. Só o natural ruído das vozes, que no ar se confundem e a música continuam.

A mulher de preto, finalmente, encontrou um par. Um homem jovem, sim, de vasta cabeleira, calças justas, alguns penduricalhos. Conversam por instantes e, em seguida, saem para dançar. Mas, no momento, a orquestra executa um ritmo diferente e eles, diante da pista, bruscamente se detêm. A atitude parece indicar que o jovem desistiu, formulando alguma pergunta sobre o ritmo desconhecido para si. A mulher, entretanto, já não lhe dá a mínima atenção e logo se distancia, como se desse a entender que fora desfeiteada. E agora é possível que o jovem se consulte interiormente se já não está ficando desatualizado, pois, de outra forma, não permaneceria imóvel, atônito, como quem tivesse sido apanhado de surpresa.

Lá adiante, o solitário homem de paletó e gravata se ocupa em retirar pequenos cubos de gelo do balde de metal cromado. Mas, ainda, no cartaz do centro (é dele que estamos falando) vê-se perfeitamente o “leão-de-chácara”, de braços cruzados, recostado em uma das folhas da porta dos fundos. Diante dele, o árabe comenta o incidente há pouco passado e, descruzando os braços, o “leão-de-chácara” esclarece: “O marinheiro tinha toda razão em revidar-lhe a insolência”.

– Que insolência? O homem estava bêbado, era, pois, natural que vomitasse. Ou não?

– Mas não vomitou. O que fez foi escarrar nos pés do marinheiro. E, além do mais, o marinheiro me falou que acabara de engraxar as botinas.

– E daí, levaram-no preso?

– Sim. Será devidamente processado e julgado.

Lá fora, a chuva de muitas horas passou, mas o vento frio e úmido ainda sopra. Recorro, pois, à dose de conhaque que o garçom acaba de me trazer. Desta vez, no entanto, me pareceu muito mais forte que das vezes anteriores. Queimando-me a garganta, como brasa se me instalou no estômago, revolvendo-o. Sinto uma vontade desesperada de vomitar, embora saiba que não deva fazê-lo. Controlo-me, portanto, tranco os dentes e ajusto a língua com

rigidez contra o céu da boca. O marinheiro está ao meu lado, bem perto de mim, a tatuagem quase roçando-me a cara. E é, deste modo, que consigo verificar a semelhança que tem com a mulher de vestido preto, até em pormenores como as covinhas do rosto. Sim, é certo, omiti-lhe essas covinhas, tão bem pronunciadas e que lhe dão um certo encanto. Contudo, se fizer um pequeno esforço, você poderá descobri-las, mesmo quando já não forem imóveis no cartaz do espelho em frente (aquele, a contar da esquerda para a direita, na fileira dos que estão afixados ao alto e que tem a parte de cima colada, aproximadamente três centímetros, no lado superior da moldura).

Também é possível descortinar o jovem cabeludo, ainda que visto em segundo plano, a um canto, na extremidade direita. Nervosamente, ele morde a medalha, de tamanho exagerado, que antes batia de encontro à fivela do seu largo cinturão. Se ensaia alguns passos é, no entanto, para deter-se um pouco adiante a fim de melhor observar o casal que vai deslizando ao compasso da música, trocando pernas, indo e vindo, girando e girando em suaves evoluções, até que, em dado momento, mais um giro e... zap... a moça quase se desprende, retornando, porém, segura, as coxas inteiras de fora, as saias esvoaçantes, aos braços firmes do cavalheiro. A medalha, de pura bijuteria, não resiste às dentadas. E a mulher de vestido preto já desapareceu.

À medida que a noite avança, com maior ou menor intervalo uma a uma ou em pequenos grupos, as pessoas abandonam seus lugares, não sem antes, na maioria, consumirem as últimas gotas de bebida. O marinheiro, por seu turno, aproxima-se do corredor de saída, enquanto o “leão-de-chácara” acaba de fechar a porta dos fundos atrás de si. Em suas bandejas, os garçons começam então a recolher os copos e as garrafas vazias.

Mas, num último quadro, que a muitos pode passar despercebido, a cena talvez reproduza os acontecimentos do fim da noite. Na calçada, a uns trinta passos da porta do bar, um homem está estirado, de bruços, a cabeça profundamente golpeada, coberta

por uma pasta de sangue. Um pouco adiante, na semi-escuridão do outro passeio, alguém foge em passos largos, quase correndo. Um grupo de pessoas, ali perto amontoadas, talvez tenha testemunhado o assassinato e, entre elas, algumas parecem gesticular um protesto.

Quando me aproximei, porém, a polícia já havia retirado o cadáver, não sem proceder na ocasião as diligências cabíveis, do que, no entanto, pouco ou quase nada ficou, para nós, esclarecido. A identidade do morto, por exemplo, permanecia incógnita, assim como a do homicida. Só a hipótese de acidente, que se pretendeu levantar a princípio, ficara anulada, tendo-se em vista, além da perfuração encontrada no ventre da vítima, o depoimento de pessoas que, embora a distância, puderam distinguir dois homens que se engalfinhavam, um dos quais, depois de ser atingido no crânio, tombou sobre o chão. Tudo se passara muito rápido, sem tempo para reconhecer o agressor que, às pressas, escapara, protegido pelas sombras da noite.

Conquanto sejam nítidas as imagens centrais, há detalhes à sua volta que a vista turvada não consegue definir. E, por mais que a argúcia nos oriente no sentido de algumas pistas, fornecendo-nos elementos que se vão harmonizando até a uma conclusão plausível, a verdade é que não se pode saber ao certo se a vítima é aquele bêbado do incidente passado no interior do bar, assim como não é provável que o personagem em fuga seja o marinheiro. Os pequenos traços se perdem na nebulosidade dos tons, tanto mais quanto a visão não permite uma apreensão mais segura.

Com rapidez, os garçons prosseguem na limpeza das mesas desocupadas. E quando os últimos fregueses se retiram, os cartazes permanecem onde se impõem à vista, no grande espelho retangular. A orquestra finalmente parou e o bar está vazio. Só um homem, lá adiante, num canto escuro, quase esquecido, continua bebendo. Os braços apoiados na borda da mesa, cigarro nos lábios, ele tem agora o paletó dobrado no espaldar da cadeira e o colarinho desbotado.

ARTHUR ENGRÁCIO

Arthur Engrácio foi, antes de tornar-se escritor, jornalista, havendo exercido essa atividade em quase todos os jornais que se editam em Manaus. Iniciou-se na vida literária publicando sonetos e quadras, menos para aparecer como poeta que para “adquirir ritmo”, a exemplo do que fazia o grande Graciliano Ramos.

Nasceu em Manicoré, Amazonas, a 16 de abril de 1927. É acadêmico de Direito e funcionário público, já tendo levantado vários prêmios em Literatura e no Jornalismo.

Sua estréia deu-se, em 1960, com o livro *Histórias do submundo*, volume que reúne uma série de contos amazônicos, muito bem recebidos pela crítica e o público. Já fez crítica literária e formou, com Aluísio Sampaio, Alencar e Silva e Jorge Tufic, a equipe de redatores do *Jornal Cultura*, que se editou, há pouco, em Manaus.

Em 1969, com mais dois intelectuais, fundou a revista *Floresta*, de circulação bimensal e grande aceitação do público, não só em Manaus, como em outros Estados brasileiros.

Tem prontos para o prelo, os seguintes livros: *A berlinda literária* (crítica), *Restinga* (contos amazônicos) e *De Herodes a Pilatos* (crônicas e pequenos ensaios).

Ocupa-se, no momento, do romance *Cacaia*, no qual trabalha há mais de 10 anos e que espera publicar brevemente.

Arthur Engrácio da Silva é membro do Clube da Madrugada e da União Brasileira de Escritores, seção do Amazonas, achando-se incluído na *Antologia da Cultura Amazônica*, de Carlos Rocque.

ÁSPERO CHÃO DE SANTA RITA

Galdino cisma na tarde chuvosa, pitando o seu cigarro, de tauari. Pita e bebe o café da chocolateira que três blocos de barro cozido sustêm sobre umas poucas brasas que o vento não deixa extinguir. Ah! se fosse mais moço! Certo não estaria ali a olhar a chuva cair pesadamente naquele duro chão de Santa Rita. Mas os braços de Galdino não governam; das pernas de Galdino só uma executa os movimentos naturais. A outra, fina e seca como uma taboca, apenas sabe balançar-se qual estranho pêndulo a protestar constantemente contra o coronel Libório. Não gosta de se imaginar inválido, o pensamento vem sempre trazido pela chuva, que como que o transporta ao cenário do seu sofrido infortúnio. E a chuva por isso é sua inimiga. Não que ela seja realmente má – ela favorece as seringueiras, que ficam mais fartas, mais produtivas, com o leite grosso e bom de defumar; lava os campos e o capim é aquela beleza para engordar o gado e as criações; cai nos roçados, e a mandioca, o aipim, o milho dobram de tamanho e dão aquele momento de felicidade que os moradores de Santa Rita experimentam quando a safra é maior. Não, a chuva não é de todo má. O que de fato é má é a recordação que ela lhe traz, a forma de fazê-lo sofrer mais de uma vez.

– Chi!... Essa não é pra já!...

O frio aumenta e ele se chega mais para junto do fogo. Tigre também sente frio e se enrola todo feito um emboá, ganindo baixinho, a cauda espantando mosquitos impertinentes. Galdino acende outro cigarro, cuspinha grosso para um lado, põe-se a maginar.

– Ah! inverno danado!...

Chupa longamente o cigarro, os olhos postos na mataria, que parece chorar cada uma das suas árvores aquela tristeza imensa, dolorosa que se espalha por toda a redondeza e vem fazer-lhe da alma

o seu refúgio. Era uma tarde assim, o vento dava os mesmos tétricos assovios pelas frinchas das paredes, quando a porta foi escancarada e nela aparecia o coronel. Trazia preso por uma correia Everest, seu enorme cão belga, do qual nunca se separava. Sob o braço um “Winchester”. Mal acabou de jogar para um lado o pedaço de lona que lhe servia de capa, foi falando.

– Galdino, preciso já de ti.

– Pra que, já, coronel?!... – respondera. Doquinha tá mesmo na hora, só esperando e eu não posso me afastar daqui até ela se despachar...

O olhar que lhe lançou era duro e não permitia contradita.

– Besteira, Galdino, mulher para parir, pare em qualquer lugar e de qualquer jeito. Te prepara e vamos!

Sabia que uma negativa ao coronel significava um mês sem rancho, longos dias de perseguição e talvez até a perda do pedaço de terra que ele lhe dava para morar. Dentro da rede, Doquinha gemia e se contorcia nas dores do parto próximo. Era o primeiro filho, o primeiro fruto daquele amor rústico, quase selvagem, nascido na brutalidade daquelas brenhas, mas honesto e puro. Enquanto se arrumava, olhava de esguelha o coronel, procurando adivinhar-lhe as intenções. Para que o queria? Ele havia se sentado num caixote e fumava impaciente. Por duas vezes gritou para dentro do quarto.

– Ainda não, Galdino?

Na verdade, sua intenção era retardar o mais que pudesse a sua saída. Respondeu-lhe que já ia, estava pronto, esperasse mais um minuto. Em seguida olhou para a mulher, seus olhos suplicavam-lhe que não a deixasse só, não tinha medo que ela morresse?!...

Lá fora, o coronel tornou a gritar.

– Como é, rapaz, vem ou não vem?

Não havia por onde escapar. Baixinho, pediu à companheira que tivesse fé em Deus, seu parto haveria de ser normal, sem novidades, ele não demoraria. Beijou-lhe a testa lavada de suor, passou de leve a mão pelo ventre gordo, apertou-lhe os dedos. “Tudo há de se arranjar, Doquinha! Tudo há de se arranjar!...”

* * *

Por algum tempo caminharam sem se falar. O coronel, na frente, Galdino atrás. O cão, estranhando a chuva que lhe caía pesadamente sobre os flancos, seguia entre os dois, as orelhas murchas, a cauda entre as pernas agigantadas. Foi ele quem quebrou o silêncio.

– Mas, coronel, de que se trata?

– Nós vamos atrás daquela maldita pintada que me carregou o Barão. Você não escutou os tiros? Foi há coisa de vinte minutos e talvez o cachorro ainda esteja vivo. Vamos por esta picada aqui.

Ponderara ao coronel que era perigoso rastejar onça baleada, ainda mais àquela hora e debaixo daquele pé-dágua descomunal. Não via a mata que nem breu?

– Não seja frouxo, caboclo. Só do perigo maginar você já ‘tá a se borrar? – foi a resposta.

Galdino não quis mais falar, sabia que era inútil procurar dissuadir o coronel. Só pedia a Deus que lhe corresse tudo bem, que a onça não fosse encontrada ou já estivesse morta. Viva, ainda, seria um flagelo para todos. Rastejar onça baleada é como rastejar a Morte – vai-se cavando a própria sepultura. A chuva continuava a cair, fortes relâmpagos riscavam o céu de meio a meio e a floresta por momentos se iluminava toda. Everest dava pena. Sacudia de instante a instante as enormes orelhas e uivava um uivo triste e prolongado. Fazia menção de voltar, mas o coronel puxava-o pela coleira para a frente, praguejando.

– Você não é besta, não, filho da puta! Eu lhe trago pra ajudar a caçar a onça e você quer é voltar, hein?!

E lhe dava violento puxão na correia. O cão ganhava, mas como percebesse que não havia outro jeito senão obedecer, continuava a marcha. Transposta a metade da picada, o coronel soltou um assovio de cansaço e largou outra praga.

– Ah! chuva infeliz dos seiscentos diabos! Até parece dilúvio, hein? Esta merda ‘tou vendo que vai nos perder a caçada!

A mata nesse tempo já era uma negridão só. Os carapanãs, minúsculos zíngaros endiabrados, surdinando-surdinando iam afinando os violinos para logo mais atacar na orquestra regida pelo Sapo-Boi. Milhares de outros insetos saíam dos seus esconderijos e começavam o seu trabalho de azucrinção. O coronel, demonstrando fadiga, fez sinal para que parassem.

– Vamos ficar aqui um instantinho. Essa desgraçada não deve de estar longe, e logo nós ‘tamos botando a mão nela. Que tal uma talagada?

Sem esperar resposta, puxou a garrafa do cós e estendeu ao acompanhante.

Galdino, a garrafa na mão, hesitou um instante. Ali estava a sua condenação. Encostasse-lhe o gargalo à boca e talvez não voltasse vivo para casa. E ele queria tanto voltar, tinha que voltar para junto da mulher cuja imagem, desde que lhe apertara a mão, não lhe saíra mais da mente. Lembrava agora com que expressão de dor e desespero ela acompanhou-o até à saída da barraca. Não vá, Galdino, não vá! – lhe dissera –, não vê que ‘tou assim?! E se eu não resistir?! Sim, se ela não resistisse ao parto? Naquele instante mesmo podia estar sobre o jirau aos gritos, esvaindo-se em sangue, sentindo dificuldade de botar para fora o curumim. Confiar em parteira como velha Bernardina, já quase cega e inválida, não confiava. “Como ela estaria passando, minha Nossa Senhora?...” Como se em vez da garrafa, tivesse à mão uma cobra, estremeceu horrorizado e atirou-a ao mato, gritando para o coronel.

– Não posso beber, não, coronel! É com franqueza que não posso!...

O coronel soltou um grito de indignação e, rápido, agarrara-o pela gola da blusa e começara a sacudi-lo e a esbofeteá-lo.

Poderia ter revidado, era novo e forte como ele, mas que lhe adiantaria? Não tinha o seu poder nem o seu dinheiro, e agora mais do que nunca dependia dele, a mulher não estava naquelas condições? Olhou para o coronel, ele se encontrava agora agachado, de costas, a lanterna na mão, procurando raivosamente a cachaça. Matava

carapanãs e praguejava, examinando atentamente o chão. Por fim ergueu-se vitorioso, a garrafa na mão. Seu rosto tinha nesse instante outra expressão e ele se encaminhou para o acompanhante esboçando um meio sorriso.

– Mas, rapaz, com este frio de arripiar até os cabelos do cu, inda não queres beber?! Bebe, meu filho da puta, anda! Esquenta bem o couro e os colhões, que a caçada vai ser braba!

– Ah! coronel, hoje cana não me entra mesmo não – insisti na negativa.

– Não entra? Ora, ora não me diz que ‘tá com medo de ficar porre! Viraste, por acaso, alguma mariquinha? Ah! Ah! Ah!... Dá ‘té vontade de achar graça: Galdino enjeitando cachaça!... Olha pra cá, vê como é que se morde a *bicha* – falou e ao mesmo tempo entornou a garrafa na boca, absorvendo-lhe quase um terço do conteúdo. Depois estalou os beiços para demonstrar satisfação e ofereceu a garrafa ao caboclo.

A chuva, fina agora, continuava a cair e o frio era insuportável. Galdino compreendeu tudo, não lhe restava outra alternativa. Pegou a garrafa e bebeu sofregamente, sem pausa, sem interrupção, sob o olhar deliciado do coronel, que conseguira persuadi-lo.

– Agora vamos, coronel! – disse-lhe, enquanto entregava-lhe a garrafa. Vamos matar esse diabo!

Com a bebida, agora sentia-se mudado. Um entusiasmo que não era dele mas produzido pela aguardente, acendia-lhe fogo nas entranhas. Por um instante deixou de pensar na mulher, no primeiro filho que ia nascer, só desejava acabar o mais depressa com aquilo tudo.

– Vamos, coronel! – Tornou a chamar.

Puxando o cão pela correia, o coronel levantou-se e pôs-se a caminhar. Como portasse a lanterna, ia na frente, o rifle debaixo do braço, atento a tudo quanto era movimento. Com a chuva a picada cobrira-se de lama que chegava quase pelo meio das canelas dos caminhantes e do animal. Contornaram uma saída, transpuseram um tronco de castanheira tombado, a lama lhes fazendo glub-glub nas

pernas das calças já tornadas em fiapos. Galdino vez por outra olhava para o coronel e percebia estar ele disposto a caminhar se possível até o inferno. Bebia continuamente o resto da cachaça que ficara na garrafa, praguejava em altos brados contra os insetos e mandava certos pontapés nos traseiros do cão.

– Ah! cachorro filho da puta! Ah! molengão! Por que em vez do Barão, não foste tu que a onça carregou?

A picada agora terminava numa pequena clareira cheia de galhos secos e cipós entrelaçados, que desciam das árvores e formavam aqui e ali grupos variados de tapumes. Everest levantou para o alto o focinho e pôs-se a latir nervosamente, ora avançando, ora recuando. Um cheiro forte de sangue penetrou-lhes violentamente as narinas como uma lufada quente de vento. Instintivamente os dois homens estacaram.

– Coronel, falou Galdino, o bicho ‘tá por aqui, pertinhozinho. É ter cuidado, é não facilitar, coronel!...

Avançaram mais um passo, o foco da lanterna passeando lentamente em derredor. O cheiro de sangue era mais ativo e como que nascia de sob seus pés. O coronel continuou a focar, dirigindo a luz para uma gruta próxima até atingir-lhe completamente o interior. Um vulto lhe surgiu à vista, chegou-se mais para perto e soltou um grito entre histérico e entusiasmado.

– É o meu Barão, Galdino, é o meu Barão!

Pediu-lhe que não gritasse, para não atrair a fera que estava ali por perto, o bicho achava-se ferido (já havia percebido rastros de sangue) e aquele bicho ferido era pior que o Satanás. O coronel não fez caso da advertência e ordenou-lhe que descesse naquele instante à gruta e lhe trouxesse o cachorro sem demora.

– Coronel, insistiu, a onça pode estar por aí.

– Onça? Onça é aqui o meu 44! Desce já e me traz o animal, senão eu faço tu descer à bala!

Diante da ameaça, começou a penetrar no buraco. A chuva tornara o terreno escorregadio e ele achava dificuldade em tomar acesso ao cão. Por fim conseguira agarrá-lo, mas já estava morto, parte

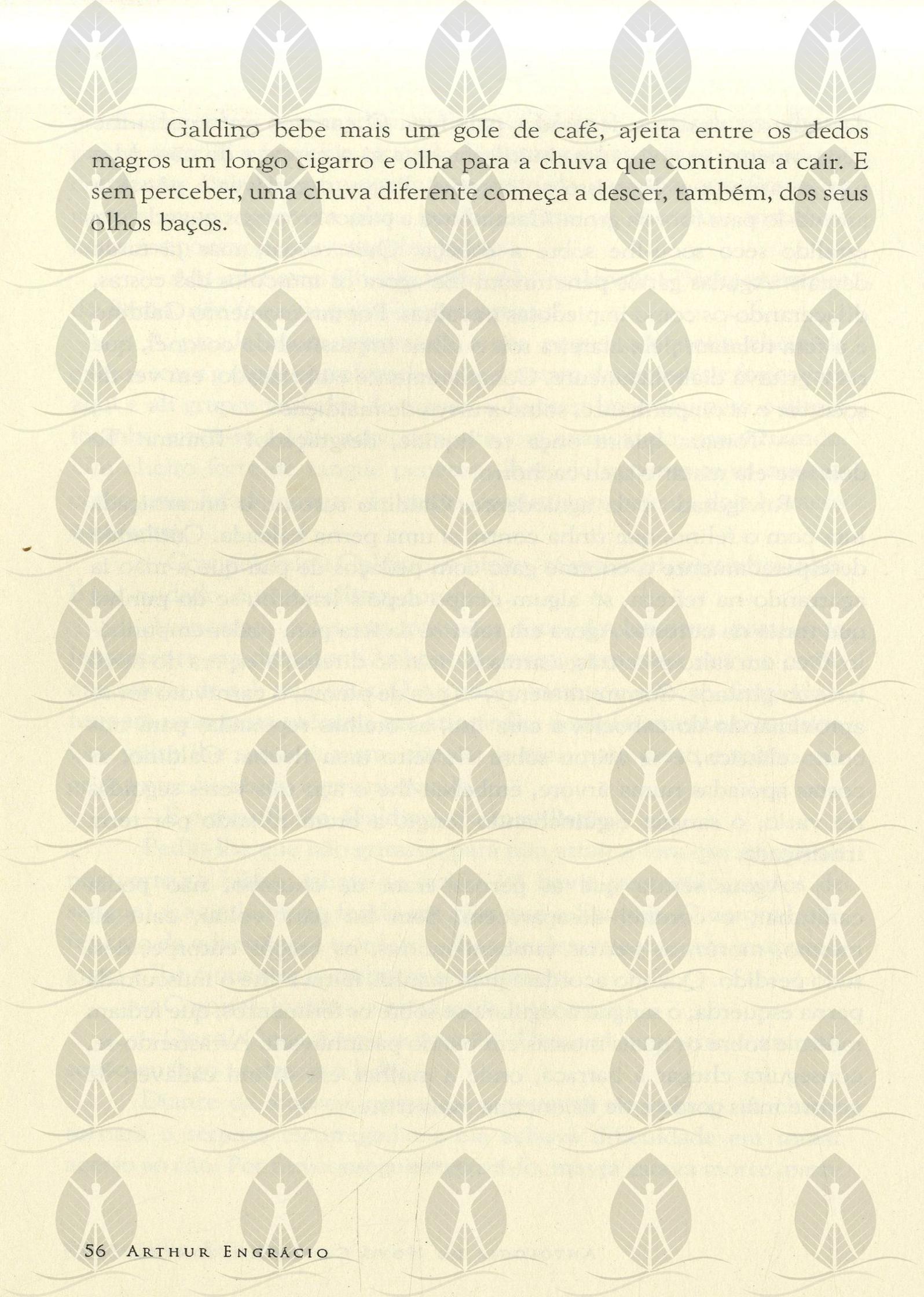
dos quartos traseiros devorados pela fera. O cansaço entorpecia-lhe penosamente os músculos, inútil carregar só a carcaça do cão. Mas não se atrevia a dizer isso ao coronel. Pegou o cadáver e pôs-se a arrastá-lo para fora da grotá. Caminhava a passos trôpegos quando um estalido seco soou-lhe sobre a cabeça. Quis recuar, mas já tarde demais. Agudas garras penetravam-lhe agora os músculos das costas, dilacerando-os como impiedosas navalhas. Por um momento Galdino e a fera rolaram pela clareira sob o olhar impassível do coronel, que ria e gritava diabolicamente. Completamente embriagado, em vez de socorrer o acompanhante, soltava uivos de maldição.

– Tomara que a onça te liquide, desgraçado! Tomara! Tu deixaste ela matar o meu cachorro!

Revigorado pela aguardente, Galdino sustentou encarniçada luta com o felino, que tinha contra si uma perna baleada. Cutilando desesperadamente o enorme gato com pedaços de pau que a mão ia agarrando na refrega, só algum tempo depois lembrou-se do punhal que trazia na cintura. Agora era safar-se da fera para poder empunhá-lo. Deu um salto para trás, a arma já na mão direita, à espera do novo bote da pintada. Sorrateiramente, os pés de pluma, o carnívoro foi-se aproximando do caboclo, a cara lisa, as orelhas repuxadas para trás como elástico, e se atirou sobre ele feito uma flecha. Galdino, as costas apoiadas numa árvore, embebeu-lhe o aço três vezes seguidas no vazio, o sangue esguinchando longe, a bruta rolando por terra inteiriçada.

Agora sentia que as pernas eram de chumbo, não podia caminhar, o coronel desaparecera. Sem luz para voltar, caiu ali mesmo, morto, as pernas também mortas, os braços entorpecidos, tudo perdido. Quando acordara pela manhã, faltava-lhe o músculo da perna esquerda, o sangue coagulara-se sobre os ferimentos, que fediam muito e sobre os quais moscas em bando patinhavam. Arrastando-se, conseguira chegar à barraca, onde a mulher era só um cadáver, de ventre mais gordo e de fisionomia mais triste.

* * *



Galdino bebe mais um gole de café, ajeita entre os dedos magros um longo cigarro e olha para a chuva que continua a cair. E sem perceber, uma chuva diferente começa a descer, também, dos seus olhos baços.

BENJAMIN SANCHES

Benjamin Sanches nasceu em Manaus, a 17 de abril de 1915. Engenheiro-agrônomo, somente aos 44 anos, em plena maturidade, despertou para a literatura, publicando, em 1959, seu primeiro livro (de poemas) – *Argila*.

Talvez frustrado com o pouco interesse que a obra despertou, Benjamin Sanches de Oliveira colocou de lado a poesia e voltou-se para a ficção, iniciando porventura sua fase literária de maior fecundidade. Escreveu, então, diversos contos, que publicou nos jornais de Manaus e no “SDJB” do *Jornal do Brasil*, à época o mais badalado suplemento literário da imprensa brasileira.

Em 1963 reuniu esses trabalhos em livro e lançou *O outro e outros contos*, com prefácio de Assis Brasil. A obra foi recebida pela crítica nacional com os melhores aplausos, situando o autor entre os maiores contistas do Brasil.

“Touro Guarujá”, o conto que incluímos nesta antologia, está enfeixado no livro mencionado e se constitui, já pela técnica, já pela urdidura, uma pequena obra-prima da moderna contística regional.

Benjamin Sanches tem trabalhos inseridos nas seguintes antologias: *Lira Amazônica – Antologia*, de Anísio Mello e *Antologia da Cultura Amazônica*, de Carlos Rocque.

TOURO GUARUJÁ

A coisa foi feita de repente. Era um trabalho praticado todos os dias e ficara fácil. Quando o vargueiro largou o último grito, aquele montão de gado já estava todo repisando o estrume do curral à procura de agasalhar-se o melhor que pudesse. Ficariam ruminando e dormindo a noite toda. Fora da cerca apenas, como sempre, o touro Guarujá no cumprimento do delicioso dever de pai do campo. O seu dever. Dever de passar as noites rondando o curral, para impedir que alguma onça famélica viesse sangrar um dos seus. Era uma paixão desinteressada. Puro amor consagüíneo. Todos, com exceção da vaca velha, eram produtos seus e seus com os seus produtos. Quando ali chegou, era apenas um casal de componente de um casal isolado, e o campo foi crescendo à medida que ele enchia. Foi enchendo e elas esvaziando, sem nunca difamar o seu temperamento másculo. Isto, desde o tempo em que o valor atual de um quilo de sua carne, comprava-se ele inteiro.

Não obstante ter travado batalha incessante para repelir os inimigos, o seu pêlo lustroso mostrava, tão-somente, a cicatriz de um rasgão recebido ao enfrentar, valentemente, uma pintada quase do seu comprimento. No entanto, o seu stratagemma foi superior ao dela. Ficou espichada no terreno e o seu couro é o tapete da sala de visitas do criador. Exercitou toda a sua capacidade de brigar, apenas com o sortilégio de um acidente. Naquela época, ficou prostrado mais de uma quinzena e, não fosse um tratamento especial, que roubou noites e dias de rezas ao curandeiro, a morte o teria arrancado do capim. As vacas urraram, danadamente, à sua espera. Aquele encurralamento estava impedindo-as de uma vida inteirada. Algumas, cujos corações batiam mais forte pelos seus interesses de amantes, chegaram a jejuar completamente. Talvez morressem, morrendo ele.

Em passos graves e a cabeça erguida, com a pose de proa de encouraçado, dava a segunda volta por fora do curral, quando a corda do vaqueiro, traiçoeiramente, enlaçou os seus chifres. Chegou a desacreditar no que via, a ponto de seu rabo deixar de chicotear os insetos. Há mais de seis anos não recebia aquele impecável comportamento e aos seus merecimentos, por tempo de serviço. Aquele enigma não poderia perdurar. Teriam que lhe dar satisfações sobre aquela aleivosia de emboscada. Volveu a cabeça para fitar a cara do seu aprisionador. – Por que este miserável veio cortar a minha respeitabilidade, com um talho de corda? – Chicó, sem se exprimir, sentiu-se encabulado. Trabalhava na fazenda há cinco anos, aproximadamente, e nunca o havia melindrado. Tinha-o como o supremo animal daquela área. Mas, a ordem veio do alto. Era uma ação própria, no entanto, ilegítima, porque estava fora de sua vontade. Por ele, levá-lo-ia por caminho que findasse no céu. Guarujá não entendeu, ou não aceitou, aquela muda explicação e, numa intolerância de animal selvagem, não quis saber se ele tivesse rido ou chorado, depois de praticar aquela dureza. Riscou o chão com os cascos, botou fogo nos olhos e avançou. O mulato, que já previa a sua ira, deu dois saltos para o poente e numa ação rápida e premeditada, deu uma volta com a corda pelo tronco da castanheira, o que obrigou o touro, no esticado, enfiar a cara na grama e, numa doida cambalhota, esperramar-se na queda, enquanto lhe dava tempo para amarrar a ponta num mourão da cerca.

– Êpa touro bom! mas, o Chicó é melhor. – Gritou numa explosão de vitória.

Levantou-se forçando a canseira, sacudiu o couro com os músculos e ficou caminhando em ritmo esfalfado, por onde o tamanho da corda consentia. Chicó, depois de descartar-se daquele risco agudo, retirou-se, assoviando placidamente, como se estivesse a esquecer a sua missão, antes de registrar tudo que nela aconteceu.

– Paciência, paciência. A porta do inferno fica no limite do paraíso, e é tão grande que por ela passam até os elefantes, e, muitas vezes, mesmo no céu, por detrás das cabeleiras-ouro dos anjos estão os

cavanhaques-aço dos demônios. Aquilo deveria ser o resultado de uma grossa intriga ou o castigo por se ter recusado a cobrir a Barbosa: vaca suja, capenga e zarolha, que nunca lhe despertou o fogo dos seus ossos. Mas, fosse o que fosse, era uma deslavada injustiça do coronel. Era um touro excelente, digno, perfeito e inteiramente dado ao gado. Ajudara-o a subir, criar a sua filharada. Alguns deles já haviam botado anel de doutor nos dedos, à custa de sua viripotência. Ele, sozinho, entupira a fazenda de cornos. Quando para ali foi levado, eram, apenas, quatro chifres, incluindo os seus. Agora, medravam em centenas de cabeças e fixados, definitivamente, no valor de sua obra, que ficará perpetuamente criando.

Chifres cifras cifrões.

Saltou do tapume de quatro tábuas do seu pensamento e, urrando, sacudiu os olhos em direção à moradia do seu amo e, apesar da distância, viu quando chegou à sacada para falar ao Chicó, presumivelmente sobre a sua personalidade. Pelos seus gestos arrogantes, entendeu que continuaria teimando em deixá-lo amarrado, embora os seus urros merecessem a compaixão do mais gelado carrasco. Fingia não ouvir. Era um malvado. Não se compadeceria de nenhuma voz que o alcançasse, por mais terrível ou trágica que fosse. Desconsalado, resolveu afogar o seu urro no poço de seu desespero, fazendo subir, mais ainda, o nível daquele imundo lamaçal. Fosse um crítico sagaz de si mesmo, estaria sentindo o peso da coroa de sua descompostura. Soubesse que receberia, em paga dos seus bons serviços, aquela rude ingratidão, não teria marchado a vida como marchou, tão sacrificadamente. Teria, muitas vezes, aberto a cancela de sua desídia, para dar passagem franca à ferocidade das onças. Mas, julgava que a honestidade fosse o mais legítimo direito de vida. Somente agora, cria que tudo não passou de uma capciosa promessa da esperança.

A noite toda não coube o seu desgosto. Não dormiu nenhum pedacinho dela. Estava bem clara, mas toda cheia das sujeiras dos homens. Os seus desagradecimentos esmagaram com tanta impetuosidade a sua alma, que ficou pingando um ódio preto que se

derramava, todo, nos seus chifres. Queria vê-los, ali, espetados todos de uma vez, e, em represália, com eles padecendo, passear, gostosamente, pelo campo. Nos momentos de maior emoção, muitas vezes sentiu-se ameaçado de enfarte. Encostava-se à castanheira, arquejando e com os olhos olhando sempre para cima; sempre para cima, como se quisesse subir.

Já no fim da madrugada, veio, com firmeza, a certeza. Avistou a silhueta vigorosa de um garrotão meio-sangue, cruzando o verde descampado. Uma dor fria congelou o seu coração. Havia chegado a razão de tudo aquilo: – era a surda aposentadoria compulsória e extemporânea, – quando ainda tinha brasa nos seus nervos. Era uma estupidez prematura. Naquele mesmo dia, havia dado provas indiscutíveis de que sua arma não estava caduca. Aquilo teria sido uma decisão míope, surda e estúpida. Seus joelhos vergaram ao peso do triunfo daquela inverdade escorrendo por todo o seu corpo. Teve que engolir, sem ruminar, aquele bolo de pasto infame e desleal. Mas, não era tudo. O pior veio com o sol.

Passou de uma a outra, sem lhe darem tempo para um ressecamento espiritual, e esta veio mais fininha e cruel. Ali mesmo, à sombra da grande copa, viu-se, covardemente, cercado por todos os varões da fazenda. Eram seis ao todo e todos aparelhados até aos beiços e avidamente decididos. Antes que ele tomasse uma posição de defesa, a um simples sinal convencionado, deram início à bandalheira. Chicó, com a sua incomparável habilidade de falsear, passou-lhe a macaca pelo costado, rente aos quartos, e, apertando o laço, roubou-lhe todas as forças das pernas. Quando, com os olhos esbugalhados, caiu, dois sentaram na sua cabeça e mais dois no seu vazio. Naquela ocasião, um juiz, por mais venal que fosse, teria apitado impedimento. Vendo-o manietado, o coronel arregaçou as mangas e, sacando da sua peixeira afiadíssima, reduziu a três letras o seu substantivo comum. O próprio ficou o mesmo: boi Guarujá. O touro, desapareceu. Logo em seguida, atiraram um punhado de cinzas sobre o ferimento, sepultando o muito que ainda sobrava de sua

virilidade. O coronel riu-se, deleitando-se em apagar no touro um ardor que também tivera.

Não estava certo aquele despique ao seu tempo. Aposentadoria: ainda, ainda. Mas, não com tanta violência e por um processo que não se aplica à nossa época. Soubesse assim, teria procurado o movimento mais calmo da vida. Não o teria ajudado tanto nos momentos de intervalo. Aquela castanheira, que fincara as suas raízes, ali sem jamais ter caminhado um passo, nunca lhe cortaram os brotos.

Com lágrimas no pêlo da cara, trocava coisas na sua idéia, enquanto o arrastavam, brutalmente, para dentro da indigência de um cercado, onde o abandonaram à sua sorte, sem nenhuma providência rezatória ou profilática, como se fora um criminoso da pior qualidade. Naquele dia, entre os pratos do almoço, estava o guisado de testículos de touro com batata-doce. Era pouco. Não encheu ninguém. Mas todos provaram. Estava bom.

Depois de muitos dias sombrios, de bicheira e febre, o invólucro, picado de moscas, caiu podre. Mas conseguiu, mesmo dentro da forja da adversidade, que o acudisse o espírito da vida.

Quando voltou a comer no campo, haviam coado tudo o que ele tinha de bom. Voltara sem aquele ardor antigo e pastava sob os olhares desprezativos das fêmeas. Foi, vergonhosamente, afinando a voz e engordando mais, acentuadamente, nas traseiras, tomando a forma de vaca. Vaca desvalorizada. Vaca-sem-leite.

Não demorou que a banha o jogasse no acabado da morte. Passou aos pedaços na balança do açougue, enquanto o pouco que restava da sua dignidade diluía-se no quadrado da ignorância gramatical da lousa do açougueiro:

CARNE DE VACA FRESCA

– com osso 350
– sem osso 510

Gorda – Gorda – Gorda

CARLOS GOMES

Estreando, em 1966, com um livro tecnicamente amadurecido, Carlos Gomes forma na primeira linha dos contistas modernos do Amazonas, cujos trabalhos podem considerar-se de categoria nacional.

Nasceu este autor em Manaus, Amazonas, a 15 de julho de 1936. É formado em Direito pela Faculdade de Direito do Amazonas e, antes de publicar livro, colaborou nos suplementos literários da União Brasileira de Escritores (UBE), seção do Amazonas e do Clube da Madrugada, assinando contos.

Funcionário do Banco do Brasil, alia a essa atividade a de professor do Colégio Solon de Lucena, onde é titular da cadeira de Português.

Foi presidente da União Brasileira de Escritores, seção do Amazonas, em cuja gestão muito trabalhou pela melhoria da entidade, realizando diversas promoções de caráter cultural e editando livros de autores amazonenses.

Seu livro de estréia, *Mundo mundo vasto mundo* (contos), teve a melhor acolhida no seio da crítica, que o recebeu com aplausos. É uma obra, como se disse alhures, que não mais apresenta aquela feição rigorosamente peculiar aos livros de estréia, mas, ao contrário, nos impõe, já, um ar adulto; oferece-nos o aspecto de obra que sofre os últimos retoques ou acabamento. Os contos desse volume denotam uma ampla vivência dos fatos quotidianos; uma arguta observação da psicologia humana, a que se junta uma técnica narrativa das melhores que se encontra em ficcionistas de maior evidência no Brasil, atualmente.



Carlos Gomes é membro do Clube da Madrugada e da União Brasileira de Escritores, estando incluído na antologia *Ed. contos – 1*, publicada recentemente pela Ednova.

ROSA DE CARNE

A rosa de carne doía na mão do menino. As pétalas apodrecidas efervesciam, se lhe deitassem hipoclorina. O anti-séptico a despojava de suas cores, ela ficava branca, branca, como se fosse uma pobre rosa coberta de poeira dos caminhos, mas continuava a danada doendo na mão do menino.

O cheiro das pétalas não sabia bem. Havia que removê-las, para nascerem outras com odor de carne sadia. Rosa de carne, pétalas humanas, vermelho-vivo umas, amarelas outras, apodrecendo a mão do menino.

Ele chorava quando iam tratá-la. A mãe gemia não chore, meu filho. Mas, como não chorar se mexiam na rosa de carne? Éter primeiro, a rosa esfriava, esfriava, nem parecia de carne. Depois, a hipoclorina a expungia de sua fetidez. E o estilete removia suas pétalas amarelecidas, brotavam outras vermelho-vivo em lugar daquelas. Toda a corola, então, lembrava a rosa primitiva, do tamanho de uma moeda de trezentos réis.

Coitadinho do meu filho, dizia a mãe, mas era preciso que a rosa voltasse ao botão de onde desabrochava e deste ao nada, deixando embora na mão do menino o estigma de sua passagem.

O menino se lastimava, a mãe lhe prometia muitas balas de cupuaçu, era pior porque ele estava enjoado daquela guloseima, que de resto não lhe trazia boas recordações. Paciência, meu filho, que paciência que nada, mas mexessem na rosa, é o jeito meu filho, deixa mamãe eu quero é morrer, aquele teu pai é malvado, não estava vendo que tu és uma criança sem grande compreensão das coisas, também que arte a tua, para que foste fazer aquilo, não sabias que somos uma família pobre, com a graça de Deus, mas honrada?

Família pobre com a graça de Deus, mas honrada. Eram-no, realmente. Tinham vindo de um interior distante, os trastes alienaram lá mesmo, para custearem os primeiros meses na cidade. O chefe esperava conseguir emprego, não conseguiu. Viviam de vender balas de cupuaçu, o marido às vezes pegava biscates, a mulher também lavava roupa pra fora. O menino ajudava na pequena indústria doméstica, ele já sabia muito bem quando a pasta estava em ponto de bala, mas enquanto não, reparava o tacho que queimava sobre o fogão de barro comedor de lenha verde. Depois vestia as balas, quase sempre mil, de papel vegetal. E tudo pronto, ainda era ele que saía para distribuí-las pela freguesia de subúrbio, a cesta pesando nos ombros magrinhos, pesando, pesando, o menino arriava onde quer que encontrasse parceiros para jogar bolinha com caroço de tucumã, ele era temido na pontaria. Pelada antigamente ele também jogava em serviço, mas teve de deixar, desde uma surra que lhe aplicou a mãe, por ter voltado a casa rasgado, sujo e suado, fedendo a moleque. Então ele não tinha pena do sacrifício da mãe? Era pouca a roupa que ela molhava, batia, esfregava, ensaboava e punha a corar todo santo dia, era pouca, ele achava, pra voltar naquelas condições? Vida desgraçada aquela, viver lavando os fundos dos outros! Não via que eram pobres, embora com a graça de Deus, não vês, diabo? não vês, diabo? Arre, assim não tem cristão que agüente!

Agora, a rosa de carne doendo em sua mão, o menino havia sido dispensado de certos serviços. Não de reparar o tacho, que ninguém como ele tinha a intuição do ponto de bala da pasta, nem mesmo a mãe, que lhe transmitira aquela simplória ciência. O pai achava ruim o menino não poder vestir as balas nem distribuí-las, achava, mas não se arrependia, isso não. Fizera seu dever, queria lá esperança de ladrão em casa, ele homem pobre, com a graça de Deus, mas honrado? E olhe que havia tolerado muito, ponderando certas coisas, pois já fazia então bastante tempo que andava desconfiado de trapagens daquele moleque! Os fregueses vinham reclamando, faltaram dez balas em cem; pra mim, quinze, outro dizia. Ele se desculpava, atendia prontamente às reclamações, só queria o seu, era pobre, com

a graça de Deus, mas honrado. Depois, porém, ficava matutando, que diabo, eu conto as balas tudo direitinho, que é que está acontecendo? Será que os fregueses estão me enganando? Não, não podia ser. Seus fregueses eram homens de bem, negociantes. Tinham nada precisão de andar questionando sem motivo por dez ou quinze balas? Aquilo era coisa de menino, ninguém lhe tirava da cabeça, menino é bicho arteiro! Ah! mas se fosse seu garoto, ele lhe pagaria, dava-lhe um ensino. Eram pobres, com a graça de Deus, mas honrados. Ponderava. Verdade que nem sempre se come bem, nunca se janta, é só café com pão, e olhe lá que ainda se ganha de muita gente! Antigamente, tinha-se manteiga e leite, à noite. Mas, de uns tempos pra cá, tornou-se impossível esse luxo de leite e manteiga, você não vê que tá tudo pela hora da morte? O açúcar e a fruta custam os olhos da cara. Um cupuaçuzinho assim, do tamanho de um ovo, está por duzentos cruzeiros! Já se foi o tempo que caboclo era besta e vendia tudo por pouco mais ou nada. Mas, fosse como Deus é servido, não carecia andar com trapaças para viver. E logo quem, com safadezas, seu filho, envergonhando-o por aí, a ele, homem pobre, com a graça de Deus, mas honrado. Humilhação muita sentiu; naturalmente, quando freguês bateu à sua porta, furibundo; acusando o menino de ter-lhe surrupiado uma nota de conto, a única que no momento estava na gaveta, e não fazia muito, porquanto a recebera de um devedor que mal dera as costas. “Pois seu baleiro, foi tudo tão rápido, enquanto fui lá dentro buscar a lata pras balas. Seu menino é sagaz, ligeiro, um verdadeiro rato, me desculpe a expressão”. “Estou ciente, o senhor não vai se queixar do pequeno duas vezes, vou confessá-lo. Se foi ele, lhe restituo o dinheiro e já sei o que faço”. Chamou o menino, vem cá, bonito pra tua cara, o freguês te chamou de rato, onde está o dinheiro, não fui eu não papaizinho, não me bata, papaizinho, não me bata. Mas peia, sem ser santo, obra milagres. E o menino acabou confessando que só gastara quinhentos cruzeiros, em sanduíches e refresco, o outro meio conto escondido no porão. Traga o meio conto, seu condenado, sem-vergonha, ordenou. Mulher, eu quero aquela moeda de trezentos réis antiga, qua vais fazer homem com o menino?

Vá buscar a moeda, deixe comigo o resto, esse desgraçado vai ser exemplado, não estou para mais tarde sofrer humilhação pior que a de hoje. O menino não tem compreensão, marido, não quero ladrão em casa, mulher, você me conheceu pobre, com a graça de Deus, mas honrado.

Pôs a moeda no fogão de barro comedor de lenha verde. E quando obteve um pequenino disco incandescente, a mulher não faça isso homem, que é judiação. Mas ele não quero saber de nada e cunhou a mão do menino, marido nosso filho tinha fome, tu sabes que o comer aqui é magro, mulher, eu também como pouco e não ando furtando ninguém, ai, eu morro papai, isso é pra tu aprenderes, patife, que no alheio não se mexe.

Meu filho, tá doendo? Tá doendo, mamãe, vamos botar remédio, meu filho, que remédio, que nada mulher, deixa de adulação, menino mimado perde a vergonha, marido pode empolar e virar ferida, que quero mesmo que fique a marca mulher, pr'ele se lembrar sempre de que somos pobres, com a graça de Deus, mas honrados.

E assim a carne se fez rosa que agora doía, apodrecendo a mão do menino. Ai, mamãe, paciência, meu filho, o enfermeiro: a senhora deveria ter cuidado há mais tempo, por que deixou isso ficar assim?

E o estilete continuava retocando a rosa, em lugar das pétalas amarelecidas, brotavam outras vermelho-vivo. O menino se lastimava ai, está doendo, mas o enfermeiro seguia no seu ofício de sarar a rosa. Era preciso que ela voltasse a botão e daí a nada, deixando embora o estigma de sua passagem pela mão do menino pobre, com a graça de Deus.

ERASMO LINHARES

Nascido no município de Coari, Amazonas, a 2 de junho de 1934, Erasmo Linhares cedo iniciou-se no jornalismo, havendo trabalhado em alguns dos mais importantes jornais de Manaus.

É, também, radialista, ocupando, atualmente, o cargo de diretor-comercial da rádio Rio Mar. Colaborou no jornal *Nossos Dias* e no suplemento literário de *O Jornal*, mantido pelo Clube da Madrugada, publicando contos e crônicas.

Em 1967 conquistou o 2º lugar no concurso “Cidade de Manaus”, para conto, instituído pelo Clube da Madrugada. Já foi repórter parlamentar por alguns anos e autor de programas radiofônicos que ganharam notoriedade quando o rádio se iniciava em Manaus.

Os contos de Erasmo Linhares destacam-se pelo humanismo de que se impregnam e sua tônica é sempre o sofrimento, a dor, a angústia, a miséria que envolvem a criatura humana e a transformam em objeto da nossa piedade e compaixão. Iniciou-se na ficção como autor regionalista, sendo o conto aqui incluído um dos trabalhos mais representativos dessa sua tendência.

Erasmo do Amaral Linhares é professor do Curso de Formação de Monitores do Mobral e acadêmico de Filosofia, cursando, no momento, a 2ª série de Comunicação Social.

Pertence ao Clube da Madrugada e à União Brasileira de Escritores e tem trabalho incluído na *Antologia da Cultura Amazônica*, de Carlos Rocque.

BERIBÊRI

O negro curvou-se sobre as pernas inchadas do homem e resmungou tirando o cachimbo da boca. Nos olhos amarelos a pura desolação.

– Pra essa doença não tenho remédio não. Só droga de farmácia. Era um preto alto e muito magro. A carapinha branca e aquela idade indefinível dos negros velhos. A única esperança e a salvação daquela gente perdida no ermo do seringal: colocavam suas vidas e seus destinos naquelas mãos de juntas enormes.

– Bem que era bom, pai João. Mas não pense nisso não. São com estas três semanas que não faço uma bola de borracha. A gente sabe como é o patrão. Vai dizer que a lancha da Saúde faz seis meses não passa.

As palavras saíam entre ânsias. A febre sufocava-o. As mãos trêmulas seguravam com força o trapo velho que servia de coberta e espalhava-se sobre o tupé estendido no meio da barraca de palha.

– É isso mesmo, o diabo do homem. Mas experimenta mandar tua mulher. Quem sabe ele não atende.

O velho contemplava o doente e espantou-se com o grande esforço que fez para levantar o corpo, apoiando-se nos braços. Os olhos prenunciando nuvens, fundos e bordejados de negro, fitaram longamente o ancião. Os lábios tremiam entre a espuma amarela.

– Não, isso não – conseguiu dizer. Faz muito tempo anda de olho nela.

O preto balançou a cabeça mas não disse palavra. Levantou-se do tamborete e saiu recurvado. Quando penetrou na picada já anoitecida, quase só se viam os rolos brancos de fumo do cachimbo de barro.

Na sapopema próxima o rasga-mortalha soltou a gargalhada agourenta, quando as folhas do caminho afastaram-se levantadas pela cabocla que retornava do marisco.

– Ana – falou o seringueiro abrindo os olhos – Pai João esteve aqui comigo. Disse que não tem jeito. Só remédio de farmácia.

A mulher parou no meio da casa. O rosto moreno e picado de piuns, sem expressão. Compreendia bem a situação. Conhecia as intenções de “sêo” Antoninho e as desconfianças do marido. Caminhou até ao beiral e chorou em silêncio. Nos seus olhos as lágrimas brilhavam ao sol fugitivo. Foi um longo tempo. Voltou, depois, caminhando no escuro e foi sentar-se ao lado do marido, no chão. Arriscou, medrosa.

– E se eu fosse falar com o patrão?

– Não!

E apertou o rifle estendido no solo, sob a coberta.

Com poucos dias as pernas do seringueiro estavam roliças de inchação. Insensíveis e sem movimento. As pálpebras estofadas quase não o deixavam ver. As mãos espalmadas no peito arquejante. O vazio do estômago aumentava-lhe as ânsias. Era tarde.

Esperava a mulher. Havia saído pela manhã e ainda não voltava.

Fora à casa do patrão.

Remara desatinadamente. Encostou a canoa ao porto de paxiúba e saltou para a frente do barracão construído de taipa.

Quase à entrada da grande porta parou, estancada pelo medo. Ficou ali um instante, pensando nos remédios e desejando fugir. Pensava na coragem que a trouxera, contra a vontade do marido. Sabia-o capaz de tudo. E tinha pavor àquele homem que ia enfrentar. Finalmente decidiu-se e subiu a pequena escada fronteira, entrando na saleta que servia de escritório.

Debruçado sobre uma mesa tosca, lá estava “sêo” Antoninho, o dono do seringal.

Homem de pele vermelha e curtida. Cabelos grisalhos – os pêlos do peito saindo em tufo pela camisa aberta. As faces duras e

barbadas abriram-se num sorriso quando a viu entrar. Fez uma cortesia grotesca e os olhos brilhavam.

– Que graça trouxe você pro meu barracão? Parece milagre.

– Meu marido – respondeu a aterrada mulher – foi atacado de beribéri. Precisa de remédio.

– Coitado – fez o homem disfarçando a impaciência. Mas está muito difícil, sinto muito. Já me deve bastante, além do mais. Faz mais de três semanas que não me traz uma péla de borracha. Depois, mesmo que eu quisesse dar, não podia. O remédio que eu tenho é pouco, só pras necessidades.

– Mas, “sêo” Antoninho...

– Nem mais nem menos. E se você quiser mesmo, sabe quais são as condições. Posso dar do pouquinho que ainda tenho.

A mulher abaixou a cabeça, esfregando as mãos. Seus olhos buscavam algum ponto que não conseguiam encontrar.

– Assim está melhor. Vamos, vamos buscar o tal remédio. Se bem que o merda do teu marido não mereça nada. Preguiçoso.

E os dois vultos desapareceram nos fundos do barracão.

Quando a cabocla voltou trazia as mãos cheias de vidros e as faces em lágrimas.

* * *

Já anoitecia quando desembarcou na ribanceira. Viera mais depressa. A favor da correnteza. Caminhando insegura penetrou a cabana e tateando o chão, pôs os remédios junto ao corpo do marido e, sempre em silêncio, foi encostar-se à porta. Desejava ir para longe. Ficar escondida no mato e nunca mais voltar. Não o conseguiria. Um grito estridente do marido fê-la estremecer, numa angústia total. Nem os lábios sentia, adivinhando o que acontecera. O seringueiro, com um frasco na mão, grunhia ansiado. O corpo sustentado por um braço, balançava-se e tremia.

– O que é isso? O que tu andaste fazendo. Ah! miserável, cabocla imunda. Foste com o Antoninho. Te entregaste como uma cachorra vagabunda.

A mulher permanecia muda, incapaz de falar. Parada e de costas, não percebeu que o homem, empunhando o rifle, rastejava em direção à parede, onde recostou-se.

– Vai morrer, sem-vergonha. Tu e ele também.

A cabocla estava paralizada. Queria correr, mas as pernas não obedeciam.

O dedo no gatilho, balouçante, sufocado pela espuma amarela. Detonou a arma duas vezes. Um grito de dor atravessou a floresta e foi perder-se na calma da noite. Ninguém o ouviria.

O corpo da mulher girou no ar, os pulmões estourados, e caiu surdamente no tupé.

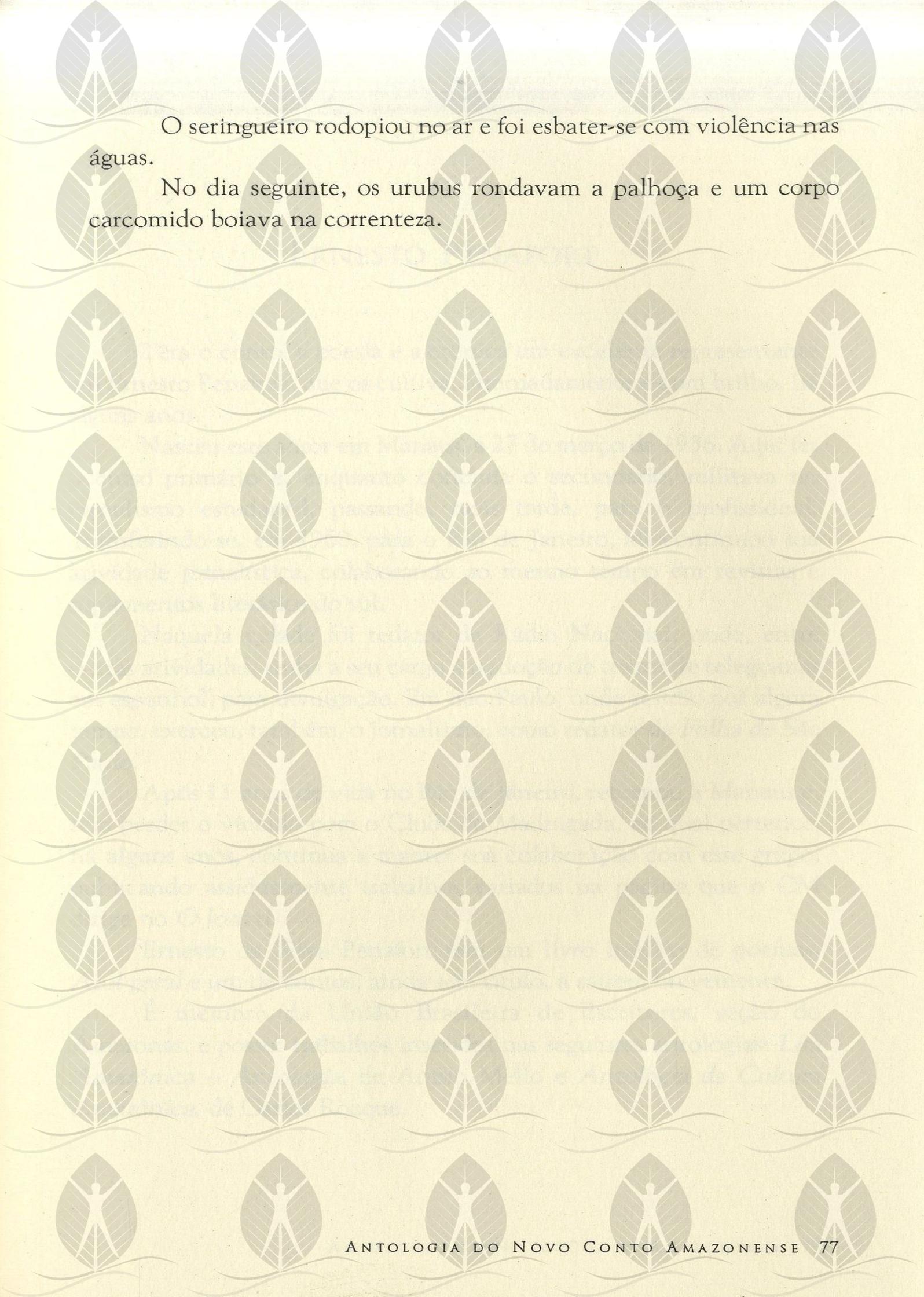
O seringueiro agora chorava. Começou a mover-se lentamente, arrastando as pernas, o rifle passado às costas. Chorava. E de vez em quando ria. Ria e chorava. Soluçava. Louco.

Apoiando-se nos braços, ora apalpando, ora agarrando-se, rastejou pela poeira, passando sobre o corpo inerte da cabocla. No terreiro parou, tentou devassar a escuridão em redor, rangendo os dentes. De febre e de ódio.

– Também vai morrer, porco.

Retomava a dolorosa marcha pelo caminho do rio. Agarrava-se aos matos rasteiros e aos arbustos vergados na estreita passagem. Um espinho rasgou-lhe o rosto tingindo de vermelho a camisa de riscado. As pernas inchadas abriam-se em lanhos, feridas pelos galhos, recortadas pela folha serrilhada da tiririca.

Só quando o corpo era terra e sangue, alcançou o porto. Tentou descer a escada de tabatinga. Impossível. Chorava e ria. Agarrou-se a uma estaca fincada no topo do barranco e jogou no espaço o corpo estropiado. O choque foi demais para os seus braços fracos. Tentou suster-se, mas o barro era escorregadio e as pernas já estavam mortas. De repente os dedos começaram a afrouxar, deslizando rapidamente.



O seringueiro rodopiou no ar e foi esbater-se com violência nas águas.

No dia seguinte, os urubus rondavam a palhoça e um corpo carcomido boiava na correnteza.

ERNESTO PENAFORT

Têm o conto, a poesia e a crônica um excelente representante em Ernesto Penafort, que os cultiva, alternadamente e com brilho, há alguns anos.

Nasceu este autor em Manaus, a 27 de março de 1936. Aqui fez o curso primário e, enquanto concluía o secundário, militava no jornalismo estudantil, passando, mais tarde, para o profissional. Transferindo-se, em 1960, para o Rio de Janeiro, ali continuou sua atividade jornalística, colaborando ao mesmo tempo em revistas e suplementos literários do sul.

Naquela cidade foi redator da Rádio Nacional, onde, entre outras atividades, tinha a seu cargo a tradução de textos de telegramas em espanhol, para divulgação. Em São Paulo, onde residiu por algum tempo, exerceu, também, o jornalismo, como redator da *Folha de São Paulo*.

Após 11 anos de vida no Rio de Janeiro, retornou a Manaus e, sem perder o vínculo com o Clube da Madrugada, ao qual pertence, há alguns anos, continua a manter sua colaboração com esse grupo, publicando assiduamente trabalhos variados na página que o CM dirige no *O Jornal*.

Ernesto da Silva Penafort tem um livro inédito de poemas, *Azul geral* e um de contos, ainda sem título, a saírem brevemente.

É membro da União Brasileira de Escritores, seção do Amazonas, e possui trabalhos inseridos nas seguintes antologias: *Lira Amazônica – Antologia*, de Anísio Mello e *Antologia da Cultura Amazônica*, de Carlos Rocque.

OS PEIXES DA CHUVA

A noite desce lentamente, igual a um fruto apodrecendo. À janela, ele recebe sobre os óculos e o rosto os borrifos da chuva, agora água em poalha. Mais uma vez, como tantas vezes já acontecera, descobre os peixes da chuva. Lá estão eles, metalescentes e convulsos, na larga poça deixada sob as árvores do bosque. “Sim, o lugar é este. Sem dúvida há que ser aqui”.

Lembra-se, não obstante a decorrência de tantos anos, de quando proferira aquela sentença. Só uma coisa não compreendia: a razão de sua preferência, ultimamente, pela hora do crepúsculo, quando antes era inteiramente matinal. Mesmo ao soltar aquela frase fazia manhã e o sol dourava ainda mais os seus cabelos.

Adultecera cedo. Ao perder os pais, não tinha ainda doze anos completos e fora horrível o desastre. A tia, irmã de sua mãe, a mais velha e que ainda não casara (as outras – eram muitas as irmãs – haviam morrido de tuberculose e pneumonia; e, dizem, uma delas, leprosa) o levou para sua companhia “a fim de que não fique só no mundo”, dissera.

A diferença de idade entre ambos, aliada à disparidade de costumes, dera-lhe, ao invés de uma formação modesta, a exata cosmovisão das coisas; uma panorâmica da vida.

Todos os dias, assim que chegava da escola e após o lanche ligeiro, era levado para o bosque, onde brincava e ela se encontrava com um rapaz de longos cabelos. Certa feita, anunciou-lhe: vamos ter que nos mudar porque eu me casarei dentro de quinze dias, mais ou menos.

– Pouco me importa que você adore este lugar. Acontece que o meu noivo, que mora só numa pensão, mas que é um rapaz honesto, acha que o quarto em que nós moramos não dá para três pessoas,

embora você ainda seja uma criança, é verdade, mas para três pessoas não dá. Está dito. Acabou-se.

– Não, não vou mais àquele bosque. E saiba: se quiser pode ir sozinho; mas esta é a última vez que você põe os pés naquele lugar. Pelo menos enquanto viver em minha companhia e na de meu futuro marido. Esperei muito tempo por esta oportunidade e não é por causa de um garoto que agora vou perdê-la.

Também chovia naquela tarde após a escola e o lanche. Era um resto de chuva como o que lhe umedece os óculos e o rosto adulto. Relutara em sair de casa só, mas aos primeiros sinais do fim da tarde, decidiu-se. Foi a primeira vez que os viu.

– Mas como? Ficar por duas semanas andando pelas ruas sem ir à escola? E ainda tem coragem de me dizer que vai abandoná-la? Não, isso é demais. E você já é um homem. A partir de hoje, não mora mais comigo.

Que adiantava explicar-lhe que a sua sala de aula tinha uma goteira bem ao lado de sua mesa de estudos? Também, pouco importava dizer-lhe que se atravessava a época das chuvas da tarde. Diariamente, brilhantes e revoltos, ali estavam eles, os peixes da chuva.

“Inimigo do mar”. Ao cabo de alguns dias, na pensão onde passou a morar e fazer refeições, todos já sabiam de sua ojeriza por peixe, daí a razão do apelido. Mesmo no banco, seu primeiro emprego, jamais aceitara o convite dos colegas para passar fins de semana na praia.

Corria atrás da bola e era visível a sua alegria. No seu encalço vinham outros garotos, a maioria dos quais não conhecia. Era manhã e esta a primeira (e foi a única) vez que ia ao bosque àquelas horas. Subitamente parou, desinteressando-se por tudo que o rodeava. “Sim, o lugar é este. Sem dúvida há que ser aqui”.

Voltou para casa como fora para o bosque, naquela manhã tão clara: só. Apenas uma diferença havia em seu semblante. Ele parecia um homem, preocupado com os problemas do mundo.

Agora, a noite o envolvia, totalizante. A chuva passara de todo e apenas uma brisa, muito úmida, roçagava-lhe as frentes. Ao mesmo tempo, uma estranha coceira aborrecia-lhe o rosto. Sentiu os braços adormecidos e os ergueu (também para coçar-se) de sob o peso do corpo e sobre o parapeito da janela. Quanto tempo passara naquela posição? A coceira aumentava, só no rosto.

“Nem sei mesmo porque vim alugar este quarto aqui”. Já estavam acesas as luzes do bosque. No cimo de seus postes, mais pareciam archotes de angústia ou cabeleiras fulvas; como se o vento as ondeassem. Revelados pela incandescência, rebeldes e luminosos, lá estavam eles, os peixes da chuva.

Primeiro ele pensou nos pais, tragicamente assassinados (como dizia) por um automóvel e uma estrada, quando ainda era uma criança. Depois, conformou-se com a inexistência de um irmão. Em seguida, com os olhos úmidos, lembrou-se de seu último parente: a tia, que acabara morrendo louca e abandonada pelo rapaz de longos cabelos. Finalmente, ele pensou em si mesmo; aí, sorriu sem pressa, enquanto coçava desesperadamente o rosto.

– Não, senhor, não o conheço. Eu passava acidentalmente por aqui. Pensei que ele dormia e não pude deixar de olhar. O que me fez parar foi a estranha aparência de seu rosto. Vê aquelas escamas? Ficaram ali quando o coloquei de bruços; é horrível. Sim, já o revistei, não traz qualquer identidade. É claro que ainda é jovem, mas, sinceramente, eu preferia que não lhe visse o rosto. Sei, estou vendo que o senhor é um homem da lei; a farda diz tudo. Bem, já que insiste.

Bela era a manhã. O bosque agitava-se aos efeitos de um vento alegre e a luminosidade do dia inspirava uma grande vontade de viver.

ERNESTO PINHO FILHO

Cronista, ensaísta e contista, Ernesto Pinho Filho revela em tudo que lhe sai da pena – tensa, nervosa, invariavelmente brilhante – o temperamento de um escritor em constante processo de renovação ou, noutras palavras, de um artista que, sem prejuízo da marca pessoal, copia sempre com um elemento novo a valorizar-lhe o que tem a dizer.

Nasceu em Manaus, Amazonas, a 13 de julho de 1936. Fez os estudos primários em sua cidade natal, concluindo o ginásial em São Paulo, onde teve oportunidade de colaborar na revista dos ex-alunos de Santo Agostinho, *Tolle Lege*, dirigida por Oddy Russo. Retornando a Manaus, em 1953, aqui fundou o quinzenário *Tribuna Estudantil*, passando, então, a manter uma atividade jornalística assídua e efetiva.

Em Belém do Pará, onde reside atualmente, trabalhou nos jornais *Folha do Norte* e *Folha Vespertina*, chegando a secretário deste último. Ainda em Belém, fez parte da Gestalt, equipe de intelectuais paraenses a cuja direção foi entregue o suplemento literário da *Província do Pará*.

Ernesto Pinho Filho é formado em Direito pela Universidade do Brasil, do Rio de Janeiro, e hoje integra o Ministério Público do Pará, no cargo de promotor.

Colaborou por muito tempo no suplemento literário de *O Jornal*, mantido pelo Clube da Madrugada e na revista *Floresta*, ambos de Manaus, assinando contos e crônicas. Como jornalista, manteve, neste mesmo jornal, uma coluna assinada sob o título “Tempo & Contratempo”, onde se ocupava de assuntos políticos.

Tem, em preparo, o romance *Saruçaua*, que espera lançar brevemente.

É detentor de vários prêmios literários, sendo os de maior significação o concedido pelo 1º Festival de Arte e Cultura, em 1954, pela União dos Estudantes Secundaristas do Amazonas (esboço biográfico de Euclides da Cunha), o “Paulo Maranhão” realizado pela *Folha do Norte*, sob o patrocínio da Sudam (ensaio “ABC da hora e vez da Amazônia brasileira”) e o “Cidade de Manaus”, para conto, promovido, em 1967, pelo Clube da Madrugada.

Ernesto Pinho Filho é membro do Clube da Madrugada e tem trabalho incluído na *Antologia da Cultura Amazônica*, de Carlos Rocque.

CONOSCO OS INGÊNUOS: ALELUIA! ALELUIA!

Fracassado é o que não sou, meu caro vizinho, o homem quando fracassa quando não se sente mais a serviço da próxima manhã. Se estou passando e você não hesita em me cumprimentar, simplesmente fica provado que somos todos iguais perante o cobrador.

Fracassadas são as empresas que anunciam prometendo quatro salários mínimos mensais, por semana, e só exigem “aparência impecável”, “personalidade definida”, “dinamismo contagiante”, “ambição progressiva”, “convicção de êxito pessoal”, “vontade de participar em atividades atualíssimas”, etc., esgotando assim todas as chaves-de-sucesso da CARTILHA DE COMO VENCER NA VIDA ATENDENDO A ESTE ANÚNCIO.

Escuta só o título deste anúncio aqui, querida: DEPENDA DE SI PRÓPRIO. Quem é que pode, se há os sonhos, as marés, as contas, as filas, os ocasos da morte?

“DEPENDA DE SI PRÓPRIO: VENHA CONVERSAR CONOSCO – somando-se trabalho e instrução, obtém-se CARREIRA como resultado – APENAS 14 VAGAS – Oferecemos a VOCÊ oportunidade excepcional de tornar-se HOMEM DE EMPRESA, preparando-o para galgar cargos de chefia em nossos mais diversos setores funcionais – SOMOS EMPRESA PIONEIRA, NA AMÉRICA LATINA, EM ALTO RAMO DA CIÊNCIA”.

Anúncio sério, este: sério e objetivo: 14 vagas, empresa pioneira. Só discordo mesmo é do DEPENDA DE SI PRÓPRIO: sugere-me o SALVE-SE QUEM PUDER da falência.

Escuta o resto, querida: “Aprenda conosco teoria e prática de chefia e liderança, divulgação científica, pesquisa de mercado, opinião pública, promoção de vendas, relações públicas e humanas,

oratória, etc. e participe de nossa expansão mundial como autêntico HOMEM DE EMPRESA”.

Amanhã eles vão me conhecer, e olha só o magnata me dizendo: – “O senhor é o homem certo para o lugar perto”. Perto da diretoria, querida. Me arranja uma tesoura, e larga logo essa cozinha. Sabes aonde vamos? Olhar o domingo na praia. Deixa a criança com a mulher do porteiro. Ela não vive se oferecendo? Na volta a gente traz um agrado qualquer – uma cerveja para o marido dela, ou um kibon para o filhinho deles. Veste já-já o teu maiô, ô dona fuligem! Te conheci morena, te exijo morena: mas de sol, nunca de fogão, ouviste?

Fila-da-padaria, fila-do-ônibus, fila-do-elevador, fila-do-emprego: assim se enfileira o homem que sonha em depender de si próprio.

Vigoroso como o de um homem de empresa, o aperto de mão do moço, um dos auxiliares da Seção de Recrutamento e Seleção do Pessoal.

– Queira sentar. O senhor é daqui do Rio?

– Do Norte.

– Tem parentes aqui?

– Tenho.

O moço me estende uma folha de papel.

– Queira preencher a ficha de inscrição Experiência em vendas não é requisito eliminatório.

E oferecendo-me sua caneta:

– Indique os nomes de alguns parentes.

Largo a folha.

– Os senhores não aceitam referências comerciais?

– Nenhum deles será procurado por nossos agentes. Indique os nomes sem pautar endereços.

Com letra de forma, preencho a ficha: nome completo, nacionalidade, data de nascimento, filiação, último emprego, motivo da rescisão contratual, último salário, nível de instrução, pretensões salariais, experiências profissionais, referências, documento de

identidade apresentado e – curiosa constante – indicação de parentes radicados na Guanabara.

O psicoteste, em seguida:

– Desenhe no verso da ficha quatro árvores.

– Qualquer espécie de árvore?

– Nem coqueiro nem palmeira.

Portanto, valendo jaqueira. Desenho quatro jaqueiras. Só não lhes sinto o aroma, por causa do perfume do moço.

Outras motivações do psicoteste: estrada, porteira, balão, peixe e, finalmente, o teste-chave – ou seja: do conjunto de triângulo, esfera e retângulo, montar um boneco, servindo-se apenas de dez daquelas figuras geométricas.

Devolvo a ficha, e o moço, sempre-de-sorriso:

– Volte logo mais às onze horas.

Volto. Somos uns vinte. Estamos sentados à mesa da sala-de-instrução; à cabeceira, de pé, dois funcionários da empresa. Portanto, somos uns vinte na arena. E dois leões.

– Senhores! – grita o mais baixo.

O outro:

– Estamos em guerra!

E os dois:

– LUTAMOS CONTRA A FILOSOFIA DA DERROTA!

Perplexidade nossa, dinamismo deles; e o mais alto está se apresentando:

– Chamo-me Alexandre. Sou um dos instrutores da empresa. Comecei como os senhores. Atendi ao mesmo anúncio há menos de oito meses. Prazer em conhecê-los.

O mais baixo:

– Chamo-me Caetano. Acabo de ser promovido a instrutor. Estou na empresa há apenas seis meses. Senti nesta sala a mesma emoção que os senhores estão sentindo agora.

Observam-nos. Examinam as fichas de inscrição. Entreolham-se.

– Instrução secundária é a nossa única exigência – prossegue Alexandre. – Todos os senhores estão nesse nível. De modo geral, os

psicotestes nos agradaram. Quantos dos senhores pertencem ao Clube dos Cinco?

Clube dos Cinco? Surpresa nossa, sorriso deles. Alexandre insiste:

– Quanto dos senhores são sócios do Clube dos Cinco?

A voz de Caetano, agora:

Pelo que vejo, Alexandre, não contamos aqui nem com um sócio. A solução é admitir esse pessoal todinho. Concordas?

– Concordo.

– Ótimo. Os senhores acabam de entrar para o Clube dos Cinco. Parabéns.

Um dos candidatos pergunta:

– Onde é que fica mesmo esse Clube?

O senhor tem casa própria ou alugada?

– Alugada.

Pois é lá que funciona o nosso clube.

– Na minha casa?

– E na minha, na de meu colega Caetano, na de nós todos, onde temos de acordar às cinco de la matina, para estar aqui às sete, haja o que houver, inclusive inundação.

Contagiante, o Alexandre. Personalidade definida, aparência impecável, ambição progressiva. Quantos salários mínimos mensais deve ganhar por semana? Começa a chamar os candidatos, pela ordem das fichas, e quer saber se dispomos de tempo integral, se estamos estudando ou simplesmente desempregados e, por último, nos convida a começarmos amanhã, munidos de caneta e caderno, o PERÍODO EXPERIMENTAL DE CAPACITAÇÃO.

E nos adverte:

– Equivale a vinte e dois dias de trabalhos forçados. Não eliminamos ninguém, entendido? O próprio candidato é que se encarrega disso. Também não adiantamos nada sobre a finalidade de nossa empresa. Os senhores serão informados no momento oportuno.

Caetano desenvolve agora uma variante vocal maçônica:

– Os senhores queiram levantar-se, para o nosso ritual de encerramento. O meu colega fará por nós uma prece. Começará em seguida uma saudação que os senhores completarão comigo. Ao gritarmos ENTUSIASMO! bateremos vigorosamente com os nossos punhos esquerdos na mesa, entendido?

O vozeirão de Alexandre deve estar sendo escutado até na porta do elevador:

– Senhores! Desejo-lhes um dia de saúde, iniciativa e persistência, extensivo a seus familiares, e aqui estaremos amanhã, mais uma vez reunidos, às sete horas, convictos de que honraremos o trabalho humano, porque, SE DEUS ESTÁ CONOSCO...

...NINGUÉM PODERÁ ESTAR CONTRA NÓS! – arremata Caetano, devagar, para que o acompanhemos; e, ao gritarmos com ele ENTUSIASMO! golpeamos a mesa, mas sem harmonia. Na próxima vez faremos melhor. Quem não sabe esmurrar sequer uma mesa, não tem o direito de depender de si próprio.

Fazemos fila para o elevador. Atendendo a uma das exigências dos instrutores, evitamos “as relações humanas entre concorrentes”. Concorrência, fila, sobrevivência: “Paz em nosso tempo, ó Senhor!” – “Aleluia! Aleluia!” – “Por não saber a hora da minha última fila, louvado seja o Senhor!”

Descemos em silêncio, e o assensorista comenta, risonho de malícia:

– Empresa movimentada, essa do vigésimo: está com quatro turmas de candidatos...

Vinte e dois dias de instrução: das sete às nove horas, copiar ditado sobre as “bases do sistema” – ou seja: “as sete mais experimentadas chaves do fechamento de negócio utilizadas pelos maiores promotores de vendas do mundo”; vinte e dois dias de instrução: – “Se Deus está conosco, ninguém poderá estar contra nós”; vinte e dois dias de instrução – “O quê? Se eles vão nos pagar? Claro que não, querida. Estamos sendo testados, entendes? Se não queres dormir, vem me ajudar a copiar. Apagar a luz agora? Cobre com um lenço os teus olhos”.

Dependo dos sonhos, das marés, das filas, das contas, dos acasos da morte. Tão frágil sou, querida, e dependes de mim. Diante de uma mesa vazia, o amor continuará sentado? Qual a razão de ser de uma carta de amor, por exemplo, se os selos custam duas doses de café?

Portanto, também o amor me faz depender de Alexandre:

– Senhores! Fechem os seus cadernos!

Fechamos, aliviados. É o vigésimo segundo dia. Alexandre está mais enérgico:

– Vamos cumprir hoje a última etapa de nosso período de capacitação. Os senhores vão nos provar que dependem mesmo de si próprios: que com habilidade e sem complicações podem conduzir alguém a uma decisão; que finalmente conosco aprenderam a lutar contra a filosofia da derrota.

E começando a erguer o pano de fundo:

– Nenhum dos senhores sabe o que somos como empresa. Correto? Agora vão saber. A apresentação oficial será feita por meu colega Caetano.

Sai Alexandre, entra Caetano:

– Senhores! o nosso nome é MORSA. M-O-R-S-A. Daqui a alguns meses todo o país conhecerá essa sigla. O que é que vendemos? Nenhum produto. Nenhuma droga atômica. Prestamos serviços científicos. Os senhores serão nossos agentes. O povo está lá fora desorientado, à espera de nossa mensagem: somos empresa que se dedica, na América Latina, ao desenvolvimento das forças psíquicas. Contamos em nossos quadros de pesquisas com a presença das maiores autoridades mundiais no assunto. Oferecemos resultados de curas radicais em casos de neuroses, artrismo, impotência sexual, reumatismo infeccioso, loxidermias medicamentosas, urticária crônica, etc., conforme os senhores podem constatar da leitura destes folhetos.

Distribui os tais folhetos, rápido, e em seguida desfecha:

– A cada um dos senhores serão confiadas vinte ações da empresa.

Alguém repete:

– Ações?! Ações?!

Caetano não se apercebe:

– Os quatorze primeiros a se apresentarem, até às 18 horas de hoje, com todas as ações vendidas, passarão a fazer parte do “quadro de candidatos aprovados para o curso de adaptação”, durante o qual terão direito a comissões.

Vender papéis! Vinte e dois dias no rumo de empresa pioneira, na América Latina, em alto ramo da ciência; vinte e dois dias a copiar ditados sobre as mais experimentadas chaves-de negócios.

Queres rir ou chorar, querida? Precisas de um cinema urgente. No São Luiz está passando um filmaço: “Adeus às ilusões”, com a Liz Taylor e o Richard Burton; vou pedir à mulher do porteiro para cuidar da criança.

Dependa de si próprio. Procure-nos. Conosco os ingênuos.

– “O senhor tem parentes aqui no Rio?”

Bolaste, querida? O candidato naturalmente tende a vender as ações aos familiares, pois lhe acenam com a oportunidade se tornar **HOMEM DE EMPRESA**.

O cinema, querida, o cinema! Se Deus está conosco, ninguém poderá estar contra nós.

FRANCISCO VASCONCELOS

Francisco Vasconcelos nasceu em Coari, Amazonas, a 4 de abril de 1933. Fez os cursos primário e secundário em Manaus, formando-se em Direito pela tradicional Faculdade de Direito do Amazonas.

Iniciou-se na literatura no jornal estudantil *O Centro*, onde manteve assídua colaboração, publicando crônicas, poesias e contos. Mais tarde, com a extinção dessa folha, passou para o jornalismo adulto, havendo assinado trabalhos no *Jornal do Comércio*, na *A Gazeta* e no *O Jornal*.

Foi presidente da União dos Estudantes do Amazonas e do Clube da Madrugada, deixando, em ambas as entidades, assinaláveis marcas da sua passagem, traduzidas em trabalhos relevantes que realizou em prol das duas classes.

Em 1956, com João Bosco Evangelista e Antônio Cruz, fundou o jornal literário *Nossos Dias*, que marcou época, dado o caráter de novidade de que revestia, chegando a abrigar, nos três números que assinalaram sua curta existência, nomes respeitáveis da literatura amazonense.

Francisco Marques de Vasconcelos Filho é funcionário do Banco do Brasil, por concurso, servindo, atualmente, na agência de Brasília, onde passou a residir após ser transferido de Manaus.

Publicou, em 1963, seu livro de estréia, *O palhaço e a rosa*, uma coletânea de contos de forte sabor social. Pertence ao Clube da Madrugada e à União Brasileira de Escritores, seção do Amazonas e tem trabalho incluído em *Lira Amazônica – Antologia*, de Anísio Mello.

O MENINO E A LEI

O apito do guarda furou a noite. Por um triz não respondeu em eco um gemido de morte. Dois braços erguidos sobre a cabeça e, nas costas, pertinho, um cano de revólver.

– Toca pra frente, bicho!...

O marginal se entregava sem qualquer resistência. E a ordem, tantas vezes em perigo, estava garantida.

Da Delegacia de Polícia, armado de revólver e cassetete, o homem-lei, deixando escorrer dos lábios um sorriso de vitória, cumpria as ordens do delegado que rosnava com uma voz de trovão:

– Leva essa peste daqui!

Um empurrão abrutalhado nas costas do preto e um quadrado de dois metros lhe servindo de mundo.

– Vais apodrecer aí, desgraça!

Era a sentença desejada para o marginal que os jornais chamavam de “Zé Pretinho”.

O guarda voltou feliz, pensando na promoção que lhe seria dada como prêmio pelo serviço que prestara à lei. E seu retrato, ao lado do preto, seria estampado na primeira página dos jornais numa prova de que o bem triunfara.

No dia seguinte, um diálogo obrigatório entre a lei e o crime:

– Seu nome?

– José da Silva.

– Idade?

– 28.

– Nome do pai?

– ???

O guarda ouvia o diálogo. Agora, não sabia por que, pensava nos filhos. O homem a quem prendera não conhecera pai. Lembrou-se do que lhe dissera, da sentença que lhe desejara. E dos gestos

bruscos, da arrogância do delegado, da humildade do *monstro* que, calado, olhos fitos no chão, caminhava indiferente rumo à cela. Num instante reproduziu toda a cena da noite anterior. E pela primeira vez se sentia frustrado na missão que desempenhava. A sociedade que defendia era uma árvore doente cujo fruto, apodrecido, todos desprezavam. Ali estava um deles. O mundo o fizera assim. Que culpa poderia caber-lhe? Das perguntas do inquérito muitas ficaram sem resposta. Uma origem de bordel, anônima. Um acaso de vida. E naquela existência casual, nenhum sorriso, nenhum afeto. Todos os dias, assim, secos, duros. Nunca um gesto traduzindo carinho. Nada. Os homens, com olhos de estátuas: pedras, frios. “Vai trabalhar, moleque!” Onde? E sempre uma máscara ensainado um sorriso. O menino querendo sorver o sorriso e a máscara lhe fazendo medo. O menino fugindo. Fugindo sempre.

– Você tem pai?

– Não.

– Nem mãe?

– Não.

– Coitado!...

Pronto. Fora tudo. Mas nenhuma solução para salvar o menino. Ninguém o via apodrecer. A Justiça brincando de manja, esconde-se do menino que não tinha o direito de brincar. Nem viver. E o menino fora do lugar, pedindo esmola, querendo pão.

– Vai trabalhar, moleque!

Os homens passavam indiferentes. Todos. E o menino antecipando a sentença que lhe desejariam mais tarde: apodrecendo. Encaixotada nos séculos, fora de prática, toda a filosofia do amor e do bem. Esquecida. Inútil para o menino que não conhecia amor. E milênios de civilização atrás do menino asism...

Por tudo isso, um coração acumulando ódio. Um coração nascido para amar. Uma coisa dentro dele querendo sair, tufando. Desejo de vingança crescendo. Uma *ordem* em perigo.

Foi somente aí que passaram a ver o menino. Medo. A *ordem* ameaçada. Um apito furando a noite e uma lei surgindo para defender



a ordem. Aquela mesma ordem incapaz de formar um homem. E a primeira lei que o menino conheceu. Depois que cresceu e se fez monstro...

GUIMARÃES DE PAULA

Guimarães de Paula nasceu em Manacapuru, Amazonas, a 30 de novembro de 1932. Filho de pais pobres e residindo distante dos centros onde pudesse instruir-se, somente aos 10 anos veio aprender a ler.

Inicialmente jornalista e poeta, mais tarde incursionou pela ficção, escrevendo diversos contos – todos da melhor categoria – que publicou nos suplementos literários dos jornais de Manaus. Seu primeiro trabalho em letra de forma saiu no jornal estudantil *O Centro*, no qual colaboravam, também, ao tempo, Jorge Tufic, Anísio Mello e Alencar e Silva. Mais tarde, com estes três intelectuais, fundou a revista *Amazonas Ilustrado*, de existência efêmera, mas de excelente apresentação, tendo prestado elogiável serviço à divulgação da cultura do Estado.

Já residiu no Rio de Janeiro, onde trabalhou no *Diário da Noite*, hoje extinto. Em São Paulo, durante o tempo em que ali morou, colaborou, com poesia e conto, na *A Gazeta* e na *Folha da Tarde*. Em 1952 integrou a caravana de poetas amazonenses que percorreu o país de ponta a ponta, a objeto de intercâmbio e divulgação cultural.

É alto funcionário da Petrobras, servindo, atualmente, em Campinas, São Paulo, onde reside.

Tem inéditos: *A dama da tristeza* (poesia), *Sombras e fantasia* (prosa) e *Nas chamas do ideal* (prosa).

Raimundo Gilberto Guimarães de Paula é membro do Clube da Madrugada e está incluído em *Lira Amazônica – Antologia*, de Anísio Mello e *Pequena Antologia Madrugada*, de Jorge Tufic.

LAPA, 1953

1

Aespuma branca e espessa como a do leite escorria lentamente pelo canto da boca do crioulo enfurecido, pingando no paletó de tropical marrom que a luz da lâmpada forte tornava brilhante.

O álcool acendia-lhe dois olhos maus a observarem os gestos de quase investida do adversário que parecia possuir (embora não demonstrasse claramente) mais técnica e destreza.

O minuto e expectativa estavam chegando ao fim e a Morte já se havia decidido vir. Nem contendores nem espectadores esperá-lham por mais tempo. E se a Morte sempre atende aos chamados, aquela luta era um grande convite.

Primeiro, o espetáculo da contenda entre gestos e intenções: “Jogo esta mão pra cá (e jogava, enquanto o outro se preparava para a defesa de um ataque que não sabia como viria), ele olha (de fato o outro olhou mas não se arredou do lugar porque a sua atitude calma e quase impassível guardava todo o segredo da vitória), move o corpo, muda o pé da posição (de equilíbrio) e quando perder o prumo...”. Depois, a luta propriamente dita. De fato houve um pulo! E também um insucesso: ao invés daquela mão enfurecida cortar com a navalha a carótida do adversário estátua (assim ele o julgara mas não encontrara o termo exato para figurá-lo), apenas riscou o ar e, com o aço sob a luz, pôs rápidos reflexos nas paredes e no teto. Nesse instante todos ouviram o grito e um suspiro uníssono saiu do peito da assistência admirada. O homemestátua, incrivelmente, readquirira movimento.

Substituindo a espuma branca, saiu uma espuma vermelha e borbulhante da boca do crioulo de coração espetado pelo punhal.

Deu-se então a fuga covarde, aos tropeços, derrubando gente.

O dono do bar (segundo opinião dele mesmo) era o maior prejudicado. A noite, tão boêmia, estava perdida. Bebidas nas prateleiras, comidas da cozinha e no frigorífico e nem mais um tostão em caixa porque ninguém, ninguém! se achava disposto a beber e a comer na presença de um cadáver. Os garçons, por sua vez, praguejavam lá com seus botões, pois aquele sangue grosso, que dentro de poucos minutos começaria a coagular-se, seria limpado por eles à custa de muitos esrregões e soda cáustica.

Foi nesse momento que entrou a mulher de cara marcada a golpe de navalha. Tinha sido avisada. Olhou o crioulo morto, sangrando, e sorriu uma vingança tardia e feminina. Depois, atendendo ao coração, chorou uma lágrima. Não chorou a tragédia, o crime, mas a Morte do Amor na morte do preto amado. Mas logo saiu, afastando com gestos e palavrões os curiosos. Precisava de ganhar a vida com aqueles que nunca a conheceram mas a “esperavam” em qualquer beco escuro para um negócio do sexo em cinco minutos.

Quando colocaram a vela na mão do defunto, vinte e duas cabeças pensaram em Deus e prometeram nunca marcar um encontro com a Morte. Então alguém falou como se possuísse a profecia: “Ele tinha que acabar assim...”. Imediatamente, vinte e uma cabeças concordaram, inclusive as que não conheciam a história do morto.

4

Os repórteres foram chegando e disparando seus *flashes*. No outro dia, sem falta, aquele que sempre quisera cartaz teria a sua fotografia estampada em um jornal, não obstante seu grande orgulho sempre tivesse desejado que tal oportunidade acontecesse de outra maneira e na qual ele fosse o Herói.

Abrindo caminho a cassetete, a seguir vieram os policiais:

– É o Zé do Morro. Quem foi que matou o crioulo?

Ninguém sabia.

– Leva tudo pra Central!

5

Houve ainda alguma confusão e os carros policiais partiram cheios. Zé do Morro, numa camioneta preta de cruzeiros amarelos, deu volta ao largo da Lapa, onde ele sempre fora o maior. Quando passou pela frente de um de seus prediletos cabarês, a orquestra tocava um mambo. Mas Zé do Morro não precisava mais de mambo nem de cartaz.

6

Começava a amanhecer.

GETÚLIO ALHO

“Double” de contista e pintor, Getúlio Alho por muito tempo manteve, assiduamente, sua presença nos suplementos literários de Manaus. É um dos mais jovens membros do Clube da Madrugada e, apesar de não ter livro publicado, cedo soube impor-se à admiração e ao respeito do público, pela seriedade e beleza que os seus trabalhos contêm.

Como pintor, Getúlio Alho já realizou diversas exposições, inclusive em Manaus, Porto Alegre e Brasília, onde reside, há alguns anos. Já fez, também, ilustrações para livros e suplementos literários de vários jornais, mostrando-se, nessa área, um artista capaz e seguro.

Sua maior colaboração, com ilustrações e contos, durante o tempo em que residiu em Manaus, foi emprestada ao suplemento literário do Clube da Madrugada, mantido em *O Jornal*.

No início deste ano, entre grande número de candidatos, conquistou o 2º lugar no concurso de contos, instituído pela Esso, para concorrentes de todo o país.

Os contos de Getúlio Alho caracterizam-se por uma atmosfera poética, com acentuado toque dramático, levando sempre o leitor a participar das agruras e sofrimentos por que passam os seus personagens.

Está nesta linha o trabalho que aqui incluímos e que revela um ficcionista bem-dotado dos atributos que exige o seu “metièr”.

NOTURNO DA PRAÇA DE SÃO SEBASTIÃO

Também, desinteressante ocupar as mãos, escondendo-as atrás do corpo, tomando atitude posada, enquanto os passos venciam as figuras sinuosas, pretobranco, do chão da praça (as pequenas pedras que formam o piso, dando idéia de onda, se vistas de uma certa maneira, e acostumando a vista em outra posição, as partes em preto tomam uma profundidade elevando as formas brancas como se fossem montanhas, pareceu-lhe, doíam até, pelas solas gastas dos sapatos, aquecidas com o calor e contato com elas de tanto andar e cruzá-las desde a porta da igreja, contornando o monumento, até o outro lado onde aparecia somente a rua e pelo lado do Teatro, as mangueiras); – vinham de pontos não percebidos batucadas das festas de carnaval; – pendê-los ao lado do corpo, andando, não tinham nenhuma função, atrapalhados, roçando o direito no cassetete inútil pendurado na cintura, contrastando com o claro desbotado, do cáqui da farda. O enorme monumento, incompreensível no escuro, fica atrás das barcas de bronze – EVROPA AMERICA AFRICA ASIA – vazio no seu tanque em que outrora continha água para dar idéia de as barcas flutuarem partindo do enorme bloco de mármore em que se sobressaem caras de índios, meninos nus, uma placa em que se comemora um discurso do Ditador do Rio Amazonas, os degraus acompanhando quase em círculo tudo aquilo mas deixando umas pontas por onde a meninada nas tardes brincava e corria. Sentar era chamar sono. O calor vinha com a música, as músicas indistintas, como em noites de sábados no bairro, em casa, deitado junto com a mulher, ficava percebendo todas elas das diferentes boates que se organizavam em barracões próprios para isso, e sendo, além disso, sábado também, eles (a mulher e os filhos) estariam nas mesmas condições sem poder dormir devido o barulho e o calor, sem contar

com a necessidade que tinham de comer, pois desde o café saíra de casa sem voltar para saber como tinham se arranjado no almoço e no jantar, e como seria amanhã se o plantão acabando de madrugada quando as festas nos clubes se encerrariam e teria de voltar para casa para dormir, sem contudo ter ao menos vinte cruzeiros para um pingado-com-pão-simples, nem vale o delegado não agüentava mais porque o ordenado estourava antes do fim do mês e mesmo para a mulher passara lá com ele pedindo-lhe que não adiantasse nada porque tinha medo de que ele fosse tomar tudo de cachaça sem levar nada pra casa e ela ficasse sem comida para os filhos tendo de ir buscar alguma coisa na casa da mãe e quando o pai sempre aproveitava para lhe ralhar dizendo que só quem dava confiança pra guarda civil era caboca-chofer-de-fogão e que ela aprendesse e fosse procurar homem pra ela e que não tivesse de lavar roupa pra agüentar com as despesas. Patife. Já mais de uma hora foi que soaram os sinos do relógio da igreja que de quinze em quinze minutos faziam-no olhar para a torre. E procurava ver em quantas passadas percorreria a praça pela beira da calçada, debaixo dos pés de benjamins, correspondendo as passadas aos minutos que avançavam. Agora, vinha mais forte a batucada da festa da Casa do Estudante e se ainda não tinha tocado a “Cidade Maravilhosa” era sinal que a festa ainda não tinha acabado e ainda faltava muito porque, pelo barulho, parecia animada, com muita gente. Do outro lado, a igreja ficando atrás do monumento atravessou a rua para dar um passeio por debaixo das mangueiras que escureciam ainda mais a rua, indo até o Grupo do esse que faziam antigos trilhos do bonde Fábrica vindo da praça onde estivera em direção à Estação. Mas não ficou ali, voltou em seguida. E a praça novamente sem mudar nada, sem passar ninguém, nem ao menos um carro para quebrar o silêncio. Foi quando ouviu alguma coisa vinda do monumento. Cachorros na certa. Mas não vira sombra nenhuma de cachorros andando pelo meio da praça ou pelos lados do Teatro. Aproximou-se devagar forçando a vista no escuro, e viu, viu sem saber o quê a princípio, pois não se distinguia, apenas gemidos mais exatamente e pernas que caíam das roupas de cima do banco. Tirou

o cassetete e bateu na costa do que estava por cima. O rapaz pulou e a moça começou a chorar. Os três embaraçados sem saber o que faziam com o que tinham nas mãos – ele com o cassetete. Aproveitou, fazendo o seu papel e passou uma descompostura nos dois (bem-vestidos, “É minha noiva, o senhor compree...”, vindos de alguma festa dali de perto, do Luso ou do Ideal, de qualquer parte que não perguntou porque não interessava) e foi duro, a voz garantida pelo cassetete que tinha na mão:

Vambora pra Central.

Atravessaram a praça, ele em silêncio atrás, os dois, a moça chorando, o rapaz tremendo, “Seu guar...” não fez ouvidos e continuou a empurrá-los por debaixo das mangueiras onde há minutos estivera passeando. O rapaz segurou-o pelo braço quando já desciam uma rua pra pegar outra que desembocava logo defronte da Central, passando pela Biblioteca: “Não faça is... Espere que... Nosso nome no jor...”, não adiantava, não adiantaria se ele soubesse de mais alguma coisa, como sua mulher e os filhos, além do sogro sem-vergonha e do domingo que passariam sem ter nada, mais um domingo seria. Agora foi ele que agarrou o rapaz pelo braço e escorou-o pro lado da parede, perto dum poste, a moça ficando de lado olhando assustada pelas lágrimas temendo que ele fosse batê-lo mas que somente falou sabendo das intenções dele (do rapaz):

– Mostra a carteira.

Apanhou um dois três quatro contos e passou-lhe o resto com a carteira deixando o pro ônibus dos dois ainda falando em voz grossa: “Vão-se embora e nada de novamen...” e voltou pro posto da praça, sorrindo consigo mesmo na escuridão e ainda mais que daqui a pouco podia voltar pro quartel para dar por encerrado seu serviço e ir pra casa, antes passando pelo mercado para comprar dois quilos de carne e verdura. Dois quilos. E almoçar feito rico enquanto a mulher assustada perguntaria se tinha metido vale. “Que nada, mulher, não te incomoda”, e poderia comprar uma garrafa de vinho-de-mesa para acompanhar os bifos dos dois quilos de carne e verdura. Ainda passa pela praça, e às vezes se lembra, se lembra para contar quando



consegue um dedinho de prosa e cana, como aquela vez no bar do Alberto em que ainda disse que via sempre a moça passando pra aula, de normalista, sem aliança e sem nada.

JORGE TUFIC

Embora seja a poesia o seu gênero preferido, Jorge Tufic não despreza outras manifestações literárias, inclusive o conto, que cultivava com desenvoltura e talento. É autor de três livros: *Varanda de pássaros* (poesia), que marcou sua estréia, em 1956; *Pequena Antologia Madrugada* (seleta da nova poesia amazonense, 1958) e *Chão sem mácula* (poesia), 1966.

Filho de pais libaneses, Jorge Tufic Alaúzo nasceu em Sena Madureira, Estado do Acre, a 13 de agosto de 1932. É autodidata e um dos fundadores do Clube da Madrugada, entidade literária fundada em 1954, responsável pela renovação da literatura e das artes, no Amazonas. Sobre o seu livro de estréia o crítico Antônio Olinto, entre outras coisas, diz o seguinte: “*Varanda de pássaros* tem, em alguns poemas, tons selvagens de rebeldia, que nos mostra a inconformação do poeta com seus caminhos e a possibilidade de realizações, mais bem plasmadas”.

Pertence à Academia Amazonense de Letras, ao Clube da Madrugada e à União Brasileira de Escritores, seção do Amazonas, achando-se incluído nas seguintes antologias: *A Nova Poesia Brasileira*, de Alberto da Costa e Silva; *Antologia da Novíssima Poesia Brasileira*, de Walmir Ayala; *Seleta Literária do Amazonas*, de José dos Santos Lins; *Lira Amazônica – Antologia*, de Anísio Mello; *Pequena Antologia Madrugada*, de sua própria autoria e *Antologia da Cultura Amazônica*, de Carlos Rocque.

Tem os seguintes livros inéditos: *Por uma Poesia de Muro* (ensaio) e *Faturação do ócio* (poemas).

Em 1955 conquistou o 1º lugar no Concurso de Poesia Norte-Nordeste, realizado pela SPVEA, em Belém, e, em 1967, foi

contemplado com o 2º lugar (para crônica) do Prêmio “Cidade de Manaus”, instituído pelo Clube da Madrugada.

JANELA AZUL

Ao dar a volta na chave para desligar o motor do carro, ele teve a súbita impressão de que a cidade se desmoronava às suas costas, semelhante a um montão de cartas. E um leve ruído de folhas secas mostrou-lhe em seguida os efeitos do sol na grama recém-cortada. Era um amplo verão concebido pelas forjas de Vulcano que se fazia instalar, áspero e esturricante, naquele trecho escondido de rua. Mas, finalmente, ele entrava, incólume, pela semi-obscuridade daquela varanda familiar, em cujo percurso desintoxicante tranqüilizava os músculos da face para o límpido sorriso de chegada. Sentia-se, pelo menos, seguro de ter vencido mais uma jornada de trabalho; êxito, no entanto, acompanhado sempre da pergunta de sempre: – E amanhã, será a mesma coisa? E haverá esse outro dia?

De corpo inteiro o “pai de família” assomou na saleta da casa, onde a expectativa da mulher, a partir do instante em que ele fora anunciado pelo barulho dos sapatos na varanda, cedia lugar às expansões de surpresa pelo adiantado da hora.

– Muito bem: se o tempo esfria, a culpa é do conhaque. Se faz calor, cerveja na quentura. Esses bares têm a costa bem larga!

– Acalme-se, venho chegando...

– ...para buscar fogo. Sua casa é lá mesmo.

Não adiantava repetir o velho argumento em favor do “campo de batalha pela sobrevivência material”, representado pela rua. Com todos os inconvenientes do ofício, o casamento lhe havia dado uma chance para olhar de perto, através de lentes poderosas, a vida mínima dos homens, e como se reproduzem no interior de acanhados preceitos hereditários. Ele próprio considerava-se um produto dessa intrincada organização em que os seres e o mundo se dividem, lutam,

aniquilam-se mutuamente ou erigem torres e feudos. “Os homens passam – dizia-lhe o pai – mas as boas obras ficam”. E nos herdaram esta zorra toda! E separaram os homens dos homens, e os filhos dos homens dos filhos dos homens. E nos deixaram leis bolorentas que nos obrigam a imitá-los nos usos e costumes. E porque tudo isso nos parecia o retoque final nas belas obras do Criador dos céus e da terra, eis-nos aqui de gravata e colarinho engomado, a roer com as traças íntimas dos retratos de famílias as “verdades” cruas de seus dogmas e protocolos inflexíveis!

No banheiro, por entre um rasgão na cortina, se poderia vê-la agora diante do espelho oval da alcova iluminada pelo tubo de luz fluorescente. Cor do dia claro. Praia ao sol. Dali a pouco ambos se encontrariam na mesa de refeições, e a conversa talvez procurasse o rumo dos probleminhas caseiros de rotina, um enguiço na descarga do banheiro, a conta do telefone, os altos preços dos gêneros alimentícios, as férias escolares dos meninos. Não precisava ouvir nem discutir para ter a certeza. Todos os dias apresentavam esse mesmo funcionograma raquítico, pródigo no registro de números e cifrões inflacionários, que tornavam a paisagem nos jardins vizinhos igual a uma coisa impressa e pendurada na parede. Ora, um homem que chega da estafa profissional necessita de uma poltrona, se possível colocada em frente a uma janela sem cortinas, aberta para o mar ou para o rio ou simplesmente para o azul. Lembrou-se então de um jarro; sim, era a janela azul de Matisse. Até onde não podiam chegar as buzinas dos automóveis nem tampouco o ronco de suas descargas proibitivas. A janela era a pausa. Aquela pausa da máquina nos grandes parques industriais fechados aos domingos, a pausa dos músculos extenuados, a pausa dentro da vida contínua da urbe insaciável. A janela azul lhe sugeria um recorte plástico dessa necessidade de fuga, todos deveriam possuir com os olhos da pausa física e mental a “sua” janela de Matisse. Com estes pensamentos ele conseguiu raspar a barba toda sem o menor golpe no rosto, enquanto procurava ouvir a posição que tomavam as coisas ao se aproximar a hora do repasto. A hora do repasto! Não, abaixo tal idéia de voltar à

ruminação dessas normas mesquinhas traçadas pelos descendentes do paraíso terrestre. Preferia manter intacta a janela de Matisse.

– Agora conta! – intimou-o ela ao tomarem assento à mesa. Nos seus respectivos lugares, mas sem perderem uma sílaba desse princípio de interrogatório, as crianças permaneciam caladas. A empregada compunha a mesa de pratos e terrinas.

– Posso lhe contar o de sempre – respondeu ele: – das 7 a 1, Repartição. Depois, você já sabe. Atrasei-me hoje porque tivemos que redigir um petição urgente ao Tribunal de Justiça, cujo prazo termina amanhã, às 9 horas em ponto. No intervalo das 5:30 às 6 horas estive com dois amigos no bar “Das Fontes”, tomando um refresco de lúpulo, cevada e levedo. Para evitar o risco de uma desidratação. Os pormenores da agenda eu os relatarei em nossos momentos íntimos. Certo?

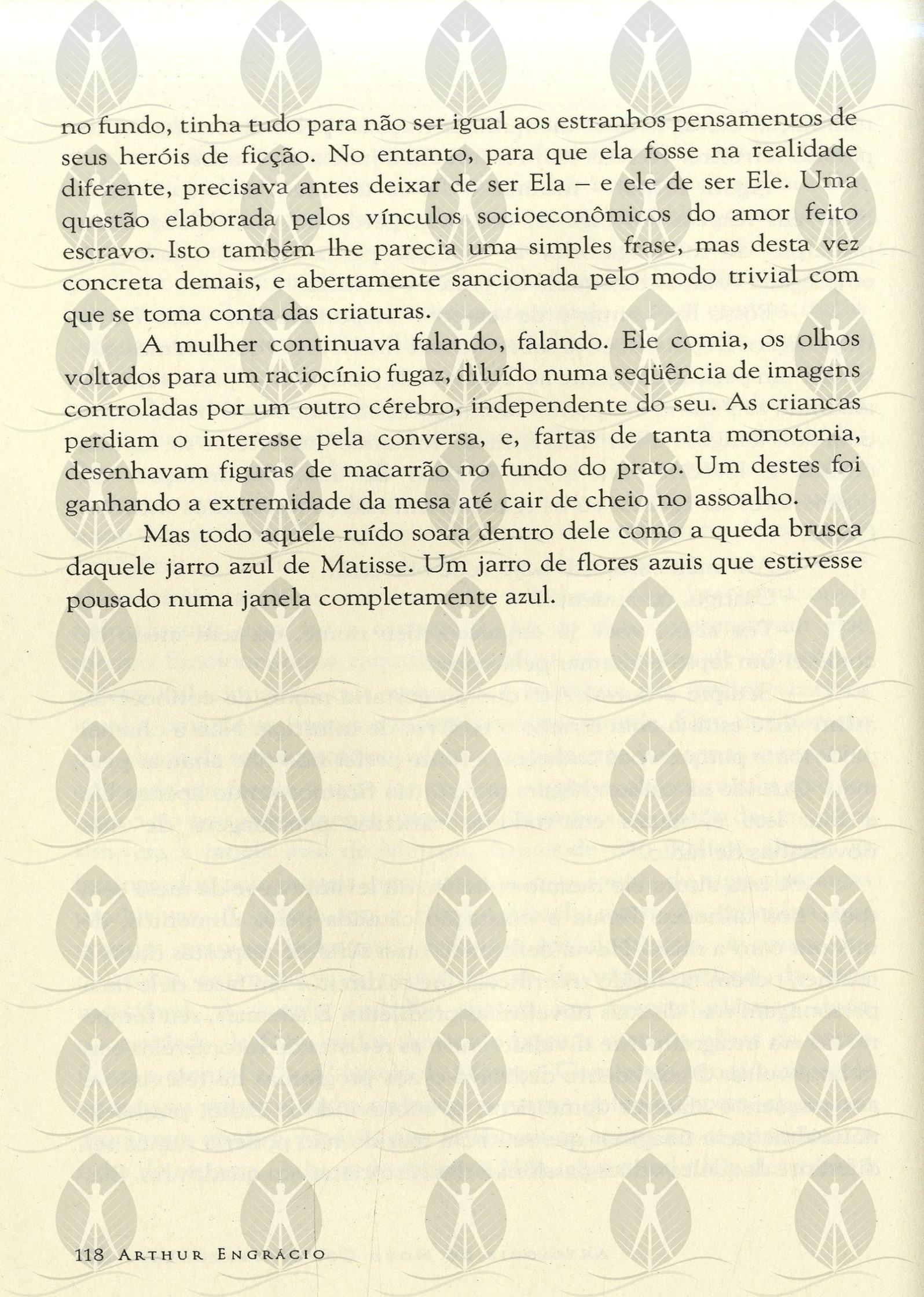
– Ah! meu caro, isto hoje você não terá!

– Castigo, novamente?

– Por acaso você já esqueceu meu nome, ou tem medo de cometer um lapso e chamar pela outra?

– Sempre a outra! Até que eu gostaria muito de conhecê-la, assim você estaria com a razão e eu livre de injustiça. Não a chamei pelo nome porque você começou a noite preferindo não chamar pelo meu. Quando as coisas chegam por aí, nós ficamos sendo apenas Ele e Ela. Isto é, iguais em tudo às ridículas personagens de suas novelinhas de rádio.

A esta altura ele mesmo recuava, ou levantava-se da mesa sem tocar nos talheres. Temia a excitação causada pelos alimentos, de mistura com a raiva. Havia deflagrado uma série de respostas duras à mulher, porém no fundo reconhecia-lhe os direitos em fazer dele uma personagem real de suas novelinhas prediletas. E ademais, seu tempo no lar era integralmente dividido entre as revistas de fotonovelas e as radionovelas. O excedente dedicava-o aos programas de televisão e aos pequenos afazeres domésticos; e, sobrevivendo o tédio, punha-se naturalmente a imaginar que seu bom marido não poderia nunca ser diferente daqueles vilões passionais das historietas em quadrinho. Ela,



no fundo, tinha tudo para não ser igual aos estranhos pensamentos de seus heróis de ficção. No entanto, para que ela fosse na realidade diferente, precisava antes deixar de ser Ela – e ele de ser Ele. Uma questão elaborada pelos vínculos socioeconômicos do amor feito escravo. Isto também lhe parecia uma simples frase, mas desta vez concreta demais, e abertamente sancionada pelo modo trivial com que se toma conta das criaturas.

A mulher continuava falando, falando. Ele comia, os olhos voltados para um raciocínio fugaz, diluído numa seqüência de imagens controladas por um outro cérebro, independente do seu. As crianças perdiam o interesse pela conversa, e, fartas de tanta monotonia, desenhavam figuras de macarrão no fundo do prato. Um destes foi ganhando a extremidade da mesa até cair de cheio no assoalho.

Mas todo aquele ruído soara dentro dele como a queda brusca daquele jarro azul de Matisse. Um jarro de flores azuis que estivesse pousado numa janela completamente azul.

LUIZ DE MIRANDA CORRÊA

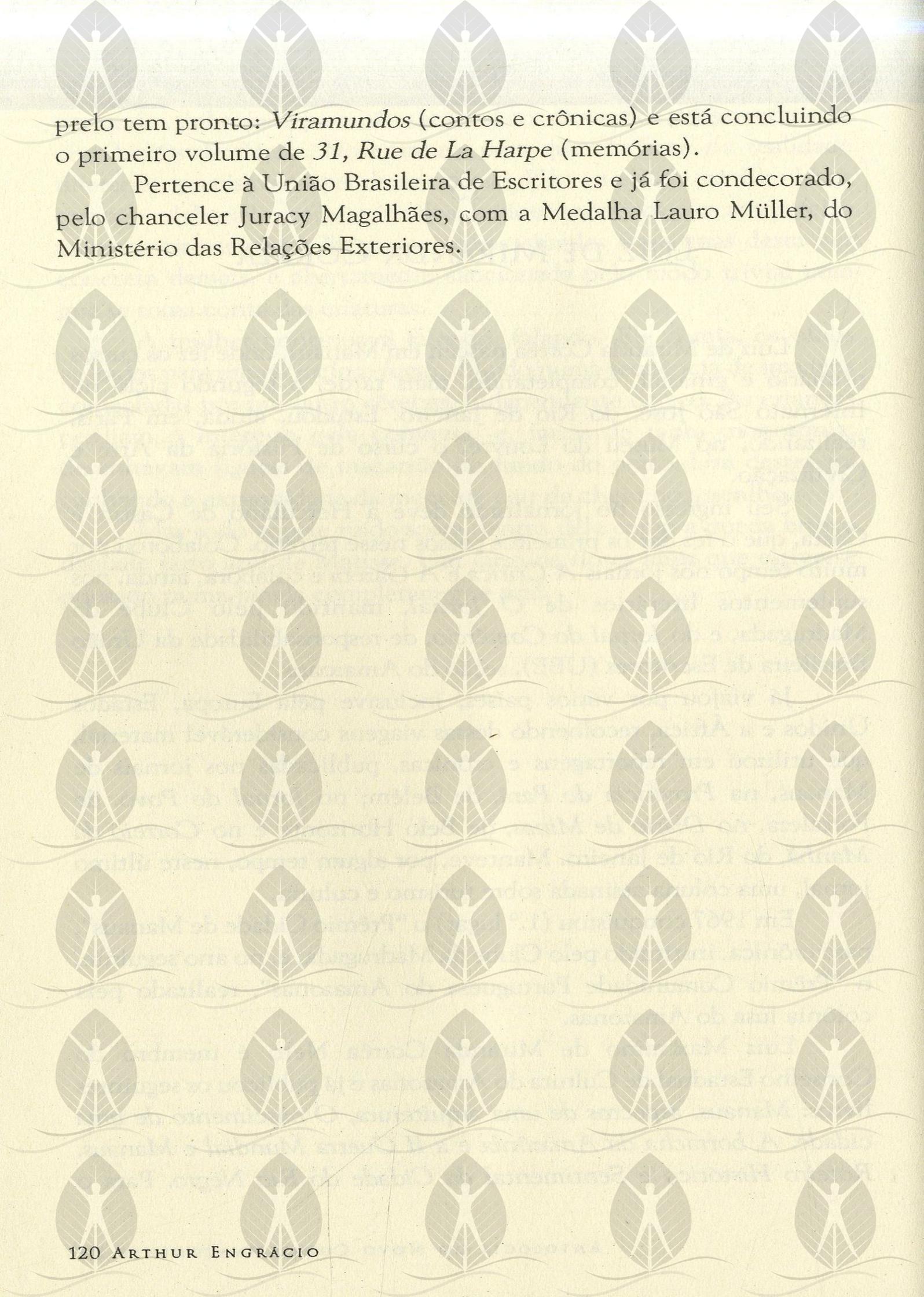
Luiz de Miranda Corrêa nasceu em Manaus, onde fez os cursos primário e ginásial, completando, mais tarde, o segundo ciclo no Internato São José, do Rio de Janeiro. Estudou, ainda, em Paris, realizando, no Museu do Louvre, o curso de História da Arte e Civilização.

Seu ingresso no jornalismo deve a Herculano de Castro e Costa, que o fez dar os primeiros passos nesse terreno. Colaborou por muito tempo nos jornais *A Crítica* e *A Gazeta* e colabora, ainda, nos suplementos literários de *O Jornal*, mantido pelo Clube da Madrugada, e do *Jornal do Comércio*, de responsabilidade da União Brasileira de Escritores (UBE), seção do Amazoans.

Já viajou por vários países, inclusive pela Europa, Estados Unidos e a África, recolhendo dessas viagens considerável material, que utilizou em reportagens e crônicas, publicadas nos jornais de Manaus, na *Província do Pará*, de Belém; no *Jornal do Povo*, de Fortaleza, no *Diário de Minas*, de Belo Horizonte e no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. Manteve, por algum tempo, neste último jornal, uma coluna assinada sobre turismo e cultura.

Em 1967 conquistou (1.º lugar) o “Prêmio Cidade de Manaus”, para crônica, instituído pelo Clube da Madrugada, e, no ano seguinte, o “Prêmio Comunidade Portuguesa do Amazonas”, realizado pela colônia lusa do Amazonas.

Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto é membro do Conselho Estadual de Cultura do Amazonas e já publicou os seguintes livros: *Manaus, aspectos de uma arquitetura*, *O nascimento de uma cidade*, *A borracha da Amazônia e a II Guerra Mundial* e *Manaus, Roteiro Histórico e Sentimental da Cidade do Rio Negro*. Para o



prelo tem pronto: *Viramundos* (contos e crônicas) e está concluindo o primeiro volume de *31, Rue de La Harpe* (memórias).

Pertence à União Brasileira de Escritores e já foi condecorado, pelo chanceler Juracy Magalhães, com a Medalha Lauro Müller, do Ministério das Relações Exteriores.

O KYRIE DE ITAPORANGA

Pouco a pouco a canoa se aproximava do barranco escarpado, apresentando sinais de seca das grandes. A lama grossa anunciava arraias e os garotos evitavam o lodaçal com respeito. Encarapitada no alto da margem, Itaporanga acordava para mais um dia sem futuro, e o padre alemão chegava ao fim da missa de finados e se preparava para entoar o “Libera-me”. A igreja grande e internamente de mau gosto, cheia de painéis mal pintados evocando uma história de burgo sem passado, recebia naquela manhã a fina flor da sociedade, da política e do comércio. Lá estavam o prefeito, o comissário, o juiz Anacleto, Dr. Sidônio Paz orgulhosamente metido em seu terno de linho branco, d. Florzinha vestida meio de freira, a sorrir para o Padre Eterno numa sociedade limitada de devoção e sexo, o Bustamante Feitosa, mulato baiano muito respeitado por ser médico rico estabelecido com a melhor freqüência da cidade e até o Boitatá, com sua cara de retardado, fazendo caretas e dizendo palavrões em voz baixa:

“Libera-nos a malo”

Vá à Puta que Pariu!”

E o padre alemão e o Boitatá, cada um, à sua maneira, encomendava a alma de dona Floripes dos Anjos, que aos 35 anos, por desventura ou engano, tomara veneno de cobra em vez de bicarbonato de sódio.

É claro que o falatório tinha sido grande. Inclusive na loja das irmãs Di Giorgio, gente bem informada a respeito da vida e da morte de todos os moradores da cidade, tão bem informada que, às vezes, até sabiam coisas que nunca aconteceram, o assunto tinha sido aquela

morte inesperada. “E logo depois de uma tartarugada tão boa” comentava a Diomedina, velhusca virtuosa, que passava por virgem, apesar de todos saberem que tinha um amante, um certo Pontual, casado e já com netos, estabelecidos na rua do Mercado, bem no meio do quarteirão sírio-libanês.

Talvez o que mais chocasse a todos era que a tartaruga tinha sido preparada pela Mirtes, casada com o gerente do Lóide Brasileiro, nascida na vizinha cidade de Altamira. Pois todos não sabiam que não existia ninguém melhor que a Mirtes para preparar uma boa tartarugada?

– É por isso que eu digo que foi suicídio. Tomar bicarbonato depois de comer tartaruga da Mirtes, é impossível.

– Coitada, foi engano. Ela sofria de úlcera. Passava muito mal.

– Passava era bem. Pergunte a Lurdinha. Ela sabe os nomes dos amantes dela. O Isaac da Importadora fazia umas visitinhas por lá. E tinha muita gente fina... olhe, dizem que até o prefeito.

– Pois é, eu sempre disse que em Itaporanga homem e luxo tem o que pode...

– Então ela podia mesmo, pois tinha um bocadão de homens por lá.

Olhe que o seu cunhado bem que arrastou asas para ela.

– Também o Diomedes sempre foi um sem-vergonha. Vive arrastando asa para tudo o que é mulher. Tem duas famílias de casa montada.

E entre as vendas de um relógio e de um cordão de ouro de uma N. S. Aparecida e de uma medalha do Perpétuo Socorro, as irmãs Di Giorgio e as fofoqueiras locais continuavam a comentar o fato.

Em quase todas as casas o assunto era o mesmo. Em uma ou outra roda talvez se falasse de política, de preços do mercado, das últimas importações da Moto-Importadora, do bazar Hong-Kong, ou do supermercado da Inter-Ocean Line. Até na saída do casamento da Betina Linhares com o José do Conde, se ouviu d. Justina Resedá comentar: “Será que a doidivanas não convidou nenhum desses estrangeiros desnaturados para dormir com ela?” E muitas foram as

dignas senhoras e elegantes cavalheiros que começaram a sonhar com um crime sexual, desses que é de bom-tom dizer que aconteceu em Paris. Nada de espantar. Enfim, a cidade crescia, e tinha tanto estrangeiro vindo das Guianas, de Trinidad, da Jamaica, da Colômbia, do Pará e de Miami que era mais do que provável que entre tantos aventureiros existissem uns e outros tarados. Aliás d. Justina vivia chamando atenção das “Mães Cristãs” para o assunto. Deviam cuidar mais das filhas. Hoje as moças estavam tão desavergonhadas, usando biquínis e correndo atrás de tudo o que era homem chegado de fora. Primeiro eram os comissários dos navios do Lóide. Depois se passaram para os aviadores e agora topavam qualquer estrangeiro chegado e intitulado de comerciante, exportador, importador, fosse lá o que fosse. Era ter cuidado, vivia repetindo a veneranda senhora, entre um encontro e outro, entre uma novena ou uma trezena, entre um sarau de aniversário ou regabofe de casamento. Mas pouca gente a escutava e ela via com tristeza as filhas de suas melhores amigas disputarem os desconhecidos e, às vezes, segundo a Diomedina, via até as amigas premiarem seus simpáticos maridos com uns belos pares de chifres.

“São os tempos modernos”, repetia padre João, comentando as estrepolias do arcebispo de Olinda, que na sua opinião devia ser excomungado pelo papa, pois nada mais era que um filho de judeu com mula-se-cabeça, com cartão de sócio do Partido Comunista. “Esses bispos arrenegados até que combinam com essas moças de hoje, loucas para se mostrarem nuas, sem nem mesmo os homens pedirem” pensava o padre, enquanto dirigia sua pick-up vermelha, vindo da praia de Vento Forte, em companhia da secretária das Crentes em Jesus Eucarístico. Mas nem o padre escapava das conversas das irmãs Di Giorgio que afirmavam conhecer a casa em que ele se encontrava com Zulmirinha Caetano, uma boa alma sempre a cuidar das igrejas e dos altares, sempre a correr o comércio de lista na mão, pedindo esmolas para o dia das almas do purgatório.

E Diomedina afirmava:

– Ora, minha filha, ninguém pode falar dela. Se morreu por homens, azar.

Mas, numa terra em que até padre tem sua mulher, porque ela não poderia ter lá seus homens? E depois ela tinha dinheiro. Se davam mais é porque queriam. O que herdou do pai dava e sobrava.

Na Igreja de São Sebastião os sinos começaram a tocar. Florinda das Neves iniciou a novena, com voz de soprano lírico, voz estudada com professora francesa em Belém do Pará. Pouco a pouco as outras beatas foram chegando. Emerenciana, Maria do Perpétuo Socorro, as irmãs Di Giorgio, d. Justina, Lurdinha, Marianita do grego, e tantas outras, até mesmo a Leocádia, que diziam agenciar moça donzela para os pilotos da Condor. Contritamente recitavam a ladainha milagrosa, daquelas que curam de asma reumática até lepra cor-de-rosa.

E até na beira da rampa do mercado, entre as canoas cheias de pupunhas e tucumãs, ingás e mangas-rosas, taperebás e sapotis e marimaris, ouvia-se o cantochão repetir-se.

Guardai nossas casas
Guardai nossos filhos
Amém

Amém
Guardai nossos homens.
Amém
Kyrie eleison...

Amém
Guardai nossos pecados
Amém
Livrai-nos do mal

L. RUAS

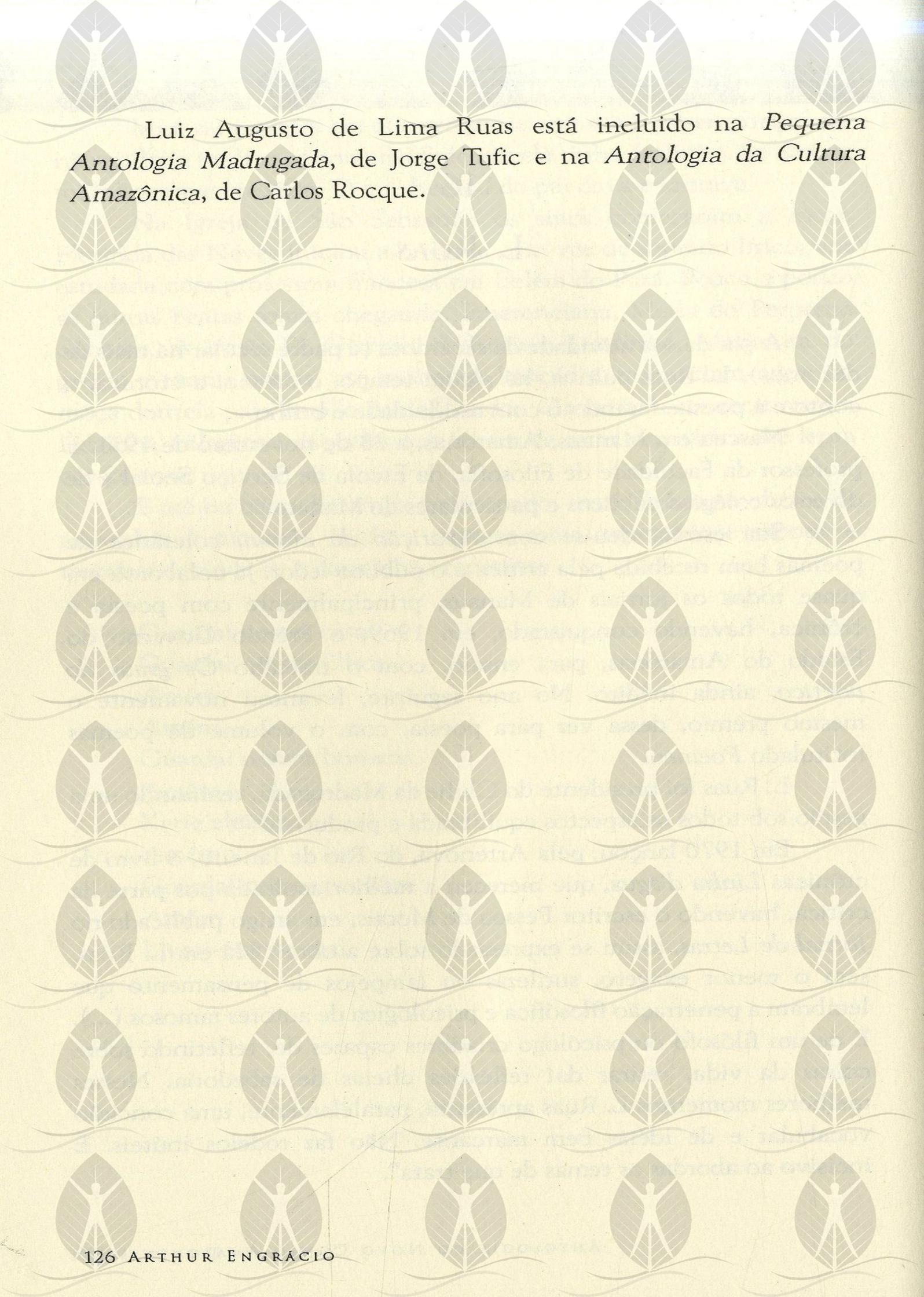
A par da sua atividade de sacerdote (é padre secular há mais de dez anos), L. Ruas cultiva, há algum tempo, o ensaio, a crônica, o conto e a poesia, fazendo-o com assiduidade e brilho.

Nasceu em Manaus, Amazonas, a 28 de novembro de 1931. É professor da Faculdade de Filosofia, da Escola de Serviço Social e de diversos colégios públicos e particulares de Manaus.

Sua estréia deu-se com *Aparição de clown*, coletânea de poemas bem recebida pela crítica e o público leitor. Já colaborou em quase todos os jornais de Manaus, principalmente com poesia e crônica, havendo conquistado, em 1969, o Prêmio Governo do Estado do Amazonas, para ensaio, com o trabalho *Os graus do poético*, ainda inédito. No ano seguinte, levantou novamente o mesmo prêmio, dessa vez para poesia, com o volume de poemas intitulado *Poemeu*.

L. Ruas foi presidente do Clube da Madrugada, realizando uma gestão sob todos os aspectos equilibrada e produtiva.

Em 1970 lançou, pela Artenova, do Rio de Janeiro, o livro de crônicas *Linha d'água*, que mereceu a melhor acolhida por parte da crítica, havendo o escritor Pessoa de Moraes, em artigo publicado no *Jornal de Letras*, assim se expressado sobre a obra: "Há em L. Ruas, sem o menor exagero, sutilezas ou lampejos de pensamento que lembram a penetração filosófica e psicológica de autores famosos (...). E de um filósofo ou psicólogo criadores capazes de, refletindo sobre coisas da vida, retirar daí reflexões cheias de sabedoria. Nesses melhores momentos L. Ruas apresenta, paralelamente, uma concisão vocabular e de idéias bem marcante. Não faz rodeios inúteis. É incisivo ao abordar os temas de que trata".



Luiz Augusto de Lima Ruas está incluído na *Pequena Antologia Madrugada*, de Jorge Tufic e na *Antologia da Cultura Amazônica*, de Carlos Rocque.

A MORTA

Quando as crianças chegaram vestidas de negra roupa, os espaços delimitativos do desencanto haviam tomado proporções infinitas e me colocavam muito além dos azuis e do verdes delírios tornados, há muito tempo, para mim, o único possível caminho para conseguir chegar até uma real e válida concepção de seus enternecedores e fugidios silêncios.

Agora, olhando, imóvel, como se eu fosse o próprio morto que jazesse entre o meu segredo e a brancura da ágata de suas mãos adormecidas, a estranha coreografia que as crianças encenavam entre rosas angélicas eu me perguntava a mim mesmo como fora possível havéssemos chegado a tamanho desatino e a tal inconseqüente viagem.

Várias vezes eu lhe dissera, enquanto lágrimas me molhavam as faces e um riso neurótico me rasgava a boca trêmula:

– Não convém partir.

Mas quem será capaz de distinguir os segredos implicados nos vazios e soturnos porões destas velhas naves que, uma vez partidas, jamais retornarão ao porto de onde levantaram ferros em buscas de ilhas de tesouro? Ela sempre teimava em partir. E quando eu lhe fazia certas ponderações, sorria displicentemente como se nada escutasse, tão alheia às realidades que eu procurava expor com muita clareza diante de seus olhos fugidos de tudo quanto a rodeava como essas crianças que passam horas e horas inteiramente entregues aos jogos infantis, sem tomarem consciências de que há um mundo inteiro de pedras, espinhos, facas, estacas pronto a desabar sobre suas cabecinhas desocupadas.

– É inútil, me dizia.

Era sempre o que me dizia como se esta palavra – inútil – constituísse a palavra cabalística que lhe desvendava um mundo encantado onde reis, fadas, bruxas, duendes, anjos e anões passavam espalhando rios de pedras preciosas, de pérolas, de ouro em pó. Falando sinceramente, eu jamais descobri a razão de tal encantamento. Eu me sentia muito obtuso para entender certas coisas e, em especial, o sentido de certas palavras e de certas expressões que ela usava.

– Os meus cinamomos são azuis, dizia, também, muito freqüentemente.

Não é que ela falasse. Não falava. Mas eu descobria essas verdades, a um tempo, dolorosas e confortadoras, sem as entender, no seu modo de sorrir, de andar, de olhar as flores ou olhar simplesmente. Depois de muito tempo cheguei a compreender que seriam baldados todos os meus esforços para convencê-la a não partir. Resignei-me, então, a aceitar sem desespero e sem angústia a realidade – ela partiria. Muitos anos vivi aguardando aquela partida. Foi uma longa e dolorosa espera. Se eu saía, se ia trabalhar ou jantar em casa de algum amigo, perseguia-me, continuamente a idéia de que poderia partir durante a minha ausência e, assim, eu não teria a consolação de lhe dizer adeus ou de ajudá-la a carregar sua bagagem de rosas e de estrelas.

– Não se incomode, me dizia ela, benevolmente. Vá, não se preocupe. Faça de conta que tudo sucederá sem sofrimento. Mas como poderemos ludibriar a dor? Ela achava isso muito possível. Tudo era muito possível no seu modo de encarar as coisas. A dor é sempre um mistério para qualquer pessoa. Ela, no entanto, a transformara em um simples exercício lúdico. Não sofria. Ou se sofria, seu sofrimento era imperceptível.

– Como será difícil para você viajar carregando tanta dor dentro de si, me dizia, às vezes, interrompendo a valsa que estava tocando. E aquela frase, aquela expressão, escapava de seus lábios como se fosse uma seqüência natural do movimento dos dedos que, numa espécie de magia, arrancava melodias indizíveis das cordas do

violão e que se perdiam além da praia, em ecos que as ondas sorviam e transformavam em pérolas no fundo do mar.

Eu recordava estas coisas quando vi se aproximarem as luzes cambaleantes das velas trazidas pelas mãos ásperas e boas dos pescadores e de suas mulheres. Olhando para aqueles rostos, graves, sérios e tristes, a princípio, julguei que se tratassem de peixes enormes que emergiam das águas escuras do mar. Já era quase noite. O mar pouco a pouco perdera sua natural cor azul-esverdeada e as águas iam virando escuridão. Os pescadores e suas mulheres se aproximavam das crianças que continuavam, sem cansaço, a sua ingênua coreografia, o seu baile de desencanto. Era como se eu estivesse paralítico. Não podia me mexer, não podia falar, não seria capaz de esboçar um gesto por mais insignificante que fosse. Ninguém, também, me dizia coisa alguma. Todos me olhavam esquisitamente como se eu fosse, também, um estranho cetáceo desembarcado naquelas praias. Ou, talvez, eles vissem refletidos em mim os seus semblantes. Como por encanto todos percebíamos que estávamos transformados. Não éramos homens. Éramos, apenas, peixes.

Eles se aproximavam lentamente. Silenciosamente. Como se fosse um bando de salteadores que iam roubar a minha casa, levar o meu tesouro. Ela, no entanto, permanecia imóvel e tranqüila. Não a assustou a nossa transformação.

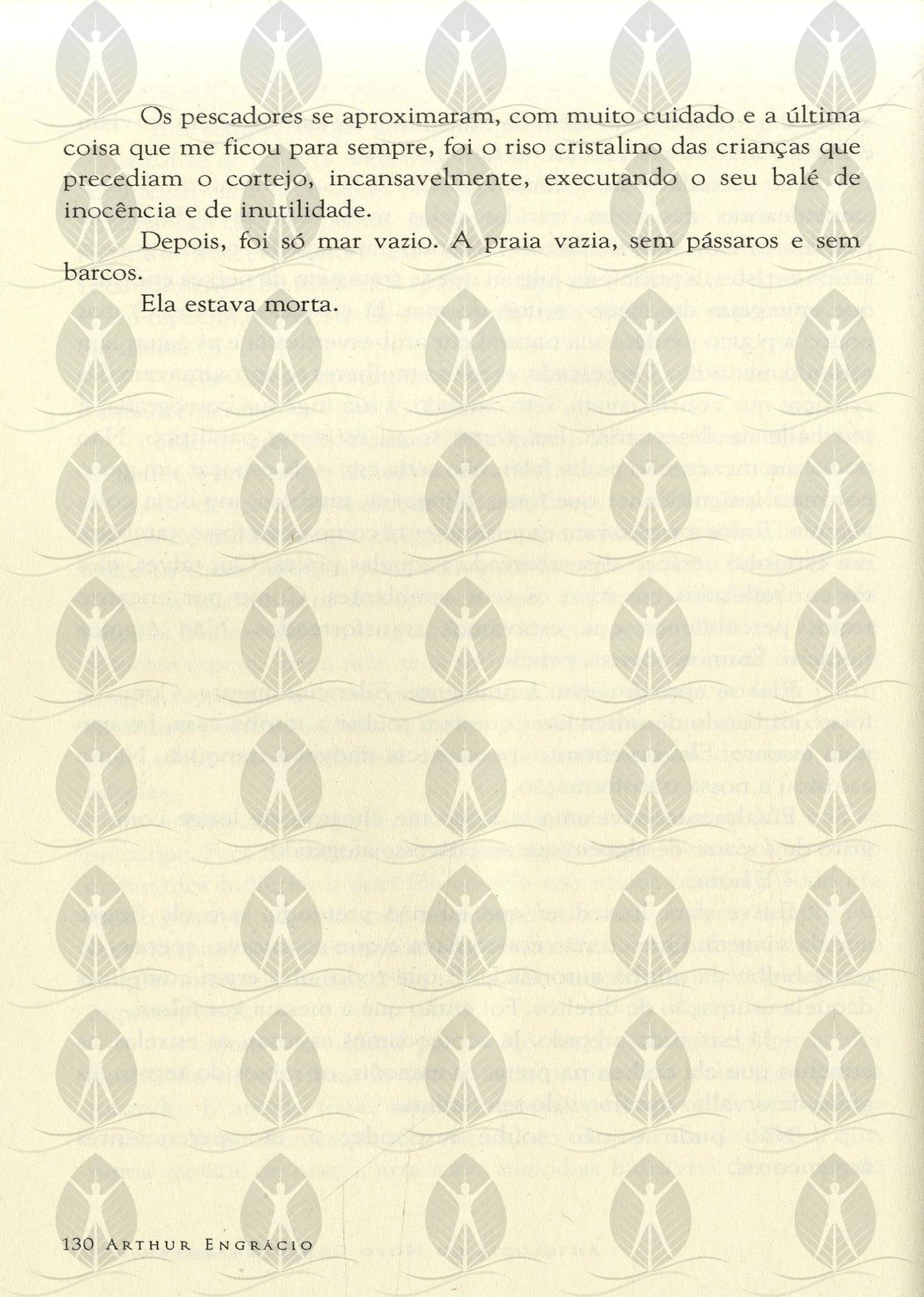
Finalmente ouvi uma voz que me chegava de longe como o grito de socorro de alguém que se estivesse afogando:

– É hora.

Estive para lhes dizer que eu não pretendia que ela fizesse aquela viagem. Que eu não concordava e que se tratava, apenas, de um esbulho da minha autoridade. E que todos eles eram cúmplices daquela usurpação de direitos. Foi então que a mesma voz falou:

– Já está tudo a bordo. Já acomodamos as rosas, as estrelas, as conchas que ela colheu na praia, os caracóis, os seixos do regato, as gotas de orvalho das flores do seu jardim...

Não pude e não soube responder a tão percucientes argumentos.



Os pescadores se aproximaram, com muito cuidado e a última coisa que me ficou para sempre, foi o riso cristalino das crianças que precediam o cortejo, incansavelmente, executando o seu balé de inocência e de inutilidade.

Depois, foi só mar vazio. A praia vazia, sem pássaros e sem barcos.

Ela estava morta.

PÉRICLES SANCHES

Péricles Sanches é o autor mais jovem incluído nesta antologia. Nasceu em Manaus, Amazonas, contando, atualmente, com pouco mais de trinta anos.

É filho de Benjamin Sanches, outro contista enfeitado nesta obra, e, como este, também dotado de grande talento para a ficção, o que se comprova com o trabalho que aqui inserimos.

Embora não tenha, ainda, livro publicado, sua experiência nesse gênero, difundida nos jornais e periódicos locais, credencia-o, seguramente, como um valor autêntico da sua geração. Iniciou-se na literatura muito cedo sem, contudo, nada publicar, só o fazendo de cinco anos a esta parte. E quando isto ocorreu, foi para revelar um contista genuíno, vigoroso, senhor de um estilo e uma técnica que muito pouco ficam a dever aos dos melhores autores da estória curta do Brasil.

Péricles Sanches é, também, poeta, já tendo estampado, nos suplementos literários de Manaus, diversos poemas da sua lavra, todos reveladores da sua fina sensibilidade de artista.

Colaborou no *Jornal Cultura* e no *O Jornal*, de Manaus.

Seus contos se carregam sempre de uma atmosfera psicológica, dentro da qual suas personagens se movimentam e como que denunciam a dissolução do mundo em que vivem.

Péricles Sanches reside há vários anos na capital paulista, onde estuda e trabalha, prometendo-nos, para breve, sua primeira coletânea de contos.

TIA EMA

Da porta, que rangeu sinistra sobre os gonzos, contemplei a imensidão vazia no vazio mundo do abandono.

O sol brilhava trêmulo nas teias de aranhas absolutas que estenderam fina urdidura da janela ao assoalho. Aos primeiros passos as tábuas de pinho, antes reluzentes, gemeram sob meus pés numa advertência de quem está ressonando e não quer despertar. Tive medo da imobilidade dos objetos, quase sentindo que uma resistência da parte deles se opunha à minha intromissão. Ergui os olhos, pareceu-me ver o forro enegrecido afastar-se e esse movimento fez com que o lustre balançasse as poucas gotas de cristal que ainda restavam como que guardadas em tênue invólucro de poeira. Nas paredes se desmanchavam úmidos os florões da pintura a óleo, esbranquiçando ainda mais a marca do retrato enorme do meu avô, que por muito tempo dominou da sala a casa toda. A curva severa da boca e o olhar duro acompanhando o espectador numa incômoda vigilância. Vi-o pela última vez no porão, a umidade tufar-se e o tempo também conseguira envelhecê-lo no papel, rachando-lhe a pele num trabalho minucioso e lento. Dirigi-me para o longo corredor onde se enfileiravam os quartos de meus avós, de meus pais e o de tia Ema. O quarto de minha mãe sempre fora escuro como um confessionário e estava irremediavelmente morto, muito antes dela, desde o dia em que meu pai morrera. Parecia intacto, as cortinas de uma imobilidade pesada, quase intransponível. Não se retiraram as fortes traves que prendiam as janelas numa medida de segurança quando a insanidade mental de minha mãe se manifestou violenta e incontrollável. A loucura dominou-a por mais de vinte anos, até que a encontraram encolhida, morta, detrás da cama de casal. Ninguém mais deitaria na cama, nem ela que passou a dormir no chão ou a não

dormir nunca. Do velho forro escorria um filete de terra sobre a cama, cujos ferros resistiam tenazmente ao avanço da ferrugem. Num canto escuro estavam os restos do violão que ela costumava tocar todas as tardes. A nitidez com que ainda posso ouvir aqueles acordes me leva a vê-la ali, rosto inclinado sobre o instrumento enquanto ia tangendo as cordas, melancólica. Também desaparecera da parede o seu retrato sorrindo para o nada, de cuja moldura ouvia sempre meu avô dizer que lhe custara quase o valor da esmeralda encrustada no anel de ouro que minha mãe exibia na mão esquerda. Da postura das mãos, que pareciam estar algemadas uma sobre a outra, nunca duvidei ter sido escolhida pelo meu avô para evidenciar a valiosa gema. Lembro-me de outras jóias que encantavam meus olhos e estavam sempre bem-dispostas num cofrezinho de madeira trabalhada em baixo-relevo, forrado de veludo vermelho. Eram os cuidados de meu avô que aos domingos limpava-as, conferia e avaliava com a medida descomunal da estima, que era capaz de ruborizar o mais aquilatado ouro. Tia Ema herdou tudo, embora não tenha usado nenhuma. Foram desaparecendo à medida que ela envelhecia. Solteirona, serviu-se de todas as barganhas para obter carícias.

– Tuquinha, se você me der um beijinho bem demorado, ganha um bombom. Venha cá no colo da titia – e aproximava o rosto para receber o beijo.

– Vai lavar essa boca, menino. Já pedi mais de mil vezes à Ema para que não dê chocolate ao Tuca – ralhava minha mãe quando me via todo enlambuzado.

Ao chegar à porta do quarto de tia Ema, senti saudade de sua voz estridente, do seu riso largo e contagiante, daquele perfume que nunca abandona as mulheres solteiras e as caracteriza. Tia Ema era uma flor solitária e eu chegara a pensar que não murcharia nunca. Murchou, mas provou todos os tipos de carícias, adolescentes e adultas, pagando tudo numa generosidade sem fim. Quando a compreendi não perguntei mais pelas jóias de minha mãe.

– Tuca, pula depressa a janela e corre para o teu quarto.

– Mas você me disse que eu era o primeiro, por que mentiu?

– Vai, vai, depois te dou um presentinho. Não se fala mais nisso. Você será o último, está bom assim? – e sorriu passando as mãos no meu rosto. No dia seguinte cumpriu a promessa e passei a ostentar no pescoço o crucifixo de ouro que minha mãe ganhara no dia do meu nascimento.

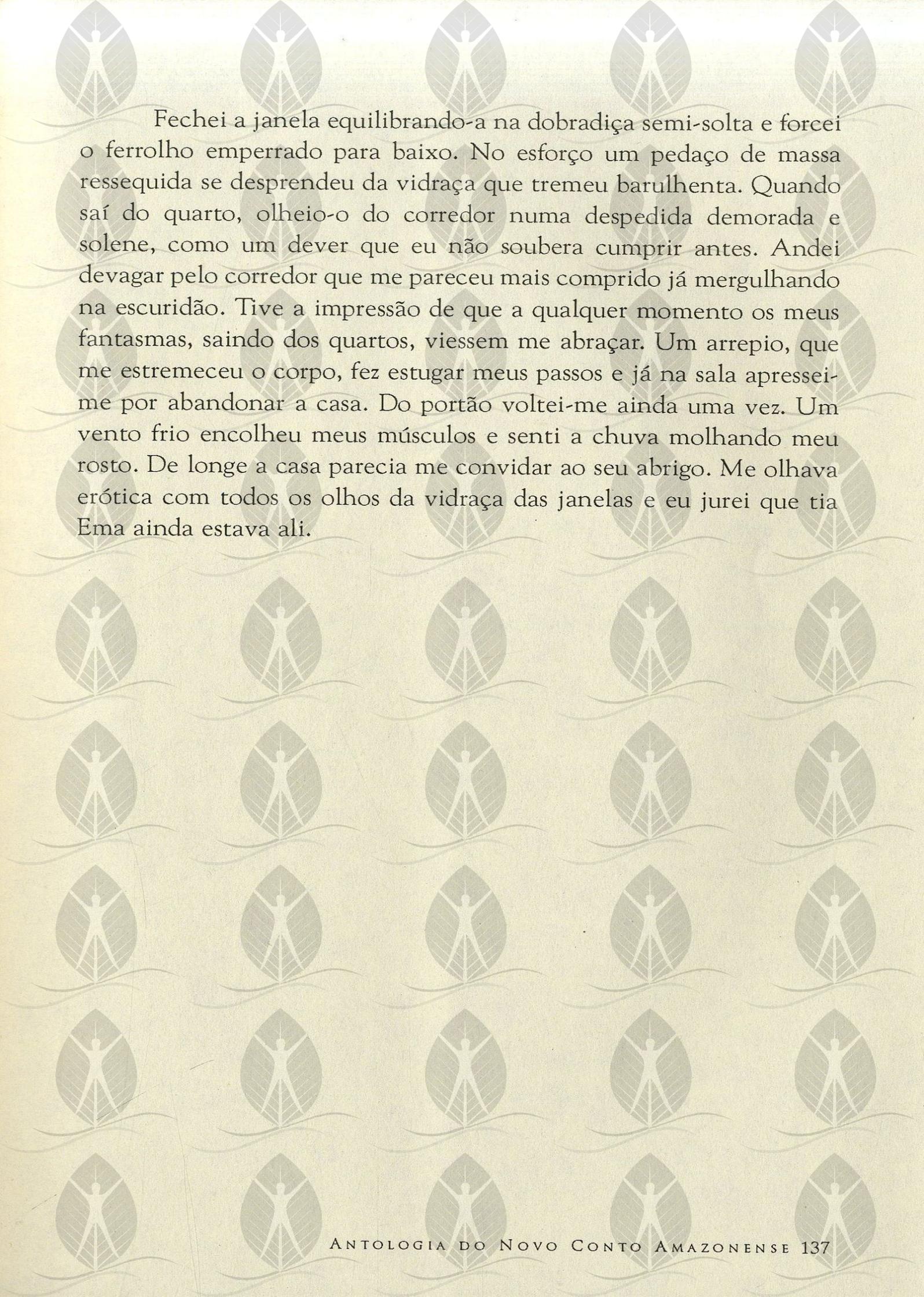
No quarto, outrora perfumado pelas rosas que ela trazia para arranjar com muita arte num velho vaso de porcelana, havia agora um cheiro acentuado de mofo e pelo chão jaziam folhas secas que o vento jogava pela janela aberta para o quintal. E eram antigas visitas que buscavam em vão a velha e simpática amiga das flores. Da cama de solteira restava apenas a tela apoiada verticalmente contra o rosa desbotado da parede. Todo o erotismo que ela deixara derramar sobre a cama havia escorrido para o chão e aí secara. A cama sempre bem arrumada e cheirando a alfazema. Era impecável no trajar e no deitar e dava gosto pôr o rosto sobre o limpo do lençol, cuja brancura era um perdão antecipado para os pecados de minha tia. Muitas vezes ajudei-a a desabotoar o corpete ou recortar de revistas e jornais as fotos de Clark Glabe para depois colá-las num álbum de capa grossa que ela guardava ciumenta e carinhosa. Intrigava-me vê-la de olhos brilhantes de felicidade dizer baixinho – é o meu namorado. Sua vida não tinha segredos, era uma alma aberta e receptiva. Alegrava a casa, por isso conseguira impor sua vontade fazendo que a ninguém se importasse com seus visitantes noturnos. Habituar-se desde menina a ter somente amigos e nem mesmo a Anastácia, filha da vizinha, freqüentadora assídua da casa, obteve de minha tia a natural amizade que costuma unir duas moças. Jamais levou-a para o seu quarto, e evitava assim que nascesse entre elas a mais longínqua intimidade. Mas quando havia jogo de pelada no quintal, não saía da janela do quarto, ora torcendo-se freneticamente, ora se ocupando em trazer água para a garotada que se desidratava correndo atrás da bola.

– Aquele teu amigo, Tuca, o Mário, tem as pernas tão fortes, não é mesmo? Dará um belo rapaz. Por que não o convidas para jantar conosco hoje? Precisas ser mais social, Tuca!

Era o interminável ciclo daquela necessidade erótica, cuja força haveria de submetê-la a todos os caprichos, levando-a quase inconsciente até a rampa final dos seus instintos. O destino quis lhe pendurar ao pescoço a plaqueta da solidão e os guizos do celibato, mas ela contrariaria tudo para ser afinal a mais casada das mulheres. Desses casamentos sem arroz e sem presentes, sem os privilégios da aliança, mas um casamento de entrega total, sem o véu, sem o aborrecimento do tanque, sem a feira, sem o fantasma da infidelidade, livre também, quem sabe, da vacina inócua do desquite. Livrou-se de tudo, embora acertasse sempre com as alianças escondidas nos bolos de noiva, ao ponto de ser acusada publicamente de conivência com as doceiras.

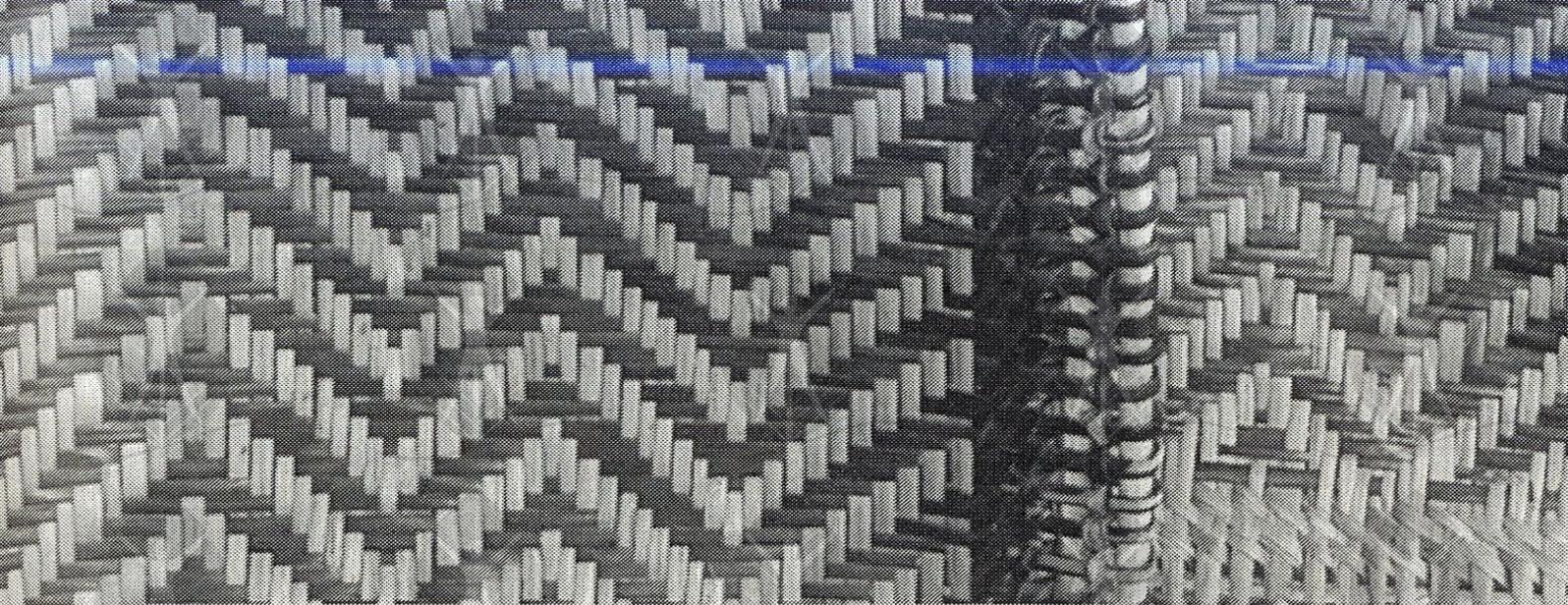
– Não. Desta vez a Ema não tomará parte das surpresas do bolo – gritou a moça ao mesmo tempo em que impedia minha tia de se aproximar da mesa. Tia Ema depois sorriria, por trás do leque, quando a viu com o terço na mão. Haviam esquecido de colocar a aliança no bolo.

De altura mediana, era belamente esguia sem ser magra, seus passos ligeiros e firmes deram-lhe o título de melhor dançarina do bairro. Conversava fluentemente e sabia colocar os assuntos de acordo com o gosto de cada pessoa. Por isso sua técnica de abordagem era temida pelas moças da vizinhança, que quando a viam conversar com algum rapaz, diziam com indisfarçável despeito: “a cobra já está preparando o bote”. Foi a enfermeira e o pronto-socorro dos vizinhos e sempre estava presente e solícita quando alguma desgraça caía sobre aquela gente. Na noite em que o Zequinha, noivo da Didoca, sofreu queimaduras com a explosão do botijão de gás, que quase lhe levou os testículos pelos ares, foi tia Ema quem ficou a noite toda trocando as ataduras na região afetada. E fazia aquela enfermagem com o carinho que só suas mãos conheciam. A leveza da mão casava bem com o prazer mal disfarçado. No dia seguinte, Didoca difamou-a em toda a extensão da rua. A ingratidão da moça aborreceu o rapaz que incontinenti desmanchou o noivado, com a aprovação unânime dos seus familiares. Tal fato desnorteou minha tia que já havia até perdoado a moça.

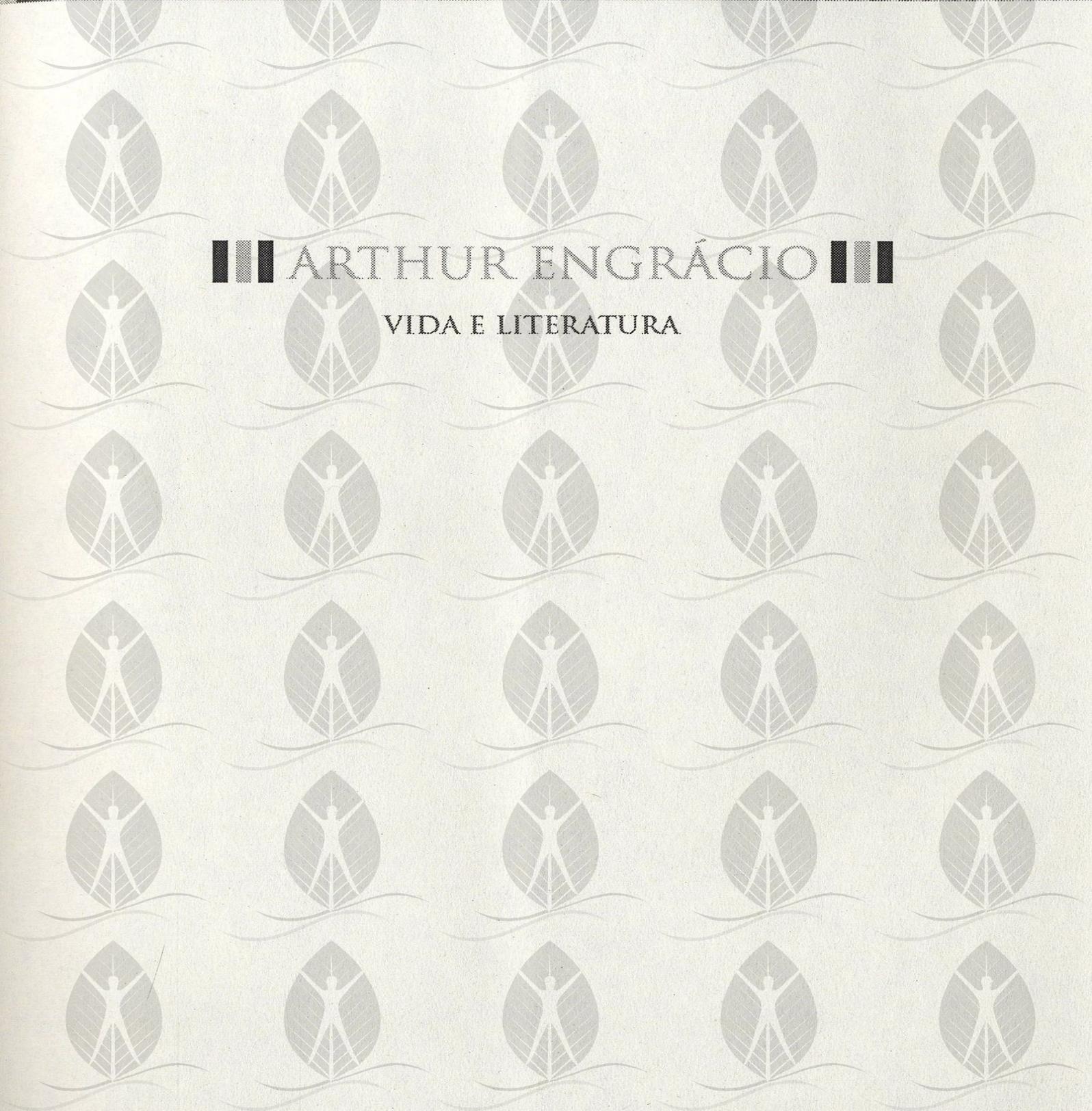


Fechei a janela equilibrando-a na dobradiça semi-solta e forcei o ferrolho emperrado para baixo. No esforço um pedaço de massa ressequida se desprendeu da vidraça que tremeu barulhenta. Quando saí do quarto, olheio-o do corredor numa despedida demorada e solene, como um dever que eu não soubera cumprir antes. Andei devagar pelo corredor que me pareceu mais comprido já mergulhando na escuridão. Tive a impressão de que a qualquer momento os meus fantasmas, saindo dos quartos, viessem me abraçar. Um arrepio, que me estremeceu o corpo, fez estugar meus passos e já na sala apressei-me por abandonar a casa. Do portão voltei-me ainda uma vez. Um vento frio encolheu meus músculos e senti a chuva molhando meu rosto. De longe a casa parecia me convidar ao seu abrigo. Me olhava erótica com todos os olhos da vidraça das janelas e eu jurei que tia Ema ainda estava ali.

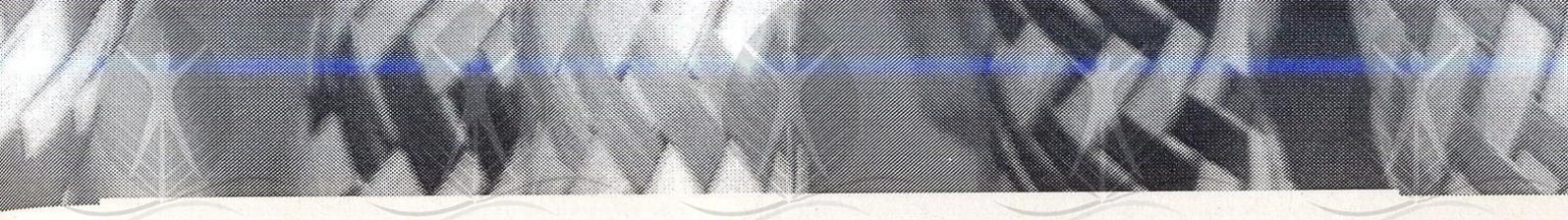




||| ARTHUR ENGRÁCIO |||
VIDA E LITERATURA







VIDA

Arthur Engrácio, contista, crítico e romancista, nasceu em Manicoré, cidade do rio Madeira, no Amazonas, no dia 16 de abril de 1927. Fixou-se em Manaus, onde realizou seus estudos, dedicando-se ao jornalismo. Participou da movimentação cultural que culminou na criação do Clube da Madrugada, tornando-se um de seus membros mais destacados. Foi um dos precursores da prosa de ficção na moderna literatura amazonense. Consolidou-se como ficcionista identificado com os elementos da realidade regional: a vida interiorana, a luta e o sofrimento dos caboclos, esquecidos e explorados pelos donos de seringais, comerciantes e regatões. Encontrou no conto a forma mais expressiva para elaborar a sua ficção. Sua estréia aconteceu em 1960, com a publicação do livro de contos *Histórias de submundo*. Faleceu em Manaus no dia 2 de abril de 1997.

OBRA

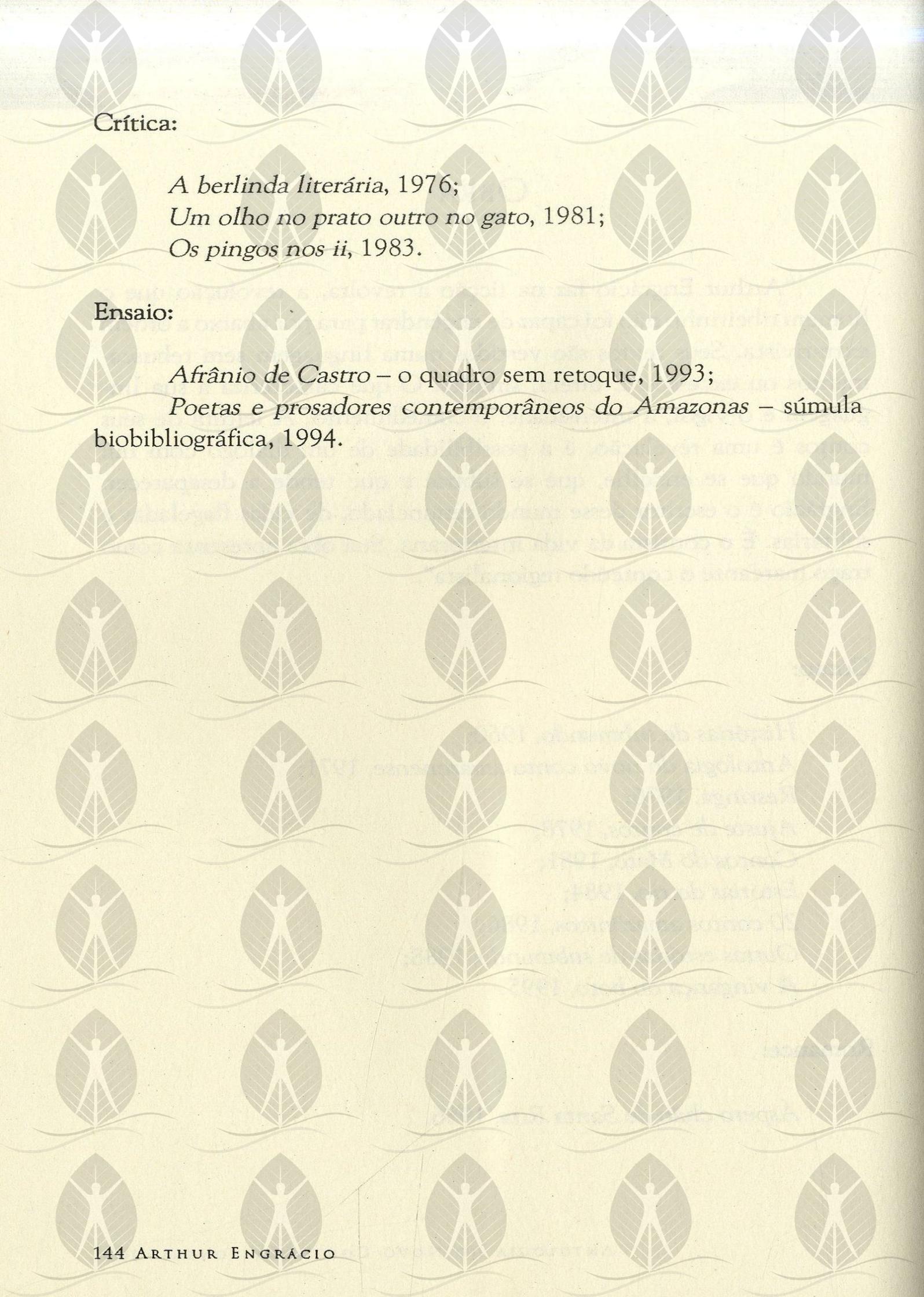
“Arthur Engrácio faz na ficção a revolta, a revolução que o homem ribeirinho não foi capaz de engendrar para por abaixo a ordem extrativista. Seus textos são vertidos numa linguagem sem rebuscamentos ou excessos. É direta, simples. O que caracteriza a sua linguagem é o vigor, a intensidade, o comedimento. A leitura de seus contos é uma revelação, é a possibilidade de um diálogo com um mundo que se encolhe, que se subtrai e que tende a desaparecer. Engrácio é o escritor desse mundo renunciado, de vidas flageladas e solitárias. É o contista da vida interiorana. Sua obra apresenta como traço marcante o conteúdo regionalista”.

Conto:

Histórias de submundo, 1960;
Antologia do novo conto amazonense, 1971;
Restinga, 1976;
Ajuste de contos, 1978;
Contos do Mato, 1981;
Estórias do rio, 1984;
20 contos amazônicos, 1986;
Outras estórias de submundo, 1988;
A vingança do boto, 1995.

Romance:

Áspero chão de Santa Rita, 1986.



Crítica:

A berlinda literária, 1976;
Um olho no prato outro no gato, 1981;
Os pingos nos ii, 1983.

Ensaio:

Afrânio de Castro – o quadro sem retoque, 1993;
Poetas e prosadores contemporâneos do Amazonas – sùmula biobibliogràfica, 1994.

APRESENTAÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Quando, em 1957, a Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil lançou a antologia de contistas brasileiros, organizada por Graciliano Ramos, Antônio Olinto, comentando a obra, fez esta ressalva a um tempo interessante e oportuna: “Tivesse vivido um pouco mais, teria Graciliano Ramos encontrado bons trabalhos no Amazonas, entre os rapazes que formam o ‘Clube da Madrugada’ ou entre os relatos de Thiago de Mello, em sua *Visitação*, recentemente publicada”.

Referia-se o crítico ao fato de o ilustre antologista não haver incluído, em sua coletânea, trabalhos de contistas do Amazonas, o que não ocorreu com os outros Estados, que tiveram os seus autores da história curta antologados pelo escritor. Teria mestre Graça cometido essa omissão propositadamente? Pelo que apuramos mais tarde, através de leituras sobre a obra mencionada, não. Graciliano, de fato, buscara as fontes que pudessem fornecer-lhe o material procurado, mas não encontrara.

E não encontrara por uma circunstância que julgamos explicável: o Amazonas, à época em que o grande ficcionista organizou a sua antologia, não possuía, realmente, contistas capazes de oferecer trabalhos para figurar numa seleta de categoria nacional. Melhor dizendo, até a década de 60, a ficção no nosso Estado – afora o exemplo já clássico de *A Selva* e alguns contos de Aristófanes Castro, que estreara, há pouco, nesse gênero – praticamente inexistia. Foi, a partir dessa data, que a história curta começou, de fato, a despertar interesse nos escritores locais, ensejando o aparecimento de alguns contistas com trabalhos senão de todo bons, pelo menos revestidos deste mérito: abrir um novo caminho na nossa literatura – o cultivo da ficção (conto) –, até então limitada à crônica e à poesia.

É fora de dúvida – e nesse ponto Antônio Olinto está muito certo – que o Clube da Madrugada contribuiu de forma marcante para o surgimento dessa nova plêiade de intelectuais interessados no conto, saindo do seu grupo os valores reais representativos. De lá a esta parte, com efeito, os suplementos dos nossos jornais já não se mostravam tão pobres na publicação desse gênero. Os contistas passaram a figurar nessas folhas com assiduidade, procurando cada um dar sua colaboração ao desenvolvimento e à afirmação da história curta entre nós. Notou-se mesmo um súbito retraimento de cronistas e poetas que, em face da nova palavra de ordem, passaram a dedicar-se à ficção, escrevendo contos, que publicavam tanto nos jornais de Manaus, como nos de fora. É o caso típico de Benjamin Sanches que, inicialmente poeta, transferiu-se com armas e bagagens para a ficção, produzindo um bom número de trabalhos que estampou no então famoso Suplemento Literário do *Jornal do Brasil* (SDJB). Essas produções, enfeixadas mais tarde em livro – *O outro e outros contos* –, tornaram nacionalmente conhecido o autor. Algum tempo depois, seguindo o seu exemplo, outro poeta, também – Antísthenes Pinto –, lançava uma novela, de temática amazônica, intitulada *Chavascal*.

Em que pese, porém, à evolução experimentada nestes últimos anos na prosa de ficção do Amazonas – já temos inclusive romancistas premiados –, o conto amazonense ainda é pouco conhecido fora do Estado. Sua divulgação, em termos nacionais, tem sido feita com morosidade, muito provincianamente, ocorrendo mais por iniciativa dos próprios autores que de um órgão do Governo ou um veículo especializado que tomasse a cargo essa tarefa.

* * *

Foi considerando esses fatos que nos nasceu a idéia desta antologia. Achamos haver chegado o momento de mostrar ao país, divulgando de forma mais efetiva, o que se vem fazendo aqui de positivo e real na área da história curta, onde vamos encontrar mais de uma dezena de jovens vivamente empenhados no seu cultivo – uns

com livros já publicados; outros ainda por publicar, mas todos talentosos e perfeitamente entrosados no espírito da moderna contística brasileira, hoje tão fértil em valores como Dalton Trevisan, Rubem Fonseca, Astrid Cabral, Samuel Rawet, Assis Brasil, Rodrigues Marques, José Louzeiro, Mário Paiva Garcia, Breno Acioly, João Antônio e outros.

A *Antologia do novo conto amazonense* – a primeira no gênero que se publica no Brasil – reúne dezessete contistas, todos – com exceção de um – nascidos no Amazonas e pertencentes às mais diversas tendências literárias, com representantes que vão do regionalismo ao conto experimental, passando pelo social, o urbano e o intimista. Constitui-se esta obra, em última análise, a mais completa amostragem – e ela só quer ser isto mesmo – do trabalho que se empreende no momento neste Estado visando à valorização, em termos locais, desse tão discutido gênero da literatura.

Ressalte-se que o seu aparecimento, agora, no cenário literário do país, não decorreu da improvisação. Antes deve-se a muitos meses de trabalho, buscas demoradas, compilações exaustivas – tudo para podermos oferecer ao leitor brasileiro, dentro da melhor forma, um quadro honesto e tanto ou quanto exato da situação atual da nossa contística, o que lhe permitirá naturalmente tirar do espírito a falsa idéia – corroborada por determinada área da imprensa sulina – de que aqui a literatura de ficção ainda não tem representantes.

Vale ainda notar que esta coletânea, em que apresentamos o melhor dos nossos “conteurs”, poderá constituir-se fonte indispensável aos críticos, estudantes e pesquisadores que, de futuro, pretendam fazer levantamentos da ficção no Amazonas, pesquisando-a ou interpretando-a naquilo que ela tem de mais significativo e fundamental.

Esse, em suma, o objetivo a que nos propusemos com esta obra. Se alcançado, ter-nos-emos dado por satisfeito.

Arthur Engrácio
Manaus, agosto de 1971

C O L E C Ç Ã O
RESGATE

BARRO VERDE

Elson Farias

VARANDA DE PÁSSAROS

Jorge Tufic

VISGO DA TERRA

Astrid Cabral

O TOCADOR DE CHARAMELA

Erasmus Linhares

FRAUTA DE BARRO

Luiz Bacellar

AZUL GERAL

Ernesto Penafort

LUNAMARGA

Alencar e Silva

VITRAIS DA BUSCA

Max Carpentier

SOMBRA E ASFALTO

Antísthenes Pinto

ANTOLOGIA DO NOVO CONTO AMAZONENSE

Arthur Engrácio (Org.)

HISTÓRIAS DE SUBMUNDO

Arthur Engrácio

MUNDO MUNDO VASTO MUNDO

Carlos Gomes

Os livros que compõem a terceira etapa da Coleção

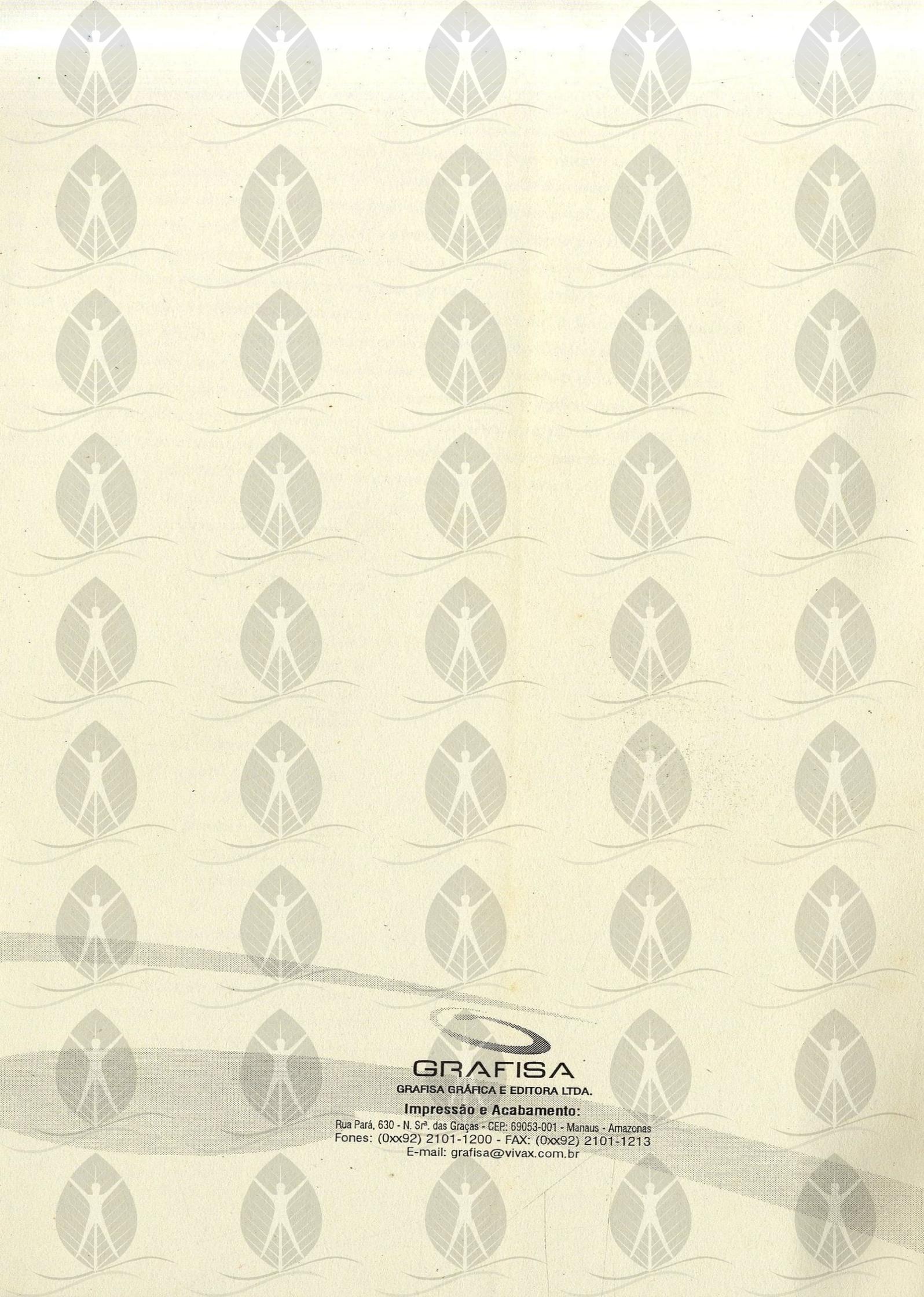
Resgate são representativos da produção dos autores que participaram do Clube da Madrugada e ilustram as tendências, temas e preocupações humanas que marcaram a trajetória desse importante movimento cultural do Amazonas. Em reconhecimento pela inestimável contribuição para o enriquecimento de nosso patrimônio artístico, a Editora Valer e seus parceiros pretendem, com este gesto, homenagear os artistas e intelectuais que ajudaram a escrever esse capítulo fundamental da História do pensamento em nossa terra. É um trabalho expressivo de nosso compromisso com a civilização e um ato de amor às palavras, à literatura, à beleza e ao ser humano. Melhor dizendo: é uma celebração e uma homenagem ao Cinquentenário do Clube (que se comemora no dia 22 de novembro de 2004) e também um registro em prol da memória e um ato de resistência à ação corrosiva do tempo. Com isso, queremos deixar registrado o nosso reconhecimento ao esforço intelectual dos jovens que cometeram esse ato de ousadia e o nosso testemunho deste momento significativo em que se comemora os 50 anos de História do Clube da Madrugada. Este livro foi

*impresso em Manaus, no
mês de novembro
de 2004, pela gráfica
Grafisa.*

*Silenciosa em seu
fluir imutável, a
vida germina no
ventre da noite o
sonho de um
canto novo, a ser
entoado pelos
poetas deste chão.*

*A madrugada
amanheceu e o
tempo se fez luz. Já
não somos mais os
mesmos. Que belo
milagre é a vida. E que a
promessa de um mundo livre,
justo, cheio de beleza e poesia se
cumpra. E que, junto com o pão, livros possam
ser servidos em todas as mesas: no café, no almoço e no jantar.*

TENÓRIO TELLES



GRAFISA

GRAFISA GRÁFICA E EDITORA LTDA.

Impressão e Acabamento:

Rua Pará, 630 - N. Sr. das Graças - CEP: 69053-001 - Manaus - Amazonas
Fones: (0xx92) 2101-1200 - FAX: (0xx92) 2101-1213
E-mail: grafisa@vivax.com.br

A Antologia do Novo Conto Amazonense – a primeira no gênero que se publica no Brasil – reúne dezessete contistas, todos – com exceção de um – nascidos no Amazonas e pertencentes às mais diversas tendências literárias, com representantes que vão do regionalismo ao conto experimental, passando pelo social, o urbano e o intimista. Constitui-se esta obra, em última análise, a mais completa amostragem – e ela só quer ser isto mesmo – do trabalho que se empreende no momento neste Estado visando à valorização, em termos locais, desse tão discutido gênero da literatura.





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA